

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ENFERMAGEM

Juliana Alves Viana Matos

**PRÁTICAS CORPORAIS: O CORPO-CIDADÃO COMO
EXPRESSÃO DA PROMOÇÃO DA SAÚDE**

Belo Horizonte
2019

Juliana Alves Viana Matos

**PRÁTICAS CORPORAIS: O CORPO-CIDADÃO COMO
EXPRESSÃO DA PROMOÇÃO DA SAÚDE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do título de Doutora em Enfermagem.

Área de concentração: Saúde e Enfermagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kênia Lara da Silva
Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Marie-Carmen Garcia
(*Université Toulouse III- Paul Sabatier*)

Belo Horizonte
2019

M433p Matos, Juliana Alves Viana.
Práticas corporais [manuscrito]: o corpo-cidadão como expressão da promoção da saúde. / Juliana Alves Viana Matos. - - Belo Horizonte: 2019.

214f.: il.

Orientador (a): Kênia Lara da Silva.

Coorientador (a): Marie-Carmen Garcia.

Área de concentração: Saúde e Enfermagem.

Tese (doutorado): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem.

1. Saúde Pública. 2. Sociologia. 3. Promoção da Saúde. 4. Determinantes Sociais da Saúde. 5. Atividade Motora. 6. Terapia por Exercício. 7. Dissertações Acadêmicas. I. Silva, Kênia Lara da. II. Garcia, Marie-Carmen. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. IV. Título.

NLM: W 85

ATA DE NÚMERO 131 (CENTO E TRINTA E UM) DA SESSÃO PÚBLICA DE ARGUIÇÃO E DEFESA DA TESE APRESENTADA PELA CANDIDATA JULIANA ALVES VIANA MATOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTORA EM ENFERMAGEM.

Aos 26 (vinte e seis) dias do mês de abril de dois mil e dezenove, às 14:00 horas, realizou-se no Anfiteatro da Pós-Graduação - 432 da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, a sessão pública para apresentação e defesa da tese "*PRÁTICAS CORPORAIS PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE: OLHARES SOBRE O CORPO E OS DETERMINANTES SOCIAIS*", da aluna **Juliana Alves Viana Matos**, candidata ao título de "Doutora em Enfermagem", linha de pesquisa "Educação em Saúde e Enfermagem". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes professores doutores: Kênia Lara da Silva (orientadora), Marco Akerman, José Alfredo Oliveira Debortoli, Cláudia Maria de Mattos Penna e Rita de Cássia Marques, sob a presidência da primeira. Abrindo a sessão, a Senhora Presidente da Comissão, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

APROVADA;
 REPROVADA.

A Comissão examinadora recomendou a mudança do título para:

"PRÁTICAS CORPORAIS: O CORPO-CIDADÃO COMO EXPRESSÃO DA PROMOÇÃO DA SAÚDE"

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Senhora Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, eu, Andréia Nogueira Delfino, Secretária do Colegiado de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, lavrei a presente Ata, que depois de lida e aprovada será assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 26 de abril de 2019.

Prof.^a. Dr.^a. Kênia Lara da Silva
Orientadora (Esc.Enf/UFMG)

Prof. Dr. Marco Akerman
(Faculdade de Saúde Pública da USP)

Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli
(UFMG)

Prof.^a. Dr.^a. Cláudia Maria de Mattos Penna
(Esc.Enf/UFMG)

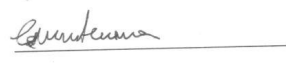
Prof.^a. Dr.^a. Rita de Cássia Marques
(Esc.Enf/UFMG)

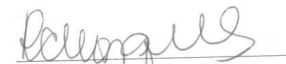
Andréia Nogueira Delfino
Secretária do Colegiado de Pós-Graduação




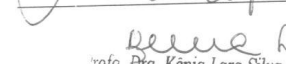












Prof.^a. Dr.^a. Kênia Lara da Silva
Orientadora do Colegiado de Pós-Graduação em Enfermagem
Escola de Enfermagem da UFMG

HOMOLOGADO em sessão do CPG
Em 06.05.2019

*À memória do meu irmão Raphael, vítima da violência
cruel que perdura nas periferias urbanas brasileiras.*

AGRADECIMENTOS

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho aprendi a lidar com o descaminho. Ainda assim, só tenho motivos para agradecer: jamais estive sozinha!

Agradeço

Aos grupos de capoeira regional e dança que contribuíram com o desenvolvimento deste trabalho, em especial aos participantes que serão aqui apresentados. Obrigada por partilharem comigo seu cotidiano. Vocês são anônimos no contexto da pesquisa, mas nunca em meu coração.

À Professora Kênia Lara Silva, minha orientadora, com quem aprendi a lançar um olhar sensível à ciência. Este ano, completam-se dez anos da sua defesa de doutorado e só cresceram sua competência e dedicação à promoção da saúde. Muito obrigada por acreditar neste trabalho e por me ajudar a concluí-lo.

À Professora Roseni Senna (em lembrança), suas críticas foram cruciais aos primeiros esboços deste projeto. Seus ensinamentos acompanharão para sempre minha trajetória.

Às Professoras Marie-Carmen e Christine Mennesson, pelas contribuições. Ao grupo “Centre de Recherches Sciences Sociales Sports et Corps” pela acolhida em Toulouse, muito obrigada pelas trocas e por ampliarem meus horizontes .

«Je remercie Marie-Carmen et Christine Mennesson pour ses remarques très constructives. Je remercie aussi les membres de l'équipe CRESCO, pour les échanges intellectuellement riches que nous avons eu.»

Aos membros da banca: Profa Rita por sua poesia, Profa Cláudia por sua clareza, Prof. José Alfredo por sua gentileza e Prof. Marco por sua simpatia. Obrigada por gentilmente aceitarem o convite e se disponibilizarem a trazer suas valiosas contribuições.

À Fundação Municipal de Cultura por receberem meu projeto, principalmente aos Senhores Valter Braga e Frederico Diniz. Aos gerentes, coordenadores e produtores dos Centros Culturais de Belo Horizonte pela acolhida em seus espaços.

Aos colegas do grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino e Prática de Enfermagem” pela formação e incentivo à construção coletiva. Principalmente aos membros do projeto Educação Permanente em Saúde, nossos debates foram importantes para o meu crescimento profissional.

Ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem pelas oportunidades, principalmente aos docentes da linha de pesquisa Gestão e Educação na Saúde e Enfermagem.

À CAPES, ao CNPq e à FAPEMIG pelos incentivos recebidos ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos meus alicerces

Ao Frederico, do seu lado tenho forças para existir- reexistir- resistir.

*Amor meu, minhas penas, meu delírio,
aonde quer que vás, irá contigo meu corpo,
mais que um corpo, irá um'alma,
sabendo embora ser perdido intento.
(Carlos Drummond de Andrade)*

Aos meus pais, Judith e Wilson, que com sua simplicidade sequer sabem o que é um "doutorado", mas com seu amor infinito comemoram comigo todas as minhas vitórias.

Aos meus cães Nina, Ellis Regina, Coração, Noel e Fredinho (em lembrança).

Às minhas famílias.

Às minhas amigas e aos meus amigos, não vou citá-las (os) para não correr o risco de ser injusta, mas vocês sabem quem são e o quanto os amo.

Ao meu psiquiatra Dr. Paulo, por cuidar do meu plano terapêutico e das minhas crises de ansiedade e depressão.

Enfim, agradeço a todos que perpassaram meu caminho e fizeram deste, um trabalho especial.



Favelas, 1957, Cândido Portinari.

RESUMO

O presente trabalho discute a prática corporal no contexto da promoção da saúde, por sua possibilidade em contribuir com a saúde ao aliar o corpo e a cultura. Parte-se do entendimento que as práticas corporais são abalizadas pelos determinantes sociais da saúde, contudo, o seu estímulo parece estar estritamente ligado ao discurso preventivo de doenças. O trabalho foi conduzido à luz da sociologia crítica de Bourdieu. O objetivo do estudo foi analisar as práticas corporais e os seus determinantes sociais no campo da promoção da saúde. O estudo teve como cenário dois Centros Culturais do município de Belo Horizonte e as práticas corporais analisadas foram a capoeira regional e a dança. Participaram do estudo nove capoeiristas e nove dançarinos (as) /bailarinos (as). O trabalho de campo utilizou a técnica de mapa corporal narrado realizado junto aos participantes em, no mínimo, três encontros. Os roteiros semiestruturados partiram do contorno do corpo e desenredavam-se sobre as condições de saúde e vida dos participantes. Os produtos (imagens, narrativas e discursos) foram analisados sob a perspectiva sociológica. Foram atendidas as diretrizes e normas regulamentadoras das pesquisas envolvendo seres humanos (resolução 466/12). As categorias empíricas foram construídas em torno dos conceitos bourdieusianos de *habitus*, hexis corporal, dominação e capital social. Os resultados evidenciaram que as concepções de saúde presentes no interior das práticas corporais corroboram com a perspectiva biomédica e transitam entre os hábitos alimentares, a ingesta hídrica e as atividades físicas. Em contrapartida, as práticas promovem o despertar do corpo indicando novos caminhos para a hexis corporal dos agentes. A análise dos dados indicou que os corpos femininos possuem uma estética própria determinada socialmente pela dominação masculina. Evidenciou-se a manifestação das dificuldades cotidianas relacionadas às múltiplas jornadas das mulheres: doméstica, profissional. Emergiu entre os agentes o discurso sobre o racismo brasileiro, revelando a dupla determinação sobre o corpo negro, que além do preconceito distingue-se por sua classe social. Nesse sentido, as práticas corporais proporcionam o resgate da cultura afro-brasileira. Os Centros Culturais se mostraram espaços capazes de ampliar o capital cultural dos agentes. Nestes lugares, atua o corpo-cidadão. Conclui-se que a análise de práticas corporais no contexto da promoção da saúde exige um olhar atento aos determinantes sociais da saúde. A teoria de Bourdieu subsidiou a construção de um modelo analítico capaz de desvelar o corpo e as relações estruturais de gênero e raça. Os achados revelaram a singularidade dos corpos, mas também evidenciaram como as interpretações históricas compõem o *habitus*. O compartilhamento de saberes culturais entre os grupos promove a aceitação da historicidade negra na formação das corporalidades. Mesmo em cenários desfavoráveis, as práticas corporais (re) significam nos espaços da cidade intensificando as experiências do corpo.

Palavras-chave: Práticas Corporais, Promoção da Saúde, Determinantes Sociais da Saúde, Habitus, Corpo, Gênero, Raça.

ABSTRACT

Body practices for health promotion: viewpoints about the body and the social determinants

The present work discusses body practice in the health promotion context, for its possibility to contribute to health uniting body and culture. There is an understanding that body practices are socially determined, however they are strictly stimulated by the disease preventive discourse. The work was conducted in the light of Bourdieu critical sociology. The aim of this study was to analyze the social determinants of body practices in the field of health promotion. The study took place at two cultural centers in the city of Belo Horizonte and the body practices analyzed were regional capoeira and dance. Nine capoeira players and nine dancers have participated in the study. The fieldwork used the body-map storytelling technique conducted with the participants through at least three meetings. The semi structured interview guides started with the body contour and unravel the participants social and life conditions. The products (images, narratives and discourses) were analyzed from a sociological perspective. Guidelines and standards regulating research involving human beings were addressed (466/12 resolution). The empirical categories were built under the bourdieusian concepts *habitus*, bodily hexis, domination and social capital. The results showed that health notions present in the body practices corroborate with the biomedical perspective and transits between eating habits, water consumption and physical activities. In contrast, the practices promote the awakening of the body indicating new ways for the bodily hexis of the agents. Data analysis indicated that the feminine bodies possess an aesthetic socially determined by masculine domination. It was evident the manifestation of the daily difficulties related to the multiple journeys of women: domestic and professional. It also emerge from the agents the Brazilian racism discourse, revealing the double determination on the black body, which in addition to prejudice is distinguished by its social class. In this sense, the body practices rescue the Afro-Brazilian culture. The Cultural Centers showed themselves spaces capable of enlarge the social capital of the agents. In these places acts the “citizen-body”. It is conclude that the analysis of body practices in the health promotion context requires an attentive look at the social determinants of health. Bourdieu’s theory contributed with the construction of an analytical model capable of unveiling the body and the structural relations of gender and race. The findings reveal the body singularities, but also evidence how the historical interpretations compose the *habitus*. The sharing of cultural knowledge between the groups promotes the acceptance of black historicity in the training of corporealities. Even in unfavorable scenarios, body practices (re) signify in the spaces of the city intensifying the experiences of the body.

Keywords: Body Practices, Health Promotion, Social Determinants of Health, Habitus, Body, Gender, Race.

LISTA DE FOTOGRAFIAS DOS MAPAS CORPORAIS

Mapa Corporal 1- Jangada do Campo.....	66
Mapa Corporal 2 - Algodãozinho.....	68
Mapa Corporal 3 - Taiuiá	70
Mapa Corporal 4 - Assa-Peixe.....	73
Mapa Corporal 5 - Carobinha	75
Mapa Corporal 6 - Bacupari	77
Mapa Corporal 7 - Jequitibá	79
Mapa Corporal 8 - Buriti	82
Mapa Corporal 9 - Imburama	85
Mapa Corporal 10 - Pequi.....	88
Mapa Corporal 11 - Amaro Leite	91
Mapa Corporal 12 - Jaborandi	93
Mapa Corporal 13 - Copaíba.....	95
Mapa Corporal 14 - Jurubebinha	97
Mapa Corporal 15 - Velame do Campo	99
Mapa Corporal 16 - Aroeirinha	101
Mapa Corporal 17 - Jatobá	103
Mapa Corporal 18 - Ipê.....	105

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Modelo de Dahlgren e Whitehead com os principais determinantes da saúde, 1991.	28
Figura 2- Modelo conceitual proposto pela Comissão de Determinantes Sociais da Saúde, 2010.	29
Figura 3- Exemplo da disposição dos materiais durante os encontros.	44
Figura 4 – Exemplo da disposição dos materiais durante os encontros.	44
Figura 5 - Imagem do mapa desenvolvido na oficina piloto para fins de ilustração.	46
Figura 6 - Modelo de análise sociológica.	55
Figura 7- Modelo esquemático para análise dos determinantes sociais da saúde sob a perspectiva de Bourdieu.	56
Figura 8- Detalhe do mapa de Imburama representando sua saúde.	109
Figura 9 - Detalhes dos mapas de Imburama (a) e Algodãozinho (b).	110
Figura 10 - Detalhe do mapa de Carobinha.	111
Figura 11 – Detalhes do mapa de Jurubebinha	114
Figura 12- Detalhe do mapa de Bacupari.	117
Figura 13 - Imagem dos mapas de Bacupari e Imburama representando os golpes cadeira e quebra de rim.	119
Figura 14- Imagem do mapa de Jaborandi representando o movimento <i>en dehors</i>	119
Figura 15 - Detalhe do mapa de Taiuiá, com a representação gráfica das atividades realizadas para além da capoeira: bicicleta, corrida e musculação.	123
Figura 16- Detalhe do mapa de Copaíba com sua mensagem.	126
Figura 17 - Detalhe do mapa de Taiuiá associando sua frase ao espaço da mente (cérebro)	127
Figura 18 - Detalhes dos mapas corporais de Assa-Peixe (a), Jequitibá (b), Aroeirinha (c) e Jatobá (d).	132
Figura 19 - Detalhe do mapa de Jequitibá	138
Figura 20 - Detalhe do mapa de Carobinha.	138
Figura 21 - Detalhe do mapa de Assa-Peixe com sua frase colocada na parte superior do seu material	139

Figura 22 - Detalhe do mapa de Algodãozinho em dois momentos, sua frase e os dizeres que indicam o chamado dos filhos.....	139
Figura 23 - Detalhe das representações dos cabelos de: Jaborandi (a), Aroeirinha (b) e Jatobá (c).....	164
Figura 24 - Detalhe do mapa de Imburama com a representação do punho cerrado erguido no ar.	168
Figura 25 - Detalhe do mapa de Bacupari com a representação do sol e do chão.	169
Figura 26- Detalhe do mapa de Amaro Leite	170
Figura 27 - Detalhes dos mapas Assa-Peixe (a) e Carobinha (b).....	179
Figura 28 - Detalhe dos mapas com as representações dos instrumentos utilizados na roda de capoeira: Bacupari (a), Algodãozinho (b) e Jequitibá (c)	184
Figura 29- Imagem da roda de capoeira do grupo analisado, dezembro de 2016.	184

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CRESCO	<i>Centre de Recherches Sciences Sociales Sports et Corps</i>
CC	Centros Culturais
CSDH	<i>Commission on Social Determinants of Health</i>
DSS	Determinantes Sociais da Saúde
IUHPE	<i>International Union of Health Promotion and Education</i>
NUPEPE	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino e Prática de Enfermagem
OMS	Organização Mundial da Saúde
PBH	Prefeitura de Belo Horizonte
PNPIC-SUS	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS
PNPS	Política Nacional de Promoção da Saúde
PNSIPN	Política Nacional de Saúde Integral da População Negra
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
WHO	<i>World Health Organization</i>

SUMÁRIO

1	TRAVESSIAS	17
1.1	Delimitação do problema de pesquisa	18
2	REFERENCIAL TEÓRICO	26
2.1	Abordagem crítica dos determinantes sociais da saúde	27
2.2	Do micro ao macro: as dimensões do corpo	30
2.3	Aproximação dos conceitos bourdieusianos.....	34
3	PERCURSO METODOLÓGICO	39
3.1	Definições metodológicas.....	40
3.1.1	<i>A escolha do cenário</i>	40
3.2	Produção dos dados: o mapa corporal narrado como técnica de pesquisa.....	42
3.2.1	Encontro com o novo: aplicação da técnica	43
3.2.2	<i>Construção das narrativas: metodologia de estudo na interpretação de fontes orais</i>	49
3.3	Participantes	51
3.4	Análise: maneiras de interpretar e refletir sobre os dados.....	53
3.5	Aspectos éticos	57
4	APRESENTAÇÃO DOS AGENTES PARTICIPANTES	59
4.1	O grupo da capoeira regional	59
4.2	O grupo da dança.....	61
4.3	Apresentando os capoeiristas e bailarinos (as)/dançarinos (as).....	64
	CAPOEIRISTAS	65
	BAILARINOS (AS) E DANÇARINOS (AS).....	87
5	DESPERTAR DOS SABERES DO CORPO	108
5.1	Que saúde é essa? Concepções do processo saúde-doença expressas no corpo.	108
5.2	O despertar dos corpos para a promoção da saúde.....	116
6	DETERMINANTES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS CORPORAIS: CONSTRUÇÃO SOCIAL DO <i>HABITUS</i> FEMININO	131

6.1	Hexis corporal feminina: a estética da mulher	132
6.2	Condicionantes sociais: a incorporação das estruturas de gênero	137
6.3	O visível e o invisível na metafísica dos corpos femininos: assédio e estupro.....	148
7	“NEGUINHO, ENCOSTA!”: INIQUIDADE ÉTNICO-RACIAL E A DISTINTIÇÃO DO NEGRO NO BRASIL	156
7.1	Determinantes da saúde da população negra: um olhar sobre o racismo.....	157
7.2	Raça e gênero: interseccionalidades	161
7.3	Possibilidades: promovendo o regaste da cultura negra por meio das práticas corporais.....	165
8	TRANSCENDENDO OS LIMITES DAS PRÁTICAS: O CORPO-CIDADÃO	173
8.1	Valorização da cidadania: prevenção da violência e promoção da cultura de paz.....	182
9	À GUIA DE CONCLUSÃO	189
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	196
	APÊNDICES	204
	ANEXOS.....	211

CAPÍTULO 1

TRAVESSIAS

O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.

(Guimarães Rosa, 1956, p.14)

1 TRAVESSIAS

O trabalho aqui apresentado foi motivado por uma intensa vontade em promover a saúde da população brasileira. Ao me enveredar pelo campo da ciência e dos estudos da saúde coletiva encontrei junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino e Prática de Enfermagem (NUPEPE) a oportunidade de me aproximar dos conceitos centrais da promoção da saúde. Impressionei-me com as inovações neste campo, principalmente as práticas incitadas no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS).

Entendo que minha atuação como enfermeira exige um olhar sobre o trabalho vivo em ato, e o campo da promoção se mostrou um terreno fértil, propício ao desenvolvimento de investigações e compartilhamentos dos saberes em saúde. Ao pensar a promoção da saúde no Brasil tenho a impressão de que estamos sempre em busca de melhores definições e conceitos capazes de traduzir aos trabalhadores da saúde e à população em geral o que é a “saúde” em seu conceito “ampliado” e como alcançá-la.

Durante o meu mestrado¹ me dediquei aos espaços das Academias a Céu Aberto² de Belo Horizonte, com intuito de compreender as práticas de atividades físicas sob o prisma do materialismo histórico dialético. Àquela época evidenciei como as classes sociais dialogavam com o corpo e os espaços da cidade. Das dúvidas deste trabalho emergiu a possibilidade de desenvolvimento do meu projeto de doutoramento.

Ante as discussões nacionais e internacionais sobre a promoção da saúde fui arrebatada pela temática das práticas corporais e a sua determinação social. Sempre me inquietou o estímulo e o consumo das atividades motoras dissociadas do seu

¹ MATOS, Juliana Alves Viana. **Modo de vida e a prática de atividade física em academia a céu aberto: relações e contradições**. 2014. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Enfermagem.

² Conhecida em outras partes do país sob o nome de Academias ao Ar Livre.

contexto original o que, na minha perspectiva, impõe aos sujeitos um consumo globalizado de práticas “da moda” em detrimento a práticas ligadas à nossa própria cultura.

Neste trabalho, encontram-se reunidos um apanhado de atravessamentos³ que dizem sobre as práticas corporais e os diferentes discursos sobre o corpo e a promoção da saúde presentes no cotidiano. Norteada pela sociologia crítica de Pierre Bourdieu⁴ busquei dar maior adensamento teórico ao trabalho, marcado por incertezas e questionamentos. Aqui pretendo respeitosamente apresentar o que, hoje, ousou chamar de *Tese*.

1.1 Delimitação do problema de pesquisa

A saúde coletiva abrange um campo vasto e polissêmico, capaz de impactar de diferentes maneiras na sociedade. A Organização Mundial da Saúde (OMS) sustenta a ideia de que a saúde é “[...] um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade” (OMS, 1946). Contudo, apenas o reconhecimento formal é insuficiente para reconfigurar o campo ideológico da saúde. Entendendo que, numa perspectiva histórica, os últimos séculos marcaram o fortalecimento de um discurso extraoficial, por assim dizer, onde a saúde é entendida como antônimo da doença.

Uma breve análise das origens das ciências da saúde é capaz de revelar o enfoque dado à doença (ALMEIDA FILHO, 2000). O lugar ocupado pela saúde pode ser majoritariamente correlacionado às ciências básicas e clínicas. No século XX, uma miscelânea de programas verticais baseados na tecnologia dominou a saúde pública, a

³ Todas as frases e aforismos de Guimarães Rosa presentes no trabalho pertencem à obra “*Grande Sertão: Veredas*”, cuja primeira edição data de 1956.

⁴ A realização do doutorado sanduíche junto ao grupo de pesquisas *Centre de Recherches Sciences Sociales Sports et Corps* (CRESCO), na Universidade de Toulouse facilitou a compreensão e utilização deste referencial.

exemplo do êxito das campanhas de erradicação de doenças que estimulou o foco na tecnologia de prevenção e cura, deixando de lado o contexto social (GEIB, 2012). Nos países em desenvolvimento, as décadas de 1960 e 1970 impulsionaram o enfoque comunitário, instrumentalizado através da educação sanitária e da prevenção de doenças para atender as necessidades básicas de saúde (BRASIL, 2015; POSSAS, 1989).

Nesse sentido, ao longo da sua história a saúde coletiva passou por um processo gradual e complexo com vistas a incentivar os ideários de promover a saúde e prevenir agravos e doenças nas populações dos “Estados modernos” (TRAVERSO-YÉPEZ, 2007, p. 224). A discussão do paradigma biomédico revelou certa centralidade na doença enquanto uma limitação do olhar profissional sobre o sujeito (ALMEIDA FILHO, 2000).

O Relatório Lalonde “*A new perspective on the health of Canadians: a working document*” é um marco neste campo. O documento que leva o nome do ministro da saúde e bem-estar nacional canadense Marc Lalonde foi produzido em 1974, e resgata as bases do sistema de saúde do Canadá destacando a importância da gestão na compreensão das condições de vida da população e os problemas relacionados à organização do sistema de saúde (LALONDE, 1974). Outros conteúdos abordados no relatório configuram-se, ainda hoje, como dilemas enfrentados pela saúde pública, como a legitimidade das práticas promotoras da saúde e o enfoque na cura em detrimento ao cuidado (LALONDE, 1974).

Evidenciou-se que “O esgotamento do paradigma biomédico, a mudança do perfil epidemiológico e os novos desafios sociopolíticos e culturais das últimas décadas têm ensejado o aparecimento sobre o pensar e o fazer sanitários.” (CARVALHO, 2005, p. 23). Uma década mais tarde, em 1986 a Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde realizada também no Canadá, não por coincidência, promulgou a Carta de Ottawa onde o desenvolvimento conceitual da promoção da saúde emerge como uma concepção mais abrangente do processo saúde-doença (TRAVERSO-YÉPEZ, 2007).

Este e outros relatórios ganharam notoriedade, provocando questionamentos sobre o real impacto das ações governamentais na saúde das populações (RAPHAEL, 2008). Apresentaram-se como bases fundamentais para boas condições de saúde: paz, moradia, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade (WHO, 1986). Esse ideário desvela as desigualdades e iniquidades em saúde indicando a importância de lançar o olhar aos menos favorecidos e ampliar o acesso às práticas promotoras.

No Brasil, a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) desponta como o resultado de intensos debates nacionais e tem como alicerce o conceito de saúde articulando à importância das ações de proteção e controle social (BRASIL, 2015). A PNPS dá destaque a nove temas prioritários: formação e educação permanente; alimentação adequada e saudável; práticas corporais e atividades físicas; enfrentamento do uso do tabaco e seus derivados; enfrentamento do uso abusivo de álcool e outras drogas; promoção da mobilidade segura; promoção da cultura da paz e de direitos humanos e promoção do desenvolvimento sustentável.

Dos temas sugeridos pela PNPS, as *práticas corporais* e *atividades físicas* estão entre aqueles que compõem, há muito tempo, a agenda difundida pelas políticas públicas. O eixo temático foi citado ainda na primeira versão da PNPS, lançada em 2006 (BRASIL, 2006a). Ano que contou também com a publicação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) que previa a inclusão de práticas corporais ligadas à medicina tradicional chinesa no contexto do SUS (BRASIL, 2006b).

As evidências científicas admitem que as atividades físicas promovem a saúde e previnem doenças (BRASIL, 2015). A inatividade física é considerada o quarto maior fator de risco para mortalidade representando 6% da população a nível mundial (WHO, 2010a). Estima-se que 27% dos diabetes e 30% das cardiopatias isquêmicas estejam relacionadas à inatividade física (WHO, 2010a). Assim, organismos internacionais tais como a OMS, emitem periodicamente recomendações com o intuito de direcionar profissionais da saúde e gestores a estimular a prática de atividade física entre os diferentes grupos populacionais.

Aproveito o ensejo para inteirar que na literatura científica brasileira existem diversas distinções etimológicas no que diz respeito à gestualidade e expressão corporal do ser humano. Discute-se que, apesar de serem consideradas por alguns como sinônimos, as *práticas corporais* diferem-se da atividade física sendo que a última se relaciona aos movimentos produzidos pelos músculos esqueléticos que resultem em gasto de energia física em níveis superiores aos do repouso (FRAGA; CARVALHO; GOMES, 2013). A atividade física é o movimento realizado com foco na proteção ao aparecimento de distúrbios orgânicos provocados pelo estilo de vida sedentário (LOVISOLO, 2006).

Também relacionado a esta temática encontramos o termo exercícios físicos que seriam os movimentos articulados e repetitivos. São exercícios, as atividades planejadas e estruturadas com objetivo de melhorar e manter a aptidão física sendo necessária atenção à frequência, intensidade e duração (BRASIL, 2012; CARVALHO, 2006).

A influência do CRESCO em meu trabalho⁵ e, principalmente, a ausência de um consenso entre os pesquisadores brasileiros sobre a utilização, ou não, destes termos fizeram com que eu me afastasse dessas discussões e voltasse o meu olhar para o movimento do corpo e sua relação com a promoção da saúde. De acordo com a PNPS, as práticas corporais e atividades físicas compreendem:

Promover ações, aconselhamento e divulgação de práticas corporais e de atividades físicas, incentivando a melhoria das condições dos espaços públicos, considerando a cultura local e incorporando brincadeiras, jogos, danças populares, entre outras práticas. (BRASIL, 2015, p. 31)

Assim, interesse-me pelas práticas no campo da promoção da saúde ligadas à cultura envolvendo tudo aquilo circunscrito no âmbito das *práticas corporais* e das *atividades físicas*. E dedico-me ao corpo de forma livre, como acredito que ele deve ser, seja como uma possibilidade para o lazer, o despertar do prazer, a chance de convivência, ou mesmo a melhoria dos níveis glicêmicos e a perda de peso.

⁵ No CRESCO, aprendi que os termos atividade física, exercício, esporte, prática corporal e todos os outros, são tratados como sinônimos na literatura francesa. É o contexto e o enfoque desejado pelo autor, que dá o tom às distinções terminológicas.

A última Conferência Mundial de Promoção da Saúde conduzida pela *International Union of Health Promotion and Education* (IUHPE), realizada em Curitiba, teve como máxima “Promovendo saúde e equidade” destacando que, embora exista o reconhecimento da necessidade de intervenção dos diferentes níveis governamentais sobre os determinantes sociais da saúde (DSS) e da equidade “[...] a distância entre aqueles no topo e na parte inferior da hierarquia social continua aumentando (IUHPE, 2016)”. Durante o evento, cientistas e pesquisadores tiveram a oportunidade de discutir e apresentar novas propostas para práticas promotoras da saúde, principalmente ante o cenário de crise das políticas econômicas neoliberais.

Este cenário, aliado à publicação da revisão da PNPS reforçaram, para mim, a promoção da saúde como valor fundamental. Corroborando com Akerman:

Promover a saúde e recuperá-la como valor de uso; resgatá-la como instrumento de preservação e de desenvolvimento da vida; interferir nos estilos e modos de vida e na produção de políticas públicas que tomem em primeira mão o desenvolvimento do humano; desenvolvimento para a saúde, entendida, então, como sinônimo de vida, passam a partir de então a se constituir em objetivos dos diversos movimentos e propostas em oposição a biomedicina durante boa parte do século XX, o que resultou no experimento de novas formas de conceber a saúde e de organizar sistemas e serviços de saúde. (AKERMAN, 2008, p. 47)

Assim, destaca-se o potencial papel das políticas públicas no desenvolvimento de práticas capazes de promover e melhorar a saúde: seja com foco na mudança de comportamento, melhoria na alimentação, estímulo à prática de exercícios; ou atuando em problemas de nível estrutural como desemprego e pobreza (WILKINSON; MARMOT, 2003).

As reflexões sobre o estímulo às práticas corporais como eixo promotor da saúde despertou-me os seguintes questionamentos: como as práticas corporais contribuem para a promoção da saúde? Quais as concepções sobre a saúde são construídas nos corpos dos participantes de práticas corporais? Quais os DSS são percebidos em participantes de práticas corporais?

Compreendo a influência do ambiente social e dos determinantes sobre saúde. E, parto da premissa de que as práticas corporais são abalizadas pelos DSS, “identificando as diferenças nas condições e nas oportunidades de vida alocando

recursos e esforços para a redução das desigualdades injustas e evitáveis, por meio do diálogo entre os saberes técnicos e populares” (BRASIL, 2015, p. 14).

Defendo a *tese* de que as práticas corporais são determinadas socialmente e as relações sociais horizontais e verticais definidas estruturalmente pela cultura promovem mudanças no corpo individual e coletivo. *Pressuponho* que a realidade imposta aos sujeitos ainda está estritamente ligada ao movimento humano enquanto possibilidade de gasto energético e prevenção de doenças. Contudo, as práticas corporais podem contribuir com a construção de novas relações entre o corpo e a saúde.

O estudo teve como objetivo *analisar as práticas corporais e os seus determinantes sociais no campo da promoção da saúde*.

Acredito que o trabalho trará uma reflexão sobre as concepções de corpo e saúde no interior das práticas corporais, bem como as interações entre os participantes e as distintas classes sociais dando visibilidade às condições de vida.

Para subsidiar as discussões busco aporte na teoria crítica de Pierre Bourdieu, que reconhece o corpo como produto da fabricação cultural. O autor argumenta que, para além das bases fisiológicas, o corpo expressa também aquilo que é adquirido no campo social, tais como posturas ou roupas⁶ (BOURDIEU, 1977). Nesse sentido, este trabalho se encontra em um quadro contextual que figura entre os estudos da saúde pública e a promoção da saúde, perpassando a sociologia crítica e a sociologia do corpo.

Sendo as diferenças nos níveis de saúde de uma população vistas como um importante indicador de justiça social, a enfermagem - enquanto profissão que compõe a equipe multiprofissional de saúde - exerce importante papel na realização de novas práticas, principalmente sob a perspectiva coletiva. Pensar na assistência de enfermagem à saúde coletiva exige reconhecer os DSS, legitimando a saúde como um efeito das estruturas sociais. Acredito que exista uma indivisibilidade entre o social e

⁶ O autor utiliza o termo *mimique*, que como uma das formas de comunicação humana é a maneira de expressar o pensamento por meio de gestos, expressões corporais e fisionômicas.

o biológico, e romper com esse processo envolve um olhar sobre as relações sociais buscando as lacunas entre os mais e menos privilegiados.

Após esta introdução, o caminho da leitura se inicia no capítulo 2 onde me dedico à contextualização do estudo e aos referenciais teóricos com definições sobre os DSS, as dimensões do corpo e os conceitos centrais da sociologia de Bourdieu que orientaram a construção do trabalho. No capítulo 3, são descritos os percursos metodológicos, com as definições e escolhas realizadas ao longo do desenvolvimento do projeto. Apresento o processo de produção dos dados com uso da técnica de mapa corporal narrado e os seus desdobramentos, a construção das imagens e narrativas. Ao final do capítulo encontram-se informações sobre a análise do material empírico sob a perspectiva sociológica.

Em seguida, inicio a apresentação dos resultados e sua discussão. O exercício de construção das categorias foi árduo e não há uma divisão límpida e clara, sendo que os capítulos e subcapítulos estão interligados e transitam entre si. Inicio pelo capítulo 4, com a identificação dos dois grupos analisados e em seguida apresento os participantes: capoeiristas e bailarinos (as). O capítulo 5 inicia a discussão dos dados propriamente dita, e se dedica à análise do espaço singular do corpo trazendo elementos sobre as concepções de saúde e promoção da saúde nos corpos dos agentes.

Ao transpor os limites do corpo são revelados os condicionantes sociais percebidos no âmbito das práticas corporais. O capítulo 6 aborda os condicionantes do *habitus* feminino e como é construída a hexis corporal da mulher. No capítulo 7, as iniquidades raciais mostram como o racismo é parte do *habitus* do negro no Brasil, explicitando a interseccionalidade inscrita nos corpos.

No capítulo 8 trago o conceito de corpo-cidadão, que faz a ponte entre os corpos e os espaços da cultura. Por fim, exponho algumas reflexões e sínteses sobre o trabalho desenvolvido, buscando atar os pontos relevantes e fazer novos laços.

CAPÍTULO 2
REFERENCIAL TEÓRICO

E eu ia estudando tudo. Lugar meu tinha de ser a concruz dos caminhos.

(Guimarães Rosa, 1956, p. 596)

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste trabalho, proponho uma aproximação das contribuições das vertentes teóricas da sociologia crítica, buscando recortes mais específicos na obra de Pierre Bourdieu. Por que lançar um olhar sociológico para a promoção da saúde? A resposta para esta pergunta pode parecer simples, contudo no cotidiano dos serviços de saúde o olhar sobre o “social” por vezes pode se perder em meio à práxis. Não que seja possível dissociá-los, a meu ver não é possível separar esses fenômenos. Porém a ênfase dada ao campo social é ínfima comparada ao olhar hegemônico do biologicismo. Ainda que nas últimas décadas tenha havido um aumento no interesse nas dimensões socioculturais do corpo humano por parte de teóricos e pesquisadores, as análises sociológicas de práticas da saúde ainda carecem de maior aprofundamento (BUNTON; NETTLETON; BURROWS, 2005; LUPTON, 1995).

Pouco se discute a promoção da saúde sob o prisma das teorias críticas analisando a relação simbiótica entre o social e o individual nos contextos locais. Assim, entendo que buscar aparatos e referenciais que ajudem a contribuir com a pesquisa no campo da saúde é cada vez mais importante. Não para a simples análise dos dados, mas como uma maneira de auxiliar na construção de instrumentos que possibilitem a compreensão dos determinantes sociais às quais estamos expostos (BOURDIEU, 2001). Dado que “[...] o sujeito constitui-se dentro e através dos processos sociais, e os sujeitos, por sua vez, influenciam o seu caráter social” (LUPTON, 1995, p. 48)⁷.

Ao invés de trabalhar com a expressão sujeito, sigo a tradição bourdieusiana e opto pelo uso do termo *agente*. Agentes são os indivíduos que agem e atuam ante a estrutura, e não devem ser reduzidos à epifênomenos passivos da mesma (BOURDIEU, 1994). Simultaneamente, o autor sugere que da interação entre os agentes individuais e coletivos junto às estruturas sociais é que podemos encontrar o

⁷ Tradução minha.

contexto histórico que “se impõe sobre os pensamentos e as ações” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 30).

Bourdieu é tido como autor que deixou uma obra completa, posto que ao longo dos seus trabalhos foi capaz de estabelecer seus conceitos e amadurecê-los (VALLE, 2007). Também buscou analisar elementos profundos da sociedade e, simultaneamente, elaborou teses gerais capazes de auxiliar pesquisas na compreensão dos modos de vida dos agentes (SCARTEZINI, 2011). Ademais, como teve contato com ciências de outros campos foi capaz de dialogar com áreas diversas, sendo sua obra amplamente consultada e referenciada (SCARTEZINI, 2011).

É difícil emoldurar Bourdieu em uma única corrente de pensamento, comentaristas da sua obra podem relacioná-lo ao estruturalismo-construtivista ou construtivismo-estruturalista (THIRY-CHERQUES, 2006), enquanto outros vão preferir associá-lo à sociologia crítica (CAMPOS, 2009) ou ao pós-estruturalismo (MEDEIROS, 2011; SCARTEZINI, 2011). Para mim, esse fato se configura como uma potencialidade em realizar aproximações entre a saúde e a sociologia e estudar um autor que, ao menos teoricamente, não se filiou às amarras de uma única corrente.

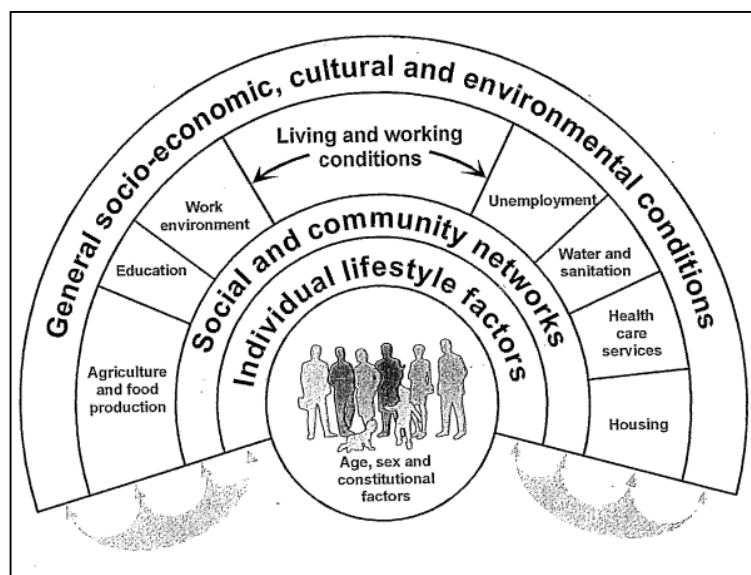
2.1 Abordagem crítica dos determinantes sociais da saúde

A Comissão sobre Determinantes Sociais da Saúde (*Commission on Social Determinants of Health* - CSDH), instituída pela OMS em 2005, publica periodicamente relatórios sintetizando as discussões internacionais sobre os DSS oferecendo aporte científico a profissionais de saúde e formuladores de política. Dentre os temas suscitados, as desigualdades e iniquidades em saúde recebem destaque, que corroborando com Barata, definem-se como:

A igualdade e a desigualdade são conceitos dimensionais relativos a quantidades mensuráveis, ou seja, referem-se a quantidades equivalentes ou distintas de atributos estudados. Equidade e iniquidade são conceitos políticos que expressam, além da igualdade ou desigualdade quantitativa, uma avaliação moral relacionada com a noção de justiça social. As iniquidades são desigualdades injustas ou decorrentes de alguma forma de injustiça. A maioria das desigualdades sociais em saúde é injusta porque reflete a distribuição dos determinantes sociais da saúde na sociedade, remetendo, portanto, à distribuição desigual de poder e propriedade. (BARATA, 2009, p. 55)

As maiores causas das desigualdades e iniquidades em saúde estão relacionadas às condições socioeconômicas, de vida e trabalho dos agentes (SHOKOUH et al., 2017). Desde a década de 1990, diversos modelos têm sido elaborados para auxiliar na compreensão dos mecanismos diretos e indiretos que atuam sobre a saúde individual e coletiva. Um dos primeiros modelos, e também um dos mais citados, é o modelo em camadas de Dahlgren e Whitehead (1991) que estratificam os determinantes (Figura 1).

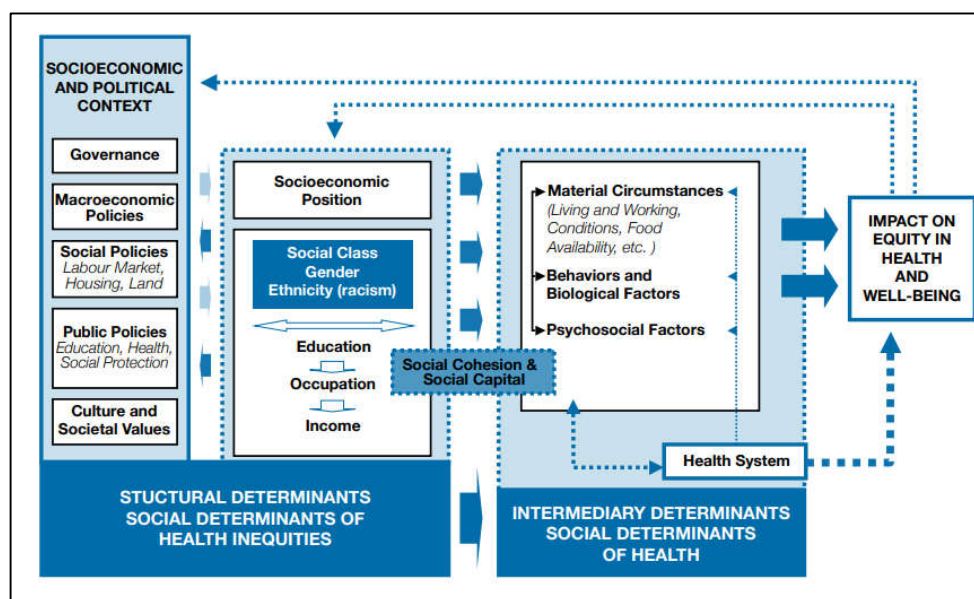
Figura 1- Modelo de Dahlgren e Whitehead com os principais determinantes da saúde, 1991.



Fonte: DAHLGREN, G.; WHITEHEAD, M. Policies and strategies to promote social equity in health. **Stockholm:** Institute for future studies, 1991.

Dos modelos propostos nos anos que se seguiram destacam-se: o modelo de seleção social *versus* multicausalidade, o modelo de determinantes específicos e o modelo do curso da vida (SHOKOUH et al., 2017). Nesse sentido, a OMS buscou reunir, em único modelo, uma proposta mais dinâmica capaz de integrar em diferentes níveis os componentes biológicos e o contexto socioeconômico, indicando a integração junto aos elementos intermediários (WHO, 2010b) (Figura 2).

Figura 2- Modelo conceitual proposto pela Comissão de Determinantes Sociais da Saúde, 2010.



Fonte: WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. A conceptual framework for action on the social determinants of health. 2010.

O modelo dá ênfase aos mecanismos políticos e sociais que produzem, configuram e mantêm as hierarquias sociais incluindo mercado de trabalho, o sistema educacional e os valores culturais (WHO, 2010b). Ainda é possível extrair do modelo os mecanismos estruturais que se interpõem entre a macroestrutura e a posição sócio-econômica, reforçando a divisão de classes, as relações de poder, e o acesso a bens e serviços (WHO, 2010b). Por sua vez, os mecanismos estruturais encontram-se enraizados às instituições e políticas, sendo alguns dos principais indicadores: “Renda, Educação, Ocupação, Classe social, Gênero e Raça/Etnia” (WHO, 2010b, p. 6).

Apesar de não ser dado por acabado, o modelo recebe críticas quanto à sua capacidade de adaptação aos contextos locais. O importante é entender que a proposta encoraja a busca dos mecanismos que impactam na saúde. Nesse sentido, cabe destacar que a economia no sistema capitalista por vezes transfere aos agentes imposições advindas das abordagens culpabilizatórias, cuja autoridade se dá pelo profissional de saúde - representante do comportamento definido como certo ou errado (LUPTON, 1995).

Ressalta-se que a ausência de políticas de distribuição de renda está entre os fatores que mais podem afetar negativamente a saúde (ROUX, 2012). No caso brasileiro, por exemplo, deveriam ser considerados o monitoramento dos diferentes níveis de saúde entre os agentes, com vistas a responder as desigualdades sociais (LOPES, 2017).

2.2 Do micro ao macro: as dimensões do corpo

É possível dizer que o corpo desperta a curiosidade humana desde sempre. A aquisição da consciência sobre a existência de “ser” no mundo prevê o reconhecimento do corpo. No discurso científico contemporâneo, por vezes, o corpo é pensado apenas em seu aspecto biológico. É a supremacia do corpo matéria; que em razão terapêutica é frequentemente visto de maneira técnica para corrigir os erros e “retificação de seu ser no mundo” (LÊ BRETON, 2015, p. 16). No campo das ciências sociais, contudo, o corpo e suas relações sociais são tomados por objeto desde o século XIX. Foi o avanço das sociedades industriais e o aumento da urbanização que instigaram o desenvolvimento dos primeiros trabalhos sociológicos evidenciando os usos sociais do corpo (BOLTANSKI, 1971).

Na perspectiva sociológica as técnicas de movimento do corpo diferem-se de uma cultura para outra, dado que cada sociedade dispõe de hábitos particulares

(MAUSS, 2003). O livro “Sociologia e antropologia” de Marcel Mauss é um marco teórico sobre este objeto. Resgato uma citação da obra o autor:

Uma espécie de revelação me veio no hospital. Eu estava doente em Nova York e me perguntava onde tinha visto moças andando como minhas enfermeiras. Eu tinha tempo para refletir sobre isso. Descobri, por fim, que fora no cinema. De volta à França, passei a observar, sobretudo em Paris, a frequência desse andar; as jovens eram francesas e caminhavam também dessa maneira. De fato, os modos de andar dos americanos, graças ao cinema, começavam a se disseminar entre nós. Era uma ideia que eu podia generalizar. A posição dos braços e das mãos enquanto se anda é uma idiossincrasia social, e não simplesmente um produto de não sei que arranjos e mecanismos puramente individuais, quase inteiramente psíquicos. Por exemplo: creio poder reconhecer assim uma jovem que foi educada no convento. Ela anda, geralmente, com as mãos fechadas. E lembro-me ainda de meu professor do ginásio interpelando-me: “Seu animal! Andas o tempo todo com as manoplas abertas!”. Portanto, existe igualmente uma educação do andar (MAUSS, 2003, p. 403–404).

Mauss relata uma revelação, despertada por suas enfermeiras, numa ocasião em que se encontrava hospitalizado nos Estados Unidos da América. O exemplo despertou-me a atenção, primeiramente pela minha formação, mas o fato é que a observação do cotidiano hospitalar leva o autor a reflexões que transpõem os limites da esfera individual do corpo, e incitam o pensamento sobre como o andar difere-se de uma classe para outra. E mais, é possível pensar em como a cultura pode disseminar comportamentos e culminar numa nova maneira de movimentar-se. Sob esse olhar, o movimento do corpo envolve não apenas os mecanismos fisiológicos, mas também os aspectos subjetivos dos comportamentos socialmente construídos.

O homem não é produto do corpo, sendo este uma possibilidade de constituição na esfera social (LÊ BRETON, 2003). A sociologia do corpo se interessa pela estrutura das atividades físicas, do esporte moderno, das ginásticas metódicas principalmente no que diz respeito aos processos institucionalizados (LOVISOLO, 2006). Assim, a sociologia do corpo mantém estreita relação com a área da saúde, onde é possível estudar os conteúdos sociológicos em seu limiar biológico (MONTAGNER, 2006).

Para Bourdieu, existe uma lógica inscrita nos corpos, uma homogeneidade que é efeito direto da classe às quais os agentes pertencem. Assim, nos espaços sociais os corpos se ordenam para que sejam “conhecidos e reconhecidos” (BOURDIEU, 1985). A praxiologia de Bourdieu põe em evidência o corpo como o espaço privilegiado de análise do agente social (MONTAGNER, 2006). Sob a perspectiva bourdieusiana o agente sofre influência das estruturas históricas e no espaço do corpo os determinantes sociais são interiorizados e incorporados. Assim, esse corpo não está restrito à esfera individual, mas contém componentes estruturais ligados à posição espacial de cada agente na sociedade (BOURDIEU, 1977).

Por meio das práticas sociais o corpo é manipulado com o objetivo central de legitimação e conformação para a aceitação social, o que dá a ele o caráter de linguagem (BOURDIEU, 1977). O corpo oferece suporte para a construção identitária “realizada pela estrutura social sobre a pessoa” (MONTAGNER, 2006, p. 518). Assim, com o subsídio da sociologia é possível analisar a dimensão social dos comportamentos, dos hábitos de consumo corporal, do esforço físico, ou mesmo do consumo calórico de uma família (BOLTANSKI, 1971).

A existência humana depende do corpo, e suas exigências essencialmente determinadas pela ordem fisiológica ou biológica podem então ser impactadas por obstáculos de ordem econômica, ecológica ou técnica (BOLTANSKI, 2004). Enquanto manifestação concreta dependente dos meios materiais de existência, o corpo depende tanto da atividade física como das relações de trabalho (BAPTISTA, 2013; BOLTANSKI, 2004).

Coloca-se em cheque a busca pela unicidade do ser, que por meio da constância biológica/corporal seria capaz de dar o sentido único da vida humana (MONTAGNER, 2006). No contexto de uma sociedade cujo modo de produção incita a acumulação de bens e serviços, o corpo é conformado pelas classes sociais. Entende-se que as classes mais favorecidas normalizam comportamentos (dominantes) que estão intrinsecamente ligados à construção de padrões por vezes inalcançáveis aos menos favorecidos (dominados) (BOURDIEU, 1977).

A leitura de Bourdieu aponta que “o corpo é a objetivação menos irrefutável dos gostos de classe” (BOURDIEU, 1984), sendo que as manifestações corporais representam todo o conjunto de condutas próprias a cada classe social. Partilhando dos ideários bourdieusianos Boltanski relaciona os estudos do corpo aos indicadores médicos tais como: alimentação, relação com a dor, cuidados estéticos, etc; traçando os usos do corpo às diferentes classes sociais (BOLTANSKI, 1971). A ordem cultural determina as condições objetivas: o modo de ser, bem como as condições de trabalho e aquisição de bens e mercadorias; constituem a cultura somática determinando as condutas físicas dos agentes (BOLTANSKI, 1971).

A teoria de Bourdieu propõe que:

O gosto em matéria alimentar depende também da ideia que cada classe faz do corpo e dos efeitos da alimentação sobre o corpo, ou seja, sobre sua força, sua saúde e sua beleza, assim como das categorias que ela utiliza para avaliar tais efeitos – aliás, alguns podem ser adotados por uma classe e ignorados por outra, de modo que as diferentes classes podem estabelecer hierarquias bastante diferentes entre os diferentes efeitos: é assim, nas áreas em que as classes populares, mais atentas à *força*⁸ do corpo (masculino) do que à sua *forma*, tendem a procurar produtos, ao mesmo tempo, baratos e nutritivos, os membros das profissões liberais mostrarão sua preferência por produtos saborosos, bons para a saúde, leves e que não fazem engordar. (BOURDIEU, 1979, p. 179)

A cultura incorporada contribui na formação dos corpos de classe e atua, também, sobre as possibilidades de consumo dos corpos: “tudo o que o corpo ingere, digere e assimila, do ponto de vista tanto fisiológico, quanto psicológico.”(BOURDIEU, 1979, p. 179).

Destarte, acredito que a reflexão construída sobre práticas ligadas ao movimento do corpo deve romper com a tradicional perspectiva individual para alcançar os aspectos sociais. No campo da promoção da saúde, isso significa abandonar a ideia de que determinadas escolhas dependem apenas da vontade dos agentes, mas são reflexo das opções e condições materiais que cada um tem diante de si. As condições socioeconômicas impactam nas maneiras de tratar, cuidar, alimentar

⁸ Grifos do autor.

e sustentar os corpos e revelando o *habitus* dos agentes. O *habitus* atua de diferentes maneiras sobre os corpos, e seu conceito será apresentado a seguir.

2.3 Aproximação dos conceitos bourdieusianos

A teoria de Bourdieu está alicerçada em alguns conceitos-chave. Aqui dou luz àqueles que irão contribuir com maior força para o desenvolvimento desta pesquisa, perpassando o *habitus*, a hexis corporal, o capital social e a dominação.

Habitus está ligado aos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo e talvez seja o conceito mais utilizado na obra de Bourdieu, nem por isso ele é fácil de ser compreendido e aplicado ao contexto da pesquisa.

O conceito de *habitus* foi objeto de outros autores como Hegel, Husserl, Weber, Durkheim e Mauss, contudo em Bourdieu o *habitus* é descrito como:

[...] sistema de esquemas adquiridos que funciona a nível prático como categorias de percepção e apreciação, ou como princípios de classificação e simultaneamente como princípios organizadores da ação, significava construir o agente social na sua verdade de operador prático de construção de objetos (BOURDIEU, 1987, p. 26).

O *habitus* é uma espécie de estrutura incorporada evidenciada no campo microssocial, mas conectada à macroestrutura. O conceito opõe-se ao estruturalismo, que considera os sujeitos ativos e atuantes, contudo simples epifenômenos da estrutura o que os torna igualmente deficientes (BOURDIEU, 1994). O uso do termo *habitus* permite a legitimação do agente como operador prático das construções sociais (BOURDIEU, 1989). O *habitus* rompe com algumas dicotomias: indivíduo/sociedade, individual/coletivo, consciente/inconsciente, interessado/desinteressado, objetivo/subjetivo dentre outros (BOURDIEU, 1994).

Outra função do *habitus* é incorporar as unidades de estilo que vinculam as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes, sendo o *habitus*

“[...] esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas.” (BOURDIEU, 1994, p. 14). Assim, reconhecendo que as pessoas não são inertes, mas *agentes* que reagem às estruturas e forças do campo social alcanço o conceito de *habitus*.

Transpondo o coletivo e indo de encontro ao individual, Bourdieu dá luz ao conceito de *hexis corporal*, uma das dimensões do *habitus*

[...] que fala imediatamente pela motricidade enquanto esquema postural que é ao mesmo tempo singular e sistemático, pois é solidário de todo um sistema de técnicas do corpo e de instrumentos, e carregado de uma miríade de significações e de valores sociais: as crianças são particularmente atentas, em todas as sociedades, a esses gestos ou essas posturas onde se exprime, a seus olhos, tudo aquilo que caracteriza um adulto, um caminhar, uma postura de cabeça, caretas, maneiras de sentar-se, de manejar instrumentos, cada vez associados a um tom de voz, a uma forma de falar e- como poderia ser de outra forma? – a todo um conteúdo de consciência. (MONTAGNER, 2006, p. 519).

A *hexis corporal* indica a forma como nos portamos, as diferentes maneiras de se expressar socialmente, auxiliando a compreensão dos grupos sociais. Nesse sentido, busco compreender a *hexis corporal*, como categoria, “[...] a maneira de portar o corpo, de se portar de se comportar e se exprimir no mundo social” (BOURDIEU, 1977, p. 51). A representação subjetiva dos corpos e mais profundamente da *hexis corporal*, acontecem por meio de um sistema de classificação social, quer dizer que os corpos ocupam uma posição social proporcional à sua distribuição de propriedades fundamentais (BOURDIEU, 1977).

Por meio da *hexis* podemos perceber como as condições sociais influenciam nos corpos e quais são as estratégias destinadas à sua transformação: o uso de maquiagens, as roupas, as dietas e cirurgias que apresentam e representam são sinais que distinguem os corpos socialmente (BOURDIEU, 1977). E esta disposição corporal dos agentes é um reflexo direto da herança biológica e social de cada um, e demonstram como os corpos relacionam-se à cultura (BOURDIEU, 1977).

Nesse sentido, a noção de capital social presente em Bourdieu auxilia na compreensão das ações institucionalizadas no espaço econômico e social pelos agentes. O capital social é formado pela tríade de capitais: econômico, cultural e simbólico (BOURDIEU, 1980). O capital cultural é determinado pelos detentores de poder político e econômico e se dá no campo estrutural (BOURDIEU, 1987). Remete à aquisição e consumo de saberes e conhecimentos formais (reconhecidos por diplomas e títulos). O capital econômico se refere às possibilidades de consumo de cada esfera social, reconhecendo que as classes populares precisam priorizar as “primeiras necessidades”, aquelas que dizem respeito às impossibilidades e possibilidades do condicionamento econômico enquanto que, proporcionalmente aumentando-se o capital econômico aumentam os consumos de bens e serviços (BOURDIEU, 1979). E o capital simbólico está ligado à aquisição de uma reputação, uma posição de destaque social que dá ao agente a imagem de respeitabilidade e honorabilidade (BOURDIEU, 1979).

O mais recente modelo de DSS apresentado pela OMS⁹ coaduna com a noção de capital social que analisa a influência do campo social sobre os agentes individuais (BOURDIEU, 1980). O capital social elucida os elementos intermediários da cadeia de determinantes: onde as relações sociais permitem aos agentes o acesso aos recursos (materiais e simbólicos) e num segundo plano é possível perceber como é a qualidade e a quantidade desses recursos.

Os conceitos supracitados auxiliam na compreensão de que as desigualdades são econômicas, mas também são afetadas pela ausência dos capitais culturais e o acesso aos bens simbólicos. Ainda sobre os sistemas simbólicos, Bourdieu reitera que é na luta entre as diferentes classes que se define o mundo social (BOURDIEU, 1989). Os grupos dominantes agem de acordo com seus interesses e suas posições ideológicas particulares e tendem a apresentá-los como interesses universais, comuns a todos os agentes (BOURDIEU, 1989). Nesse sentido, a classe dominante que se assenta sobre o capital econômico impõe “a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria

⁹ Figura 2, apresentada no subcapítulo 2.1.

produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes” (BOURDIEU, 1989, p. 12).

Apesar de densa a teoria de Bourdieu oferece aporte teórico-metodológico para pesquisas, principalmente as que se propõem a fazer uma interface social, dado que exige uma postura ativa e sistemática do pesquisador. Por meio das suas leituras fui capaz de romper com a passividade empirista, que propõe construções teóricas vazias, ao analisar um caso empírico e a partir dele construir um modelo “[...] que não tem necessidade de se revestir de uma forma matemática ou formalizada para ser rigoroso.” (BOURDIEU, 1989, p. 32).

As práticas corporais podem ser estudadas por diferentes olhares disciplinares, contudo sob a perspectiva da promoção da saúde as teorias convergem na importância da multidisciplinaridade buscando respostas para as iniquidades sociais, econômicas, e de saúde entre as diferentes classes sociais (MORGAN; HAGLUND, 2012). Tendo como objeto a prática social imbricada na vida cotidiana e nas instituições sociais encontro nesses conceitos aparato para compreender essa difícil rede de relações nos níveis individuais e coletivos em contextos históricos e culturais específicos.

Nas práticas corporais, por exemplo, além dos investimentos físicos com a aprendizagem corporal há também o emprego de tempo, a energia, e mesmo o dinheiro necessários à sua realização. Dessa maneira, o histórico e o coletivo encontram-se em cada um dos agentes sociais incorporando os comportamentos em consonância com as estruturas sociais (MONTAGNER, 2006). Os conceitos aliados à teoria dos determinantes sociais proporcionam a compreensão dos mecanismos sociais capazes de atuar na estrutura das iniquidades em saúde, incluindo a pobreza e as privações materiais.

CAPÍTULO 3

PERCURSO METODOLÓGICO

Desespero quieto às vezes é o melhor remédio que há. Que alarga o mundo e põe a criatura solta. Medo agarra a gente é pelo enraizado. Fui indo. De repente, de repente, tomei em mim o gole de um pensamento – estralo de ouro: pedrinha de ouro. E conheci o que é socorro.
(Guimarães Rosa, 1956, p. 211)

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico desta tese é o resultado das escolhas e possibilidades que se irromperam diante de mim ao longo da minha formação. Dado que o ponto de partida foram os participantes de práticas corporais no contexto da promoção da saúde optei pela realização de um trabalho qualitativo devido à sua indiscutível importância na área da saúde, desvelando processos sociais sob a ótica de seus atores (MINAYO, 2011). Tive como premissa que esse tipo de pesquisa busca não somente a aparência dos fenômenos, mas também a sua essência (TRIVIÑOS, 1987).

Busquei interlocução junto à sociologia crítica, entendendo que a pesquisa com esta interface é atravessada pela ideia de que a sociedade se constitui enquanto práticas sociais reproduzidas numa infinidade de meios, e não simplesmente como uma entidade (GIDDENS, 2003). Assim, reconhecendo a importância dos fenômenos sociais que acontecem cotidianamente entendi que as pessoas não ocupam um lugar qualquer, sendo importante analisar como são constituídos os grupos e as instituições que conformam os complexos espaços sociais (BOURDIEU, 1987).

A definição de campo utilizada por Bourdieu oferece aparato conceitual à pesquisa, apontando que é o campo quem vai orientar as questões práticas da pesquisa (SCARTEZINI, 2011).

A noção de campo é, em certo sentido, uma estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar – ou orientar- todas as opções práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há de fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades. (BOURDIEU, 1989, p. 27)

Deste modo, parto da apreensão do campo social como espaço multidimensional de posições onde os valores se especificam em diferentes variáveis e os agentes se distribuem em infinitas possibilidades (BOURDIEU, 1989). Em cada momento histórico e em cada campo social as relações de força vão se definindo, se institucionalizando em estatutos reconhecidos socialmente (BOURDIEU, 1989).

Foi assim que me guiei na busca pelos agentes e cenários que conduziram o trabalho.

3.1 Definições metodológicas

3.1.1 A escolha do cenário

Acreditando que é possível analisar práticas promotoras da saúde em diferentes espaços da vida cotidiana, propus a investigação de práticas desenvolvidas em espaços da cultura. De maneira simplista, pode-se dizer que a cultura é o valor de um grupo, são práticas, sistemas de significado, modos de vida, e é aprendida, compartilhada e transmitida entre as gerações (KREUTER et al., 2003).

A cultura no contexto das práticas corporais pode determinar o grau de engajamento de pessoas ou grupos a algumas práticas em detrimento de outras, e isso não é diferente no contexto da promoção da saúde. Nesse sentido, conheci os espaços dos Centros Culturais (CC) do município de Belo Horizonte que me apresentaram a possibilidade de compreender um objeto da saúde fora de seu espaço “tradicional”.

Belo Horizonte contava à época do mapeamento com 16 CC, são eles: Alto Vera Cruz; Bairro das Indústrias; Jardim Guanabara; Lagoa do Nado; Liberalino Alves de Oliveira; Lindéia/Regina; Padre Eustáquio; Pampulha; Salgado Filho; São Bernardo; São Geraldo; Urucuia; Vila Fátima; Vila Santa Rita; Venda Nova; Vila Marçola; Zilah Spósito. Os centros culturais são lugares cuja finalidade é a implementação das diretrizes políticas da Fundação Municipal de Cultura.

[...] com o objetivo de reservar espaços de fruição, circulação e criação de bens culturais que contribuam para a formação de identidades locais, os centros culturais realizam oficinas de diversos segmentos, apresentações artísticas variadas, sessões cinematográficas, entre outros, sendo todas essas atividades gratuitas, o que incentiva e possibilita uma maior troca de experiências entre as comunidades (PBH, 2016).

Os espaços distribuem-se nas nove regionais da cidade, e sua capilarização lhes garante grande especificidade. Assim, a escolha dos cenários que constituíram a análise em profundidade foi precedida de um mapeamento dos CC. Participei das ações cotidianas desenvolvidas nos espaços, identificando e me envolvendo com as práticas corporais e seus participantes. Também tive a oportunidade de entrevistar gerentes, coordenadores e produtores culturais de todos os espaços. Esses agentes, conhecedores das realidades locais, me deram importantes pistas sobre a relação dos CC com as comunidades, e assim pude refletir sobre as possibilidades e as potencialidades desses espaços sociais.

O mapeamento revelou que os CC são espaços heterogêneos, repletos de diversidade. Cada CC possui uma identidade própria, conformada pela disposição espacial do local, das práticas desenvolvidas, dos dispositivos sociais do entorno bem como o interesse dos agentes que os utilizam.

As práticas corporais encontradas nos CC foram: forró, dança de salão, *street dance*, oficina de teatro, tae-kwon-do, capoeira angola, capoeira regional, dança sênior, breaking dance, hip hop, *jam session*, *aikido*, *lian gong*, ioga, dança larutan natural, forró pé de serra, zumba, biodanza, *hapkido*, programa caminhar, rap, *qi gong*, roda de samba, projeto mexa-se, brinquedos e brincadeiras. Diante de espaços tão ricos guiei-me pelos seguintes indicadores para seleção das práticas: número de práticas corporais ofertadas e desenvolvidas, relação entre o CC e as práticas corporais, dedicação da comunidade junto às práticas, relação do espaço com a comunidade.

Elenquei duas práticas para análise em profundidade: a capoeira regional e a dança. As práticas se desenvolviam em dois CC diferentes, alocados em duas regionais distintas. O trabalho de campo iniciou-se em julho de 2016, sendo pertinente dizer que o contato com os espaços foi contínuo e ainda permanece.

Decerto, o conceito operado pela promoção da saúde nesta tese, permite perceber estes como cenários ideais para o desenvolvimento de práticas corporais, garantindo a elas sua interface cultural aliada à motricidade. Houve, por minha parte,

um enorme encantamento e admiração com estes espaços, que descentralizam a cultura e simultaneamente dão visibilidade às práticas promotoras da saúde.

3.2 Produção dos dados: o mapa corporal narrado como técnica de pesquisa

Perceber o movimento corporal para além do agente me levou a buscar uma hibridização nos métodos de coleta dos dados. Assim, optei pela realização da técnica de mapa corporal narrado (*Body-map storytelling*)¹⁰. Trata-se de um método de geração de dados primários utilizado para engajar os participantes na reflexão de temas cotidianos, e inclui a observação dos cenários e entrevista com os participantes (GASTALDO et al., 2012). O uso do método na pesquisa qualitativa é justificado pela possibilidade de oferecer aos participantes a oportunidade de expressar suas ideias, experiências, significados e sentimentos (GASTALDO et al., 2012). Por ser participativo é uma opção pertinente para a compreensão de problemas políticos e sociais (OLIVEIRA; KESTENBERG; SILVA, 2007).

O mapa corporal narrado desenvolvido foi composto por três elementos: um testemunho/narrativa, um mapa corporal de tamanho natural e os discursos discutidos ao longo dos encontros.

¹⁰ A técnica é descrita em: GASTALDO et al. **Body-Map Storytelling as Research: Methodological considerations for telling the stories of undocumented workers through body mapping**. Toronto: Creative Commons, 2012.

3.2.1 Encontro com o novo: aplicação da técnica

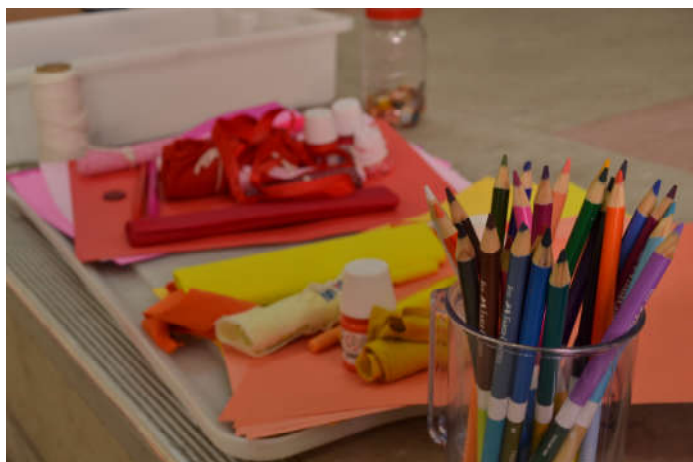
Neste trabalho, tive oportunidade de trabalhar com a técnica de mapa corporal narrado pela primeira vez. Para facilitar a compreensão de como se sucedeu a realização do mapa, divido a técnica em três momentos essenciais: antes, durante e depois. A técnica em si é realizada pelo participante e o pesquisador conduz e atua como facilitador do processo. Inicialmente, foram propostos aos participantes três encontros¹¹, sendo que o mesmo mapa corporal é trabalhado ao longo de todo o processo.

Antes da realização do mapa, é preciso garantir a aquisição dos materiais como: lápis de cor, canetas, tintas, tecidos, pincéis, cola, tesoura, papéis, retalhos de tecidos e a base para o mapa (utilizei um tecido branco com 1,5 X 2,10 m¹²). A ideia é que o participante possa escolher dentre a variedade de materiais ofertados aqueles que lhe confirmam maior conforto e segurança (Figura 3 e Figura 4). A técnica originalmente faz uso de recortes de revistas, contudo acredito que imagens pré-selecionadas podem comprometer a técnica, tendo em vista que os materiais midiáticos, sabidamente, não representam a diversidade brasileira. Por isso, sugiro a utilização de materiais não estruturados. Caso o participante ainda assim preferisse trabalhar com tais imagens, era sugerido que ele as trouxesse ao encontro ou me enviasse para impressão.

¹¹ Ressalto que, com duas participantes foi preciso realizar cinco encontros para finalizar o trabalho, pois ambas gostavam de se dedicar aos elementos artísticos o que demandou maior tempo.

¹² Uma oficina piloto foi realizada antes de se iniciarem os encontros e nela o tecido se mostrou melhor do que o papel para desenvolvimento da técnica, em virtude da sua durabilidade, facilidade em ser transportado e guarda.

Figura 3- Exemplo da disposição dos materiais durante os encontros.



Fonte: arquivo da pesquisadora, 2016.

Figura 4 – Exemplo da disposição dos materiais durante os encontros.



Fonte: arquivo da pesquisadora, 2016.

Foi necessário estar nos locais com antecedência de aproximadamente meia hora e os mapas e os materiais eram dispostos em uma mesa larga. Os ambientes para realização da técnica foram cuidadosamente preparados e eu consegui junto aos Centros Culturais salas grandes e privativas para os encontros. Um intervalo de 30 minutos entre um participante e outro era imperativo para organização dos materiais.

Durante o encontro, mantêm-se algumas regras comuns às técnicas qualitativas como: o cuidado com portas e janelas que podem quebrar o sigilo dos participantes, assegurar o correto funcionamento do gravador. As atividades propostas em cada momento foram sintetizadas no Quadro 1. O percurso sugerido pelos roteiros semiestruturados (Apêndice A) partia do microespaço do corpo, realizando o seu delineamento, desenredava-se com as condições de saúde e vida e findava-se com a construção de uma narrativa sobre o processo (Figura 5).

Quadro 1 - Síntese dos exercícios e atividades desenvolvidas nos encontros

Encontro 1 - A prática corporal e a sua relação com o corpo e a saúde
Exercício 1: Traçar o corpo
Exercício 2: Falar sobre a relação entre a prática corporal, corpo e saúde
Exercício 3: Síntese do encontro
Encontro 2 – A prática corporal e a sua relação com as condições de vida
Exercício 1: Símbolo pessoal e slogan
Exercício 2: Relação entre a prática corporal e as condições de vida
Exercício 3: Autorretrato
Exercício 4: Síntese do encontro
Encontro 3 - Estruturas de apoio dos agentes/ Finalização dos mapas
Exercício 1: Mensagem aos outros participantes
Exercício 2: Explorando o corpo
Exercício 3: Estruturas de suporte
Exercício 4: Desenhando o futuro
Exercício 4: História do mapa do participante
Exercício final: Decorando e finalizando

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

O primeiro encontro constituiu na leitura do termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) e apresentação da proposta, em seguida traçávamos o contorno corpo e conversávamos sobre as relações entre a prática, o corpo e saúde. No segundo encontro, foram trabalhadas as condições de vida e no terceiro encontro os elementos

ligados às dificuldades vivenciadas pelo participante. Para explorar diversos aspectos da vida social o roteiro contou com questões sobre as relações sociais e o uso de serviços e dispositivos sociais. Nesse percurso busquei capturar as condições de vida, o contexto social e como a prática se relaciona à vida cotidiana.

Ao final de cada encontro solicitei aos participantes que olhassem o mapa e falassem o que eles eram capazes de ver, como forma de recapitular o que foi dito e perceber quais elementos mais se destacavam em sua perspectiva.

Figura 5 - Imagem do mapa desenvolvido na oficina piloto para fins de ilustração.



Fonte: arquivo da pesquisadora, 2016.

Os encontros tiveram a duração média de uma hora e cinco minutos, e busquei conduzi-los de maneira leve respeitando o tempo de cada participante. Algumas questões exigiram maiores reflexões, assim como foi recorrente emergirem temas mais delicados que necessitaram de tempo antes da retomada ao roteiro.

Depois de realizada a técnica, o próximo encontro era agendado em dia e horário convenientes ao participante, sempre reforçando a importância da sua participação. Era preciso aguardar o material secar totalmente antes de providenciar a sua guarda, e em alguns casos um secador de cabelo comum foi utilizado para agilizar este processo. Os mapas foram acondicionados em local seco, ao abrigo de sol e calor, e produtos anti-traças e antiumidade foram utilizados para preservá-los.

A particularidade do mapa corporal reside na necessidade de encorajamento do participante a utilizar os materiais artísticos, que nem sempre fazem parte do cotidiano. É preciso apresentá-lo aos materiais e explicitar que ele deve utilizar aqueles com os quais se sentir mais à vontade.

Para preservar a originalidade e a fidelidade de cada um dos encontros, registrei-os com auxílio de um mini gravador de voz digital (da marca Sony). O download das 54 horas de áudio foi realizado, e a transcrição integral do material produzido foi feita por mim com auxílio do software InqScribe. Foi realizada uma transcrição do tipo naturalista que propõe a inclusão de informações não-verbais, acreditando que o não dito é tão relevante quanto o que é efetivamente dito (AZEVEDO et al., 2017) (Quadro 2).

Reitero que esta técnica produz um volume imenso de material coletado, o que pode ser um dificultador para a sua realização. Neste trabalho, os discursos transcritos totalizaram 512 páginas com formatação padrão A4, espaço simples, Arial 12.

Quadro 2 - Exemplificação dos códigos utilizados nas transcrições

Quando na gravação	Na transcrição coloca-se	Exemplos
Para colocar notas/ explicar interrupções	O texto em itálico entre parêntesis	(xxxxxx)
Há sons não-verbais (ex. emocionais)	A informação entre parêntesis	(risos); (suspirou)
Há silêncios/pausas	Reticências delimitadas por parêntesis	(...)
Há interjeições	As seguintes designações:	Hmm Mm Neh Oh Ah Tá
Confidencialidade e questões sensíveis	Ocultar ou remover os dados/informações, substituindo-os por códigos, alteração de palavras/nome ou eliminando-os	A Ana acha que eu não sei da doença; A (eliminação de conteúdo sensível) acha que eu não sei da doença.
Identificação do entrevistador e entrevistado	Colocar o discurso do entrevistador em negrito	Entrevistador versus Participante
Destaque analítico	Em sublinhado	Mas realmente eu <u>adoro</u> <u>praticar capoeira</u> (relação com a prática corporal)

Fonte: Adaptado de: AZEVEDO, Vanessa et al. Transcrever entrevistas: questões conceptuais, orientações práticas e desafios. **Revista de Enfermagem Referência**, n. 14, p. 159-168, 2017.

Por se tratar de uma metodologia participativa, a técnica oportunizou o acesso a inúmeras possibilidades, permitindo que pesquisadora e participante construíssem reflexões no momento em que os encontros aconteciam. A técnica também permite ao agente se perceber como parte ativa no processo da pesquisa. Além disso, a pesquisa que incorpora dados imagéticos na geração ou coleta de dados é capaz de desvelar conhecimentos sociológicos inacessíveis por outros meios (BANKS, 2009). Ao final os mapas corporais foram fotografados produzindo os dados imagéticos apresentados.

3.2.2 Construção das narrativas: metodologia de estudo na interpretação de fontes orais

A narrativa foi um dos produtos constitutivos da técnica utilizada. Ao construir a narrativa dos participantes me esforcei para dispor os discursos transcritos da maneira mais compreensível possível, possibilitando ao leitor maior aproximação com a riqueza vivenciada em campo.

A narrativa ordena antecedentes e consequentes, recriando o passado, o presente e o futuro (MOTTA, 2013). Para Motta, “Narrar é relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho” (2013, p. 71). Os acontecimentos relatados, sejam eles realistas ou imaginários, envolvem a participação de atores, personagens que representam seres humanos concretos ou imaginários (MOTTA, 2013).

Dessa forma, a construção da narrativa envolve uma série de significados advindos dos processos de recriação ou mesmo da relação inversa, da identificação virtual com a transposição “catártica que as pessoas fazem das histórias narradas para as suas próprias experiências” (MOTTA, 2013, p. 73). Trata-se de compreender os movimentos de decomposição e recomposição da história identificando suas partes, sequências e pontos de virada ou inflexões, bem como as conexões entre eles (MOTTA, 2013).

A construção da narrativa busca as relações culturais e o significado das relações, que se estabelecem entre os agentes e as condições sociais de hierarquia e poder (MOTTA, 2013). Assim, a narratologia enfatiza principalmente a determinação cultural dos discursos (FEIJÓ, 2018).

No momento do ordenamento dos dados, o pesquisador não deve permitir que a “preocupação teórica se sobreponha à prática de uma escuta cuidadosa e sensível” (PASSEGGI, 2014, p. 228). Para Bourdieu, é preciso:

[...] sob risco de chocar tanto os metodólogos rigoristas quanto os hermeneutas inspirados, eu diria naturalmente que a entrevista pode ser considerada como uma forma de *exercício espiritual*¹³, visando a obter, pelo *esquecimento de si*, uma verdadeira *conversão do olhar* que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida. (BOURDIEU, 2008, p. 704)

Com essas premissas, a desmontagem e remontagem da narrativa foram feitas de acordo com os passos “[...] audição e leituras repetidas da narrativa; identificação dos *episódios* da narrativa; assunção dos *episódios*¹² como unidade de; desconstrução, reconstrução e concatenação dos *episódios* a partir das categorias [...]” (FEIJÓ, 2018, p. 11). Atenta ao referencial teórico preocupei-me com o risco de violência simbólica, portanto não foram realizadas edições nos discursos, apenas a organização das informações buscando uma ordenação coerente e significativa dos dados. O intuito foi permitir que as narrativas falassem por si, sem a necessidade de apresentações ou caracterizações.

Primeiramente, as transcrições foram lidas repetidas vezes buscando extrair os temas prevalentes e os núcleos centrais ligados ao objeto da pesquisa. Em seguida, organizei os discursos de maneira que esta narrativa trouxesse luz aos elementos presentes no mapa corporal. Dessa maneira, o mapa corporal narrado de cada um dos participantes foi diferente, pois a ênfase aos temas e as vivências de cada um foram únicos.

Inicialmente cada participante terá sua própria narrativa. Na discussão, resgato trechos dessa narrativa e também de outros momentos discursivos pertencentes ao *corpus* do trabalho.

¹³ Grifos dos autores.

3.3 Participantes

Entendendo que a proposta metodológica demandava grande despendimento de tempo, a escolha dos participantes foi precedida de apresentação dos objetivos e da proposta metodológica aos grupos. A grande adesão dos integrantes proporcionou não só o atendimento aos critérios de saturação de amostragem, mas superou-os e os dados refletiram, em quantidade e intensidade, as múltiplas dimensões do fenômeno (MINAYO, 2017).

Os participantes do estudo foram os membros de dois grupos de práticas corporais distintas: um de capoeira e outro de dança. Conteí com a participação de nove agentes em cada grupo, totalizando 18 participantes. São seis homens e 12 mulheres, aspecto que julgo natural em virtude de uma das práticas analisadas ser a dança, cujo público é majoritariamente feminino.

Tendo em vista que este estudo analisou a vida de mulheres e homens comuns, a caracterização dos participantes foi feita pensando em salvaguardar ao máximo o anonimato destes agentes e um pseudônimo foi elaborado para não prejudicá-los (Quadro 3). Entre os capoeiristas, alguns sugeriram que o apelido de capoeira fosse utilizado¹⁴, contudo pensando em preservá-los no ambiente do próprio grupo optei por outros nomes. Os participantes receberam, aleatoriamente, um nome comum das espécies medicinais mais utilizadas da flora do cerrado brasileiro¹⁵.

¹⁴ Tradicionalmente, o capoeirista recebe um apelido, ou nome de capoeira, no momento do seu batizado. Esse costume surgiu na época em que a capoeira era ilegal, quando os capoeiristas evitavam revelar seus nomes para evitar problemas com a polícia. Atualmente, o apelido continua uma forte tradição na capoeira, apesar de não ser mais mandatório. A maioria dos capoeiristas passa a ser conhecida na comunidade mais pelos seus respectivos apelidos do que por seus próprios nomes. Apelidos podem surgir de inúmeros motivos, como uma característica física, o bairro onde mora, a profissão, o modo de vestir, atitudes, uma habilidade, um trejeito, entre outros. (BEZERRA; TAVARES, 2016)

¹⁵ Disponível em: MATTEUCCI, M.B.A., et AL. **A flora do cerrado e suas formas de aproveitamento**. 18f. Artigo (Acadêmica de Agronomia) – Escola de Agronomia da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1995.

Quadro 3 - Caracterização dos participantes do estudo, entre 2016 e 2017.

Nome do participante	Escolaridade	Renda familiar média	Tempo de prática
<i>Jangada do Campo</i>	Ensino fundamental completo	R\$1.000,00	18 anos
<i>Algodãozinho</i>	Ensino superior completo	R\$7.000,00	3 anos
<i>Taiuiá</i>	Ensino superior completo	R\$6.000,00	22 anos
<i>Assa-Peixe</i>	Ensino médio incompleto	R\$1.055,00	7 meses
<i>Carobinha</i>	Ensino superior completo	Salário mínimo	1 mês
<i>Bacupari</i>	Ensino superior completo	R\$7.000,00	2 meses
<i>Jequitibá</i>	Ensino médio completo	Não possui renda no momento	1 ano
<i>Buriti</i>	Ensino superior completo	R\$4.000,00	1 ano
<i>Imburama</i>	Ensino superior em andamento	Não informou	2 meses
<i>Pequi</i>	Ensino médio em andamento	R\$4.000,00	“Desde sempre”
<i>Amaro Leite</i>	Ensino médio completo	R\$1.800,00	17 anos
<i>Jaborandi</i>	Ensino médio em andamento	Salário mínimo	5 anos
<i>Jatobá</i>	Ensino Médio em andamento	Não soube precisar	10 meses
<i>Jurubebinha</i>	Ensino médio em andamento	Não soube precisar	16 anos
<i>Copaíba</i>	Ensino médio completo	R\$1.600,00	18 anos
<i>Aroeirinha</i>	Ensino médio em andamento	R\$2.500,00	4 anos
<i>Velame do Campo</i>	Ensino médio em andamento	Não soube precisar	13 anos
<i>Ipê</i>	Ensino médio completo	R\$ 2.500,00	16 anos

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

É pertinente ressaltar que, num projeto de tese, mudar os nomes dos participantes e ocultar o local de desenvolvimento da pesquisa pode parecer um meio

direto de proteger a identidade dos participantes (GOODWIN, 2009). Entretanto, o nível de detalhes para sustentar as evidências da pesquisa qualitativa, o uso de um único cenário ou poucos participantes envolvidos podem complicar o simples anonimato (GOODWIN, 2009). As transcrições de entrevistas podem conter múltiplas indicações da identidade de uma pessoa: “nome, detalhes de emprego, lugar de moradia e eventos que ocorreram na sua comunidade”(GOODWIN, 2009, p. 67). Nesse sentido, cuidei para que os dados preservassem ao máximo os agentes. Para além de participantes da pesquisa, tratam-se de agentes com importantes papéis sociais nos grupos analisados e nunca foi meu intento atrapalhar essa dinâmica.

3.4 Análise: maneiras de interpretar e refletir sobre os dados

[...] a análise é uma forma de fragmentação do todo que permite, ao seu término, a reconstituição desse todo. (SANTOS, 2014, p. 15)

Analisar fenômenos que se situam numa escala microssocial, mas são reconhecidamente capazes de impactar nos fenômenos macrossociais exigiu um aparato conceitual capaz de compreender a profundidade do material. Dessa forma, parti das premissas da análise sociológica para analisar estes fenômenos e tecer sobre eles minhas considerações. Neste trabalho, foram objetos de análise: as imagens e narrativas produzidas com a técnica do mapa corporal narrado, bem como, os discursos construídos junto aos participantes ao longo dos encontros.

A interpretação e a análise levaram em consideração o significado e a representação dos dados produzidos. Nesse sentido, as imagens compõem o plano visual produzido pelos participantes da pesquisa, exigindo destes uma conexão social e pessoal com elas (BANKS, 2009).

Para análise das imagens recorri às orientações de Rose (2001). De acordo com a autora, a análise de imagens com a abordagem crítica deve ser orientada por alguns critérios:

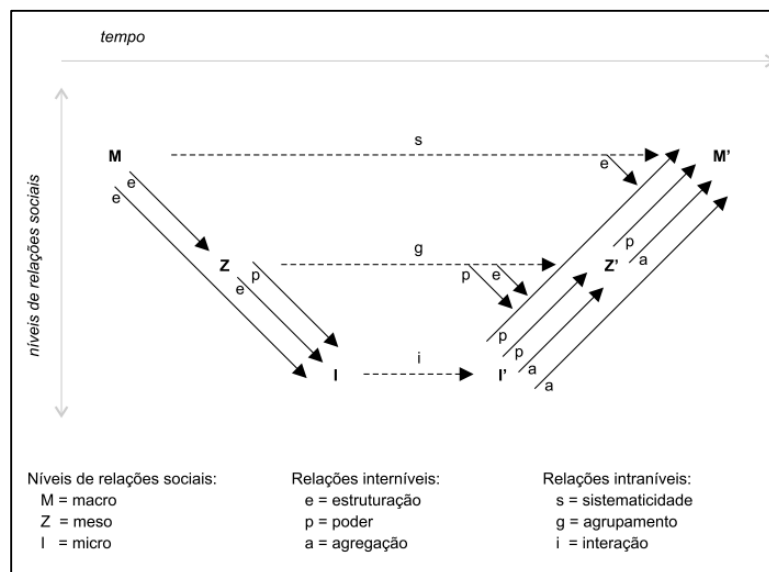
1. Levar as imagens a sério: apesar de parecer óbvio, é preciso ressaltar que o pesquisador deve lançar um olhar cuidadoso para as imagens. Frequentemente cientistas sociais assumem que as imagens são simples reflexos do seu contexto social, sendo que elas não podem ser totalmente reduzidas ao seu contexto.
2. Pensar sobre as condições sociais e efeitos dos objetos visuais: as representações visuais inclusões e exclusões sociais e a abordagem crítica deve ser capaz de contemplar ambos, bem como, seus significados culturais.
3. Considere sua própria maneira de olhar para as imagens: o nosso modo de ver está imbricado por questões históricas, geográficas, culturais e sociais específicas. Sendo assim, é imperativo que o pesquisador reflita sobre as imagens de maneira crítica, *tendo em vista que seu olhar não é inocente*¹⁶. (ROSE, 2001, p. 15)

As imagens e inúmeras páginas transcritas foram lidas exaustivamente. Esta etapa demandou uma postura que é aparentemente contraditória: de um lado é preciso obedecer integralmente à singularidade e aos casos particulares; e de outro, estar atento às categorias buscadas (BOURDIEU, 1991).

Ao desenvolver uma pesquisa qualitativa, com um método de coleta de dados que tem como produtos desenhos, discursos e narrativas, é natural que o pesquisador se sinta por vezes propenso a tentar organizar as informações e tentar estabelecer certa “ordem” nesse material (MASON, 2002). Durante este processo, mantive em mente que teoria e análise sociológica não se desenvolvem acionando todas as dimensões conceituais, mas examinando os níveis de organização social (micro, meso e macro), culminando com a interpretação reflexiva. O esquema metodológico propõe a identificação e caracterização dos três modos de conexão entre estes níveis por agregação, estruturação e efeitos de poder (Figura 6).

¹⁶ [...] then how you or I look is not natural or innocent (ROSE, 2001, p. 16).

Figura 6 - Modelo de análise sociológica



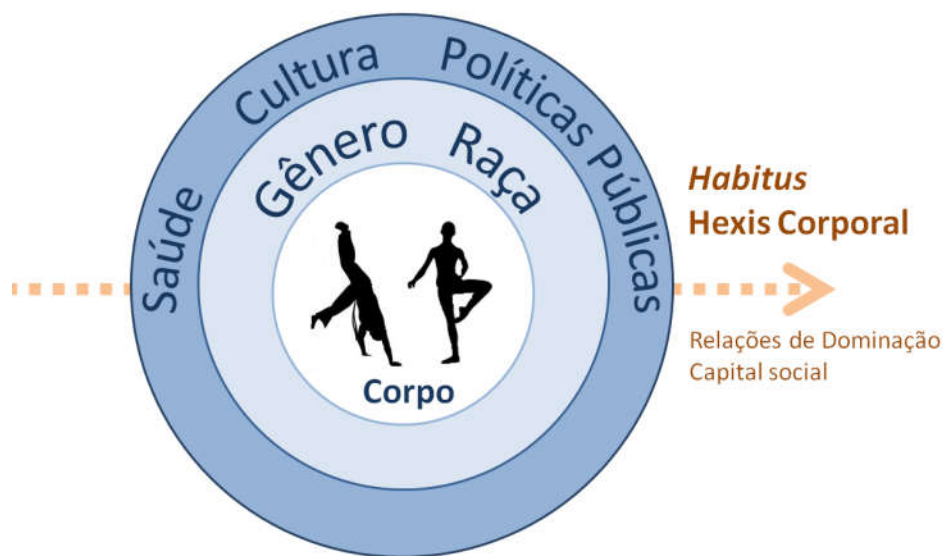
Fonte: PIRES, Rui Pena. Modelo teórico de análise sociológica. *Sociologia, problemas e práticas*, n. 74, p. 31-50, 2014.

A construção do plano analítico é definida pelas relações entre os campos macro/micro e macro/meso. A análise articula-se às relações de estruturação que compreende as estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, e que são capazes de coagir suas práticas e representações (BOURDIEU, 1987, p. 149).

Para isso, espaço social, espaço simbólico ou classe social não foram examinados em si mesmos e por si mesmas, mas colocados à prova numa pesquisa que é inseparavelmente teórica e empírica. Ante um objeto que mobilizou uma pluralidade de métodos, e que propõe a justaposição de fotografias e discursos foram traçadas as categorias mais pertinentes e que serão apresentadas nos capítulos seguintes.

A construção das categorias empíricas, propôs uma (re) leitura do modelo de determinantes sociais da saúde, à luz dos conceitos operacionais da teoria de Bourdieu, buscando sua adequação ao contexto das práticas corporais e da promoção da saúde. Com isso, formulei um modelo esquemático que pode ser útil para um outro olhar na análise dos determinantes sociais (Figura 7).

Figura 7- Modelo esquemático para análise dos determinantes sociais da saúde sob a perspectiva de Bourdieu



Fonte: elaborado pela autora, 2019.

A leitura do modelo deve ser feita transversalmente considerando a posição dos agentes e as suas condições de existência (capital social e estilo de vida). No cerne da figura, encontra-se o agente das práticas corporais representado pelo corpo, capaz de incitar o movimento corporal. A camada intermediária apresenta as categorias gênero e raça, destacadas neste estudo e permeadas pelas relações de dominação e o capital social.

Na camada mais distal, situam-se os campos da saúde, cultura e das políticas públicas que anunciam a influência das relações estruturais sobre os corpos. A imagem é perpassada pela interseção dos conceitos críticos de *habitus* e *hexis corporal*, elencados para subsidiar as discussões do trabalho.

Os achados do estudo foram discutidos considerando esse modelo e apontando as iniquidades em saúde capazes de revelar as questões relativas ao gênero e à raça. O modelo clássico de determinantes sociais da saúde pode ser de difícil compreensão sem a presença de um referencial teórico claro, capaz de explicitar as relações entre os agentes e a estrutura.

3.5 Aspectos éticos

Por fim, os aspectos éticos foram rigorosamente seguidos e a guarda final do mapa foi negociada com os participantes. A coleta de dados foi precedida de esclarecimento para os participantes sobre os objetivos e finalidades do estudo e da assinatura do TCLE (Apêndice B). O projeto foi submetido à análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais sob parecer CAAE 55687616.7.0000.5149 (ANEXO A) bem como, recebeu a anuência institucional da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte (ANEXO B).

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO DOS AGENTES PARTICIPANTES

*Assim eu aproveitei para olhar para a banda de donde ainda se
praz qualquer luz da tarde. Me lembro do espaço, pensamentos
em minha cabeça.*

(Guimarães Rosa, 1956, p. 343)

4 APRESENTAÇÃO DOS AGENTES PARTICIPANTES

Neste capítulo realizo uma breve apresentação dos grupos somando minhas percepções no campo e alguns referenciais sobre o contexto histórico das práticas. Em seguida, são apresentados os agentes participantes, seus mapas e narrativas. As práticas corporais elencadas para análise em profundidade foram a capoeira regional e a dança. As práticas se desenvolvem em dois centros culturais diferentes, em distintas regionais do município de Belo Horizonte.

4.1 O grupo da capoeira regional

O grupo da capoeira regional está presente no centro cultural desde a sua fundação, há cerca de 16 anos no início da coleta de dados. Reúne-se duas vezes por semana as terças e sextas, à noite. É comum que as famílias cheguem juntas, as crianças treinam às 19:00 e muitos dos pais permanecem para treinar, a partir das 20:00. Descobri pais que iniciaram a prática por influência dos filhos e também o inverso.

No início, para tentar acompanhar o grupo, treinava junto às crianças onde aprendia os movimentos detalhadamente, e dos adultos, quando tinha oportunidade de ensaiar melhor os golpes e praticá-los com os outros.

São aproximadamente 30 crianças e 50 adultos, número que varia com frequência. Existem dias com poucos participantes, faltam aqueles que só podem treinar em dias específicos, em função do trabalho ou das rotinas escolares. Mas vivenciei dias de roda, quando são convidadas pessoas externas e mais de 120 pessoas se reuniam para jogar.

O grupo se dedica à aprendizagem da capoeira regional. As origens da capoeira no Brasil se misturam à história de inserção da população negra, mais propriamente dos escravos em nossa cultura. A hipótese mais comumente aceita é a de que uma forma “rudimentar” de capoeira foi concebida pelos negros em países da África, como forma de dança ritualística (FONTOURA; GUIMARÃES, 2002).

No território brasileiro o que se denomina capoeira emerge como a possibilidade de defesa dos escravos contra as agressões às quais eram submetidos e na luta foram incluídos elementos da dança como uma maneira de ludibriar os seus senhores durante os treinamentos (FONTOURA; GUIMARÃES, 2002).

Surgiram normas e diferentes estilos de capoeira, dentre eles: a Regional, a Angola e mais recentemente a Contemporânea, cada uma com sua filosofia e perspectiva de jogo (OWEN; UGOLOTTI, 2017). A primeira, um dos objetos deste trabalho, tem como expoente maior Mestre Bimba, nascido em 1899 no estado da Bahia. Manuel dos Reis Machados recebeu seu apelido logo ao nascer, e foi chamado de Bimba por sua mãe que acreditava que daria a luz a uma menina (SILVA, 2004)¹⁷.

Sendo a historicidade da capoeira ligada à necessidade de defesa dos escravos, Bimba questiona as danças e acrobacias da capoeira Angola e propõe a capoeira regional como a possibilidade dos fracos se defenderem contra os fortes (SILVA, 2004). Considerado como agente de mudança, é a partir de Bimba que se reestrutura a capoeira brasileira (CAMPOS, 2006). Foram incluídos os golpes de defesa de lutas ocidentais e asiáticas (luta Greco-romana, jiu-jítsu, judô e savate) e mantiveram-se elementos corporais das danças populares de origem negra, como o batuque e o maculelê (SILVA, 2004). Por isso, a capoeira pode ser designada por pesquisadores e praticantes como arte, luta, jogo, dança ou mesmo esporte (OWEN; UGOLOTTI, 2017).

Os treinos acompanhados variavam quanto ao seu conteúdo. Havia dias em que eram realizados apenas exercícios físicos, em outros praticávamos golpes, e me recordo de dias em que fazíamos jogos e brincadeiras ligados à capoeira. Os elementos

¹⁷ Bimba é uma designação popular dada ao órgão genital masculino em algumas regiões do nordeste do país (SILVA, 2004).

culturais eram trazidos ao longo dos encontros, em alguns realizávamos apenas o treino com músicas de grupos regionais ao fundo, em outros ensaiávamos maculê, ou o mestre simplesmente compartilhava vivências e aprendizagens da sua vida de capoeirista.

De acordo com o número de participantes o treino era dividido em turmas para que os monitores conseguissem dar atenção a todos. Nesse momento o espaço do Centro Cultural é apropriado em totalidade, pois os participantes utilizam o espaço do salão maior, cedido para a prática, e também o espaço externo, uma espécie de auditório a céu aberto.

Descobri junto ao grupo que o surgimento da capoeira regional pode ser visto como uma estratégia simbólica, uma possibilidade de ruptura de um jogo historicamente definido pela classe dominada.

4.2 O grupo da dança

O grupo da dança está presente no centro cultural desde meados de 2008. O grupo se iniciou como uma possibilidade de dança feminina em igrejas cristãs, e depois expandiu seus horizontes para outros espaços. Os participantes se reúnem no mínimo três vezes por semana: as terças e sextas os ensaios se iniciam às 19:30, e aos sábados acontecem pela manhã. A duração média dos ensaios era de duas horas, mas habitualmente se estendiam.

Diferentemente do primeiro grupo não participei dos ensaios, para não atrapalhar a dinâmica dos integrantes. À época da coleta dos dados os participantes ensaiavam uma apresentação o que exigia esforço e dedicação, não havia espaço ali para o amadorismo da pesquisadora. Mas isso não me impediu de permanecer nos ensaios e frequentar os espaços do grupo.

Pois bem, o núcleo central do grupo possuía durante a coleta de dados onze membros, contudo alguns integrantes do grupo desenvolvem projetos paralelos no

mesmo Centro Cultural, todos ligados à dança. Por isso, também são “integrantes” do grupo os 60 alunos dos subgrupos de dança que participam com eles deste espaço.

Conheci o grupo por meio da dança contemporânea, mas eles também se dedicam ao balé clássico e às danças urbanas. Assim, cada um dos agentes se identifica em maior ou menor intensidade a cada uma dessas vertentes da dança.

As primeiras formas de dança existem desde a pré-história, estando sempre presentes no mundo humano (MUGLIA-RODRIGUES; CORREIA, 2013). Em cada sociedade a dança possui um significado e recebe um sentido. Como fenômeno social pode ser considerada espetáculo, comunicação, ritual, terapia, estilo de vida, exercício ou, como será tratada neste trabalho, uma prática corporal (MUGLIA-RODRIGUES; CORREIA, 2013).

O balé clássico figura entre as modalidades de dança cuja historicidade se liga a um maior código técnico. Existe uma forte ligação do balé a coreografias e enredos relacionados aos mundos encantados, “[...] com fadas, anjos e duendes, encantam e alienam pessoas, deixando-as desligadas de seus reais papéis sociais e insatisfeitas com suas vidas ‘humanas’ ” (ASSUMPCÃO, 2003, p. 5). Esse afastamento do real acompanha a prática que, na busca pela perfeição dos movimentos, exige dos bailarinos disciplina e modelagem dos corpos, baseando-se nos princípios de flexibilidade, estatura e peso (ASSUMPCÃO, 2003). Aspectos que salientam a característica elitista do balé.

Numa outra perspectiva, a dança contemporânea abriga, ainda em seu nome, a responsabilidade de representar no campo das artes e da corporeidade ao nosso tempo, o contemporâneo. A arte contemporânea encontra-se ligada à tradição histórica da arte, contudo representa um movimento heterogêneo, um retorno à experimentação com desprezo ao conteúdo formal determinado (JOSÉ, 2011). De maneira mais geral, o termo pode ser utilizado para denominar as diferentes poéticas que não se enquadram em classificações tradicionais como o balé ou a dança moderna (DANTAS, 2005). Suas matrizes conceituais encontram-se nos coreógrafos norte-americano Merce Cunningham, na dança pós moderna e na dança teatro de Pina Bausch (DANTAS, 2005). O dançarino contemporâneo realiza diversas escolhas

pessoais para compor seu treinamento, assim, dentro de uma mesma companhia, o treinamento não é homogêneo (DANTAS, 2005).

Como desdobramentos da dança contemporânea surgem as danças urbanas, um gênero multiforme que emerge do “[...] confronto com a cidade e as suas estruturas urbanísticas e sociais, inicialmente semi-improvisado e aventureiro” (ROPA, 2012, p. 114). As danças urbanas transformam o corpo dançante em arte do movimento que, diferente das técnicas rígidas e dos ritmos congelados, adquirem plasticidade e dinâmica (ROPA, 2012).

Se as danças urbanas não se restringem a movimentos específicos, os espaços para se desenvolverem são ainda mais amplos e elas podem acontecer em diferentes lugares das cidades. O que lhes garante múltiplas interpretações e significações de acordo com seu contexto. A ideia é que o corpo dance e assuma novo protagonismo no espaço urbano ganhando visibilidade e espectadores (ROPA, 2012).

Observei junto aos grupos que os ensaios propõem o aperfeiçoamento e o desenvolvimento das habilidades requeridas pelos movimentos da dança. A gestualidade de cada um dos integrantes é observada com atenção buscando o domínio de si e do corpo.

Também são esperados que os participantes tenham disponibilidade corporal para atuar como colaboradores dos processos de criação e interpretação coreográfica. Dessa forma, a sua atuação não se resume à reprodução de um determinado estilo, mas à elaboração de linguagens coreográficas. O grupo tem um repertório voltado para a música gospel, mas não se restringe à mesma.

Encontrei neste grupo uma pluralidade de modos de fazer a dança. Por sua heterogeneidade os participantes se autodenominam bailarinos (as) ou dançarinos (as). Assim, as diferentes formas de movimento determinam que cada conjunto de dançarinos estabeleça suas próprias danças, ao mesmo tempo em que se constitui dançarino nesta relação. Dessa maneira, o ato de dançar é experienciado individualmente e também coletivamente, possibilitando novas interações com o corpo.

4.3 Apresentando os capoeiristas e bailarinos (as)/dançarinos (as)

Para cada um dos participantes a narrativa foi se construindo como processo onde a pessoa conta um acontecimento e vai trazendo outros fatos, comentários que enriquecem a história. Apesar de qualquer coisa, a ideia desse subcapítulo é dar voz aos agentes que participaram deste trabalho. Por isso, os mapas foram apresentados individualmente, ressaltando suas singularidades.

São apresentados o nome, a frase título, a fotografia do mapa e em seguida a narrativa. Demarcações sublinhadas dos elementos discursivos trazem as principais temáticas que emergiram dos dados empíricos. É a riqueza deste material que indica os caminhos para a análise.



CAPOEIRISTAS

Jangada do Campo
Determinação força de vontade



Mapa Corporal 1- Jangada do Campo

*Desde pequeno eu faço capoeira, mas eu faço esporte desde cinco anos, eu pratico artes marciais. A capoeira, eu sou apaixonado pela capoeira. Eu não queria parar de fazer capoeira nem para estudar. Eu não pratico em casa não. Pra mim jogar capoeira mesmo só tiver um apresentação, uma roda. **Então, se você ficar sem treinar aqui você fica sem treinar mesmo?** Bom eu tipo assim eu gosto muito é de correr, fazer abdominal, flexão dentro de casa eu gosto de fazer isso. Ficar parado de tudo mesmo eu não gosto muito não. O corpo eu acho que enfraquece né? Já tá acostumando com aquele ritmo e acaba que sente falta. Mas na verdade mesmo quando eu não venho, vamos supor duas semanas, meu corpo já perde alguma coisa. Tá perdendo um pouco da energia. Porque acumula muita energia, então tem que fazer alguma coisa. Quando eu penso na capoeira na verdade não vem muito imagem*

não, eu penso no meu bem-estar, no meu corpo, o que eu gosto (...). **Você acha que tem alguma forma da gente representar isso aqui nesse mapa? Esse seu bem-estar.** Se tiver como representar a felicidade né? É que na capoeira eu me sinto feliz, me sinto leve, meus problemas pessoais quando eu venho para capoeira some. A cabeça fica leve, tranquila. Quando eu tô na capoeira eu não sinto como se fosse um esporte, eu sinto como se fosse uma brincadeira, levada a sério né? Que faz bem para o corpo, para mente. Qualquer esporte que eu pratico eu vou com o corpo e alma. Na verdade a atividade física dá mais resistência no corpo. Eu sempre fui esbelto, assim magrinho e fortaleceu mais o meu corpo. A capoeira fortaleceu mais o meu corpo, definiu mais o meu corpo. **Quando você pensa em saúde você pensa em quê? O quê que vem na sua mente?** Ah velhice, chegar à velhice. É mais ou menos é isso mesmo, esperando chegar na velhice, e eu espero estar jogando capoeira. Quando eu posso, eu gosto de falar com os alunos e explicar o que foi o treino. Em tudo que a gente for fazer a gente tem que ter determinação e força de vontade. Que é o que a pessoa tem que ter eu acho, na vida. senão acho que não vai pra frente. **Quê que te motiva a sair de casa para vir no treino ou para vir numa roda aqui?** Primeiro eu gostar, eu gosto muito da capoeira. Segundo é as pessoas né que faz bem para gente. Tá aqui tem uma energia boa, as pessoas passa um pouco do carinho também. A capoeira e o esporte em geral é a ferramenta de inserção social mais eficaz, pois o resultado é imediato e as transformações são surpreendentes. Sempre ajudou, quando eu tô magoado triste né sempre que eu discutia com a (eliminação de conteúdo sensível) questão de relação, quando eu chegava na capoeira meu mundo pra mim acabava. Parece que eu tava entrando numa sala fechada ali, que só existia eu. Por mais que tinha os outros demais, mas parece que minha cabeça entrava ali, quando eu começo a me distrair um pouco mais quando eu concentro o meu corpo na capoeira não entra mais nada, só treino. A pessoa que ela é triste eu acho que fica doente muito mais rápido. Acho que é isso mesmo e questão da força né? Ah acho que todo mundo espera um futuro, eu principalmente crescer na vida e ter uma capacidade boa financeira, e ter saúde, e praticar muito esporte. Que sem o esporte eu acho que não tem saúde. Acho que sem não tem como você ter saúde na sua vida. Primeiro é questão da flexibilidade da capoeira, ela é muito flexível. Ela é eu vou falar a verdade, ela é ótima pra saúde da pessoa. O corpo ele tem uma certa limitação, mas a capoeira ela te faz ir um pouco mais além. Então acho que é isso que a capoeira é diferenciada nos outros esportes. Ela trás uma sensação boa, musicalidade. As palmas, os instrumentos, as pessoas em si. Dentro da capoeira eu acho que só da pessoa estar ali, não precisa nem estar praticando capoeira só de estar ali já se sente bem. Eu acho que é isso que a capoeira é dentro da minha vida, e de quem pratica. Olhando assim pelo que eu já fiz (no mapa corporal) eu tô demonstrando a minha vivência, o que eu faço, porque eu acho que tudo é prazeroso. Aqui tem um pouquinho de cada coisa de mim.

Algodãozinho
“A mamãe não se entrega fácil!!”



Mapa Corporal 2- Algodãozinho

Que legal, vai formando um tanto de coisa que é importante na sua vida. Eu vou ficar de bananeira no pano. Mas se eu tiver que fazer bananeira aqui eu num faço não. Fui eu trouxe todo mundo pra capoeira, a família tá toda unida. Mas depois todo mundo ficou mais capoeira que eu. Eu acho que isso permite ter um diálogo com eles também. Porque aí chega final de semana assim e eles “Mamãe! coloca música de capoeira” Aí eu pego meu celular, aí coloco. Aí fica todo mundo lá em casa, cada um fazendo uma coisa cada um no seu quarto, mas cantando sabe? A gente gosta muito da capoeira, então a gente já queria fazer em algum lugar mesmo, pra eu trazer os meninos, meu sonho é que meus filhos fizessem capoeira. Mas tinha que ser num lugar que eu confiasse, num lugar onde fosse um ambiente familiar, num lugar onde eu tenho certeza que o professor não iria passar valores e conceitos pra eles que

eu não concordo. Porque tem lugares que treinam capoeira, mas com outros valores sabe? Se não fosse um lugar onde as pessoas tivessem respeito umas com as outras eu não traria eles. Nem viria. E aí eu voltei mesmo foi por causa do meu menino, que nem eu te contei. Como ele tava apanhando muito na escola aí falei “Bom, eu acho que uma luta ela ensina” assim, num é ensinar a bater no colega, são amigos neh? Eu queria que ele pelo menos se posicionasse sabe? Num é pra bater nele, mas assim aqui é o limite do meu corpo e daqui pra lá você não pode invadir. Eu acho que o conhecimento do próprio corpo ele leva a gente a entender algumas mensagens que o corpo da gente manda. E o corpo da gente manda mensagens pra gente. As coisas não acontecem assim, de uma vez. “Oh aconteceu, num sabia que eu tinha”. As coisas são processos. E, muitas vezes a gente não percebe esse processo por não conhecer o corpo da gente. Porque todo mundo tem que viver bem, todo mundo tem que ter qualidade de vida e se eu tenho a experiência de que algo que me faz bem eu preciso dizer pro outro. Então, que as pessoas que não fazem que procurem uma atividade que gosta. Tem que ser uma atividade que dá prazer, é porque trabalha o corpo mas trabalha a mente também. E com relação à capoeira, a capoeira ela trás tudo isso. O conhecimento do corpo, ela trás bem-estar físico ela trás bem-estar é emocional. Ela trás um bem-estar social neh? Eu não vou te falar que essa capoeira que a gente faz aqui ela serve assim, como a única atividade física, porque não dá. De verdade, não dá. Você tem que procurar uma outra atividade, até pra dar conta de fazer algumas coisas aqui. Chegou esse momento assim, acho que foi um pouco antes de arrebentar meu pé. Eu falei assim “Bom, eu não vou conseguir avançar mais se eu não procurar uma outra atividade pra fazer”. Eu queria colocar uma coisa de força sabe? Primeiro, eu moro longe daqui tem que ter força de vontade pra poder vir, depois de um dia de trabalho, de menino, de casa, de tudo, todo mundo fala assim “Nó, só você mesmo” aí eu falo “Vamo lá”. Ontem, meu filho falou uma frase. Que eu vou colocar ela, posso colocar entre aspas até. Porque eu amei, me achei. Ele falou assim: “A mamãe não se entrega fácil”. Eu vou colocar essa. **Como é que cê faz Algodãozinho pra conciliar a capoeira com as suas atividades do dia a dia assim? Com o seu trabalho, com as suas tarefas em casa? Como é à noite então facilitou. Porque é na hora que eu termino tudo, então na hora que eu já busquei menino na escola, na hora que eu já saí do serviço, porque eu saio pra já buscar eles na escola. Então como é à noite facilitou. Três coisas que eu acho mais importantes. O símbolo da minha profissão, a letra (eliminação de conteúdo sensível), e vou colocar o berimbau. Eu não gosto de me ver velha não sabe? Pensar “Putz grila daqui a 20 anos eu vou ter 60 anos.” Eu não gosto de me imaginar velha não. Apesar de que, hoje as pessoas com mais de 60 anos não é velha né? A primeira coisa que me chama atenção (no mapa corporal) é uma pessoa que se encontra satisfeita com seu corpo, na verdade eu me achei até mais fina. (risos) Que tá satisfeita com seu corpo e com a vida, acho que é uma pessoa feliz. Feliz e claro, que tem dificuldades, mas tem que tem saídas pra ela. Eu acho que é uma pessoa que deu certo sabe? Assim, deu certo na família, deu certo no casamento, deu certo na profissão. Gosta da capoeira. Eu acho que é uma pessoa que é feliz.**

Taiuiá

O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo, acima do seu senhor. Basta ao discípulo ser como o mestre, e o servo, ser como seu senhor.



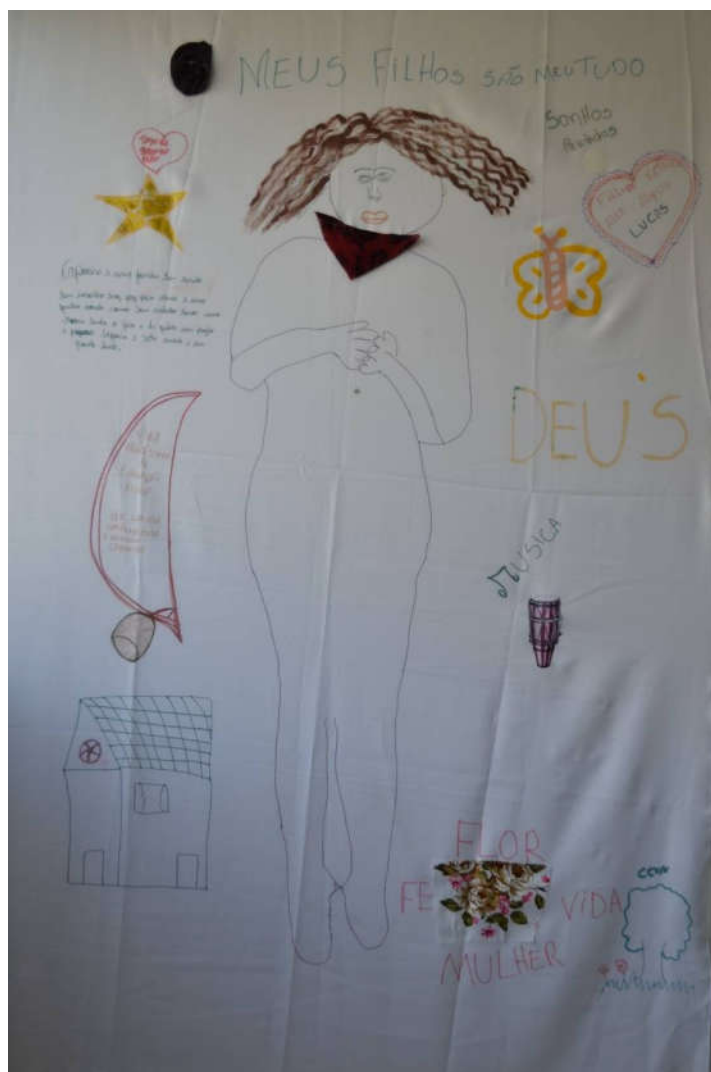
Mapa Corporal 3- Taiuiá

Eu fui para a capoeira para poder ter mais status e reconhecimento no meio da turma que eu andava. E nesse processo, eu na verdade entre os 10 anos 12 anos eu comecei a me envolver com torcida organizada e viajar direto com torcida e eu comecei a envolver com brigas e foi quando surgiu o interesse de fazer luta, mas com intenção de usar a luta para briga. Que era meu intuito na época que eu comecei a usar capoeira luta questão de briga, eu fui com esse intuito, com esse objetivo. E acabou que assim, eu fui perceber com o tempo que a capoeira era muito mais do que eu imaginava. Eu não esperava apaixonar com a capoeira. Eu fui pra fazer um mês, eu falei assim “Ó, vou fazer outra luta, outra coisa”, eu achava que a capoeira não ia

dar o resultado que eu queria. E eu fui mais para fazer companhia para um amigo meu, e eu fui e falei “Ah vou fazer só um mês” e depois e paguei o mês, aí esse mais um mês: 22 anos. Acabou que eu não consegui sair. Eu fui entender o processo da capoeira comigo, eu fui entender o porquê da luta. Mas a verdade é que a capoeira ela trabalhava algo em mim que eu precisava muito na época que era limite, disciplina, respeito. Que eram coisas que faltava em mim isso e eu entendi que era muito mais que simplesmente jogar capoeira eu comecei a construir um laço de amizade neh? Naquele momento já era muito mais forte para mim o sentimento que eu tava tendo pela capoeira. E foi quando eu comecei a dar continuidade aos treinos e a capoeira, e eu percebi realmente o tanto que eu estava gostando da capoeira. Aí nessa época eu já tinha batizado, já tinha minha primeira corda, empolgado, treinando que eu queria trocar de corda. E é o porquê disso aqui hoje: eu fazendo na vida das pessoas o que a capoeira fez na minha. Que passou um tempo eu comecei a presenciar esses amigos meus envolver com droga, arrastão, já tava fazendo assalto com a mão armada, outros envolvendo cada dia mais usando droga. Começaram outros que eu vi traficando e esse processo todo eu fui presenciando dentro da capoeira e hoje eu vejo aqui assim que tudo ali teve um tempo, um propósito de Deus na vida da gente. E hoje agradeço muito a capoeira na minha vida. Mas eu falo assim a capoeira me proporcionou no sentido de qualidade de vida que foi não ter me deixado envolver com bebidas, com drogas, as amizade as pessoas que eu tava andando na época e a capoeira ela me direcionou pra uma vida saudável. Não ter envolvimento com droga, bebida. Nunca experimentei nunca pus um copo de cerveja na boca, nada. Eu acho que isso é a capoeira. Como colocar hoje a minha saúde? Hoje há muitas lesões, mas não por causa da capoeira questão de moto, acidente de moto. Muitas coisas que eu fazia na capoeira já deixei de fazer devido as lesões, o meu pé hoje é cheio de parafuso, joelho lesionado. Tipo, hoje, mas quando eu penso assim saúde eu penso no tanto que a capoeira me proporcionou na recuperação desses acidentes. Na verdade eu tô acima do peso questão de uma série de coisas, deixei um pouco assim é um processo assim desde o ano passado eu tenho muita dificuldade com dieta e eu tenho muita facilidade de ganhar peso. **Que imagem vem na sua mente quando você pensa em capoeira?** Imagem? Povos, união (faz o símbolo da resistência negra com a mão). O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor. Basta ao discípulo ser como o seu mestre e ao servo como seu senhor. **Você tirou essa frase bíblica neh?** Mateus 10 24-25. Ju essa frase eu acho que tem tudo a ver assim no que eu penso, da igualdade pra mim eu tento tratar todo mundo igual. A única diferença que separa eu de você e do seu marido, um exemplo, é o tempo. Questão da capoeira é o tempo. Esse é um pensamento meu por isso que eu coloquei como um pensamento. Acho que ninguém é melhor do que ninguém. Ninguém é superior a ninguém. É mesmo a questão de tempo de treinamento e dedicação. Acho que representa força essa imagem representa pra mim dedicação, persistência de tipo muitas lutas. E eu entendo assim que muita gente não acreditou que, muita gente não acreditava que eu permaneceria na capoeira, que eu continuaria fazendo. E eu sempre trabalhei em área de risco em projetos sociais que eu acho que é onde eu me identifico mais, digamos sou mais útil.

*Quando falo dessa estabilidade é de ter trabalho digno, legal, que não engessa o conhecimento, que valoriza o ser, a pessoa independente se joga ou se não joga capoeira. **Eu queria te perguntar porque você colocou a maior parte dos elementos dentro do seu corpo?** Eu acho que dentro representa o que eu vivo e fora o que eu penso e o que eu vejo assim. E pra mim são assim um pedaço de mim que eu vejo. Como se eu tivesse dividido em metades assim, vários pedaços, de várias coisas que eu vivi, que eu vivo e que eu busco. Agora eu tô me enxergando, uma história. E que transmite quem que é o Taiuiá.*

Assa-peixe
Meus filhos são meu tudo



Mapa Corporal 4- Assa-Peixe

Eu estava atrás de alguma coisa para interagir os meus filhos para ocupar o tempo deles. Como eu tinha saído de um relacionamento muito conturbado, eu queria ocupar a mente dos meus filhos com alguma coisa. Eu vim para trazer eles só para eles participarem, aí o que me encantou foi a (eliminação de conteúdo sensível) que ela tem uma receptividade muito grande com as pessoas. Então ela ficou “Faz, faz, faz” então na primeira aula apaixonei. Porque é uma coisa que eu tava querendo com os meus filhos neh? Pra família inteira. Esse ano eu pego minha primeira corda, espero pegar mais. Eu quero chegar igual ao professor. Ter minha turminha de capoeira eu não quero por causa do dinheiro eu pretendo fazer educação física para dar aula em escola. Pra lidar com criança, eu sempre gostei disso, de trabalhar com criança. Todo evento eu sempre tento ficar perto da parte das crianças. Tem evento

no Centro Cultural eu vou lá pra ficar perto dos meninos que é a parte que eu me identifico. Eu quero fazer educação física para trabalhar em escola para ter criança e ter alunos. A capoeira fez bem pro meu corpo, eu era muito magra, eu não gostava. E quando eu entrei pra capoeira eu engordei. Mesmo magra eu gosto, pra mim tudo tá bom (risos) se eu tô gorda tá bom, se eu tô magra tá bom. Eu só reclamo da barriga, mas aí a barriga é consequência das gravidez. Quem mandou eu caçar esse tanto de filho? Os outros tomam um susto na hora que eu falo que eu tenho quatro filhos. Mas Deus quis assim vou fazer o quê? Igual eu falei procê assim vou tirar?! Igual meu filho mais velho ele passou fome, aconteceu os problemas a minha família (eliminação de conteúdo sensível). E o pai dele morava pertíssimo da minha casa, mas nunca quis contato com ele. Que a esposa dele não permitia. Aí passei fome, fome mesmo. Eu ia para casa das minhas amigas faltando dez minutos para o almoço “Oh você tá fazendo almoço?” Eu sabia que tava, mas era pelo meu filho. Não tinha o que comer durante dois meses eu dei pra ele mamadeira de água com açúcar, porque eu não tinha nada para dar então eu arrumava açúcar pegava água e dava pra ele. Igual assim casamento, eu tive um casamento que eu não casei por amor eu casei por necessidade. O camarada estendeu a mão veio me ajudar e eu casei. Falo com todo mundo “Não casei por amor, casei porque meu filho estava passando fome.” Então assim minha vida é dura passei por muita coisa nessa vida. A única coisa que eu tenho de ajuda é o Bolsa Família e só. Tirando isso eu não arrumo uma faxina, eu não arrumo nada para fazer. Aí aqui em BH trabalhava como vendedora, eu sou pau pra qualquer obra, o que aparecer para trabalhar desde que seja honesto e dê pra sustentar meus filhos. Eu não tenho medo de serviço não. A saúde isso tem um lado escuro da minha vida, porque me atrapalha a fazer muitas coisas. Vou fazer aqui uma espiral. Desenhar uma espiral assim que a minha saúde é uma espiral. Do mesmo jeito que ela tá aqui boa ela tá lá no fundo do poço, ruim. Eu tenho asma, então eu tava tendo muitas crises. Então o médico tinha falado pra eu fazer algum exercício físico. Depois que eu comecei a fazer capoeira melhorou bastante. Porque eu entrei pra fazer capoeira e também que te ensina a ter união, ter respeito com sua família neh? Eu tô trazendo essa ideia pra eu educar meus filhos. A capoeira é uma coisa muito boa pro corpo, pra mente, pra alma. Então é isso. Que só agreguem, que fiquem, pra que a gente se una cada dia mais e mais e mais. “Capoeira é uma família, tem união, tem carinho, traz paz pra alma. É uma família que adora receber.” É um amor incondicional por que eles não olham cor, não olham raça, não olham classe, tem pessoas de baixa renda com renda mais acima tem condições financeiras melhores. E eles não olham, não distinguem isso. Teve uma época na minha vida que eu passei um aperto juntaram todos aqui me deram uma cesta básica. Tava passando um aperto não tinha dinheiro para fazer a compra. Então assim, é uma família mesmo. Não é só vim faz capoeira e vai embora. Aqui tem carinho, tem amizade. Tem de sobra. Tudo num ambiente só. Quando a gente joga olhando pro céu, pra esquecer os problemas pra limpar a mente mesmo. Então só me veio estrela na minha mente. Eu acho que não posso escutar o barulho do berimbau que eu já estou querendo dançar. A capoeira agora significa muito na minha vida, desabrochar. Eu acho que a coisa mais importante foi eu ter acordado pra vida.

Carobinha

Viva com intensidade cada momento da vida, ser feliz é reconhecer que vale a pena viver. Apesar de todos os desafios e perdas.



Mapa Corporal 5- Carobinha

Toda vida eu gostei um pouco de barulho, eu nunca fui uma pessoa quieta não. Sempre fui uma pessoa que fica movimentando e toda vez que eu vou ao médico ele me mandava fazer exercício. Toda vez. E eu não vou andar, eu não vou andar. Mandou fazer isso também, não vou. Aí ele foi e falou comigo “Se a senhora não fizer exercício quando você ficar mais velha você vai ficar sem movimento”. Falou comigo desse jeito. Mas depois e eu vi que tinha que realmente fazer alguma coisa aí procurei. Me interessei pela capoeira porque eu gosto de filme de artes marciais, quando era bem, bem, bem jovem eu via os filmes japonês de kung fu. Mas era japonês, não era esse kung fu maluco que tem hoje não. É esse kung fu de concentração, que só é usado para defesa. Então eu gostava, eu gosto. Aí resolvi entrar na capoeira. Porque na capoeira a gente dobra parte do corpo pra

*movimentar. É por esse motivo que o berimbau tem uma batida constante. Lembra movimento, lembra samba. Porque a capoeira sem berimbau ela perde uma porcentagem dela. Que cor que eu vou pintar ele? Que eu gosto do azul, eu gosto do azul que ele é uma cor de descanso, depois do movimento vem o descanso. Se o ser humano se não tivesse força se não tivesse garra você vai deixar a bola rolar e deixando a bola rolar você vai aonde a onda vai. Você não toca o barco, de acordo com o que você quer. Então a gente tem alguns momentos tem que ser vivido com força, com realidade. No passado, toda vida eu trabalhei. Eu comecei a trabalhar com 14 anos bem cedo, aposentei também bem cedo. Mas eu continuei trabalhando, eu trabalhei com todas as raças do mundo que era uma empresa multinacional. Aí assim, tinha muita experiência. Eu acho que a base de trabalho que a empresa me deu muito boa, me deu condições de sobrevivência. Aí depois com todas as dificuldades de tudo que você pensar eu sempre trabalhei. Talvez seja porque eu lutei muito para dar força pra o meu filho, aí eu peguei uma mulher com criança. Coloquei uma mulher uma mulher com criança no colo, porque geralmente a mulher que continua vida. Ela que dá continuidade na vida e a criança é esperança. Só tem a mulher com criança, não tem homem. Aí, mãe e filho sem trabalho. **Porque que eles estão sem trabalho?** Preconceito. Quando eu chegava nos locais pra procurar um emprego que apresentava o meu currículo eu falava que eu era divorciada e que eu tinha um filho. Aí não podia, isso também era um preconceito. Hoje não, não tem esse problema mais. Mas na minha época tinha demais. Já me falaram se eu tive filho o problema era meu e que ninguém tinha nada a ver com isso. “Ninguém mandou você ter filho”. Tem um monte de coisinha que a gente não lembra na hora assim. Hoje eu quero trabalhar sim, mas eu ainda não saí pra procurar nada não. Porque de acordo com a idade, eu tô na menopausa eu não aguento ficar em lugar fechado sem ter uma ventilação. Eu tô vendo muitos anos de vida né? E junto nesse período teve o horário de lazer que é a capoeira.*

Bacupari
Certified yak shaver



Mapa Corporal 6- Bacupari

Foi um amigo que mora aqui perto, ele me indicou e eu vim algumas vezes e gostei. Eu sempre gostei de artes marciais, eu fiz taekwondo muitos anos. A minha ideia foi fazer alguma atividade física porque o meu estilo de vida é muito sedentário de computador eu preciso fazer alguma coisa também. Mas eu pretendo assim, eu acho que cumpre o objetivo de ter uma atividade física neh nessa vida corrida. Eu tento trazer todas as atividades que eu faço como um melhoramento de mim mesmo. Eu me acho uma pessoa com algumas coisas muito rígida, muito metódica e eu sempre procurei artes marciais que sejam dessa forma: caratê, taekwondo que eu fiz muitos anos e a capoeira tá me ensinando a não querer todo mundo à minha vontade. A questão da ginga, a questão da dança, me adaptar às situações e não querer que tudo se dobre à minha vontade. A capoeira é uma atividade que trabalha muito a perna,

mas eu já tenho uma musculatura de atividade anterior das artes marciais que eu já fiz. Assim momentos específicos de ginga, de posições de taekwondo também mas eu lembro de alguns momentos assim tanto da atividade física, mas agora da alimentação também. A alimentação influencia muito a energia, a vitalidade. Eu não faço nenhum controle nutricional não. Sobre alimentação eu pesquiso. Eu gosto muito de salada, evito carboidrato demais. Tá em tudo neh carboidrato? Pra mim basicamente alimentação, evitar carboidrato, aí salvo essas exceções eu procuro assim, comer muita fibra comer pouco carboidrato, muita proteína dentro de um nível razoável. Eu tô tentando fazer um sol aqui porque eu acho que aqui a gente faz a noite mas eu vejo a capoeira como um exercício muito ativo. E eu acredito que historicamente os negros deveriam talvez fazer muito sobre o sol. De alguma forma eu tenho essa impressão. Até porque a nossa é cultura bem forte. São duas coisas que combinam muito o sol na cabeça da pessoa e um chão de terra, o ambiente em que eles viviam quando foi inventado. “Saiba quem você é e de onde você veio.” Eu acho que ajuda muito no caminhar da pessoa cê lembrar sempre quem você é. Não entrar no caminho errado, que depois cê até se arrepende que o caminho que você está andando não coaduna com o que você é sabe? Eu acho que lembrar é sempre importante e de onde veio, que a família também de onde tira força dos amigos, dos ancestrais da gente neh? Nosso sangue. É isso, é o sol. **O sol representa o seu futuro? Por quê?** Pra mim parece muito como um norte tem muito essa representação. E eu procuro apesar de que trabalho e faculdade precisa de muito esforço tentar colocar a vida só nisso. Procurar parar e fazer outras coisas é isso. É assim que eu concilio. Normalmente no final de semana acaba trabalhando mais, é mais regra do que exceção. Olha tem uma organização das coisas, tem muitos padrões né alguns conceitos que eu vejo vou aplicando em tudo assim. Acredito que, no geral, eu sou muito privilegiado por tudo. Desde profissão, cor de pele. Não tenho muito o que reclamar. Porque é impossível dissociar eu, a minha pessoa da profissão. E eu sou muito mais forte do que capoeira então entraria isso aqui. A minha vida pauta muito nesses pilares de exatidão tentar alcançar uma constância nas coisas. De ter medida das coisas, saber os porquês as coisas. Acho que a minha carreira a minha profissão galga a minha forma de pensar de agir. Eu tô vendo um capoeirista, vejo muito foco, muita organização, e muita presença. Assim tem muita coisa minha eu acho. De várias formas assim: dificuldades, visões, vejo muito de mim e de características no geral.

Jequitibá

“Mais vale o esforço na vida até mesmo na hora de errar, quem não tenta é verdade não erra mas ganha quem erra tentando acertar”



Mapa Corporal 7- Jequitibá

Quando eu via o meu marido fazendo eu ficava doida “Nossa eu tenho que aprender a fazer isso rápido.” Às vezes era a vida corrida porque eu estudava, ele estudava também. Serviço de casa, filho aí às vezes não dava pra acompanhar neh? Mas me ajudou demais na disposição física, na mente também porque aqui a gente faz muita amizade. Eu gosto muito de esporte, eu só tava um pouco parada. Mas eu sempre tive o corpo muito flexível e o que a capoeira ajuda a gente no corpo. A gente ter mais disposição, no outro dia você levanta pra trabalhar bem mais disposto, não tem nem comparação. É como se fosse uma academia, você vai malha o corpo, você tem muito mais disposição. A ansiedade para vim pra capoeira é muita também. Nossa, lá em casa os meninos então nem se fala, estão lá sofrendo agora nas férias. Aqui é como se fosse uma família, então assim ajuda bastante. Só de saber que toda terça-

feira você vai vir e vai encontrar pessoas legais, bacanas, como se fosse uma família. As pessoas vêm no intuito de fazer exercício e tal, mas quando chega aqui e vê que o ambiente é diferente, aquele ambiente família, de amigos. Aí eu acho que eles se encantam mais ainda. Igual assim cê vai na academia cê só vê gente malhando aqui, malhando ali, às vezes cê tem uma amizade e aqui não. Aqui se a gente pode ajudar um ao outro a gente ajuda. Mas antes eu ficava com muita vergonha eu tinha um pouco de receio em fazer. Eu ficava com vergonha meu marido falava “Deixa de ser boba, tem um tanto de mulher que faz”. Aí eu fui vendo que as meninas faziam também aí eu fui perdendo a timidez aí eu fui fazendo. O que motiva a gente primeiramente é o esporte que é a capoeira e segundo é a amizade que a gente tem aqui. Porque querendo ou não para gente é uma distração que a gente fica em casa tá parado né? Não ficar preocupando muito com as coisas então isso aqui é uma distração para a gente. Igual a gente ficou parado esse tempo né? (refere-se ao fato de ela e o marido estarem momentaneamente desempregados) Nossa é horrível. A gente não tem pra onde ir, o que fazer. Tá muito difícil, muito mesmo. É muita decepção que a gente tem. A gente vai num lugar fazer entrevista a pessoa nem liga pra dar um retorno. Pra falar se você passou ou não, deixa pra lá não fala nada. E você lá naquela expectativa. E a pessoa nem aí. Nossa é horrível. No dia a dia eu sou assim: nunca fui de fazer dieta essas coisas não, nunca me agradou. Pra mim cuidar mais da saúde eu evito refrigerante é só suco natural, geralmente meus meninos só tomam refrigerante quando a gente sai. Comida a gente não é muito de fritura, só de vez em quando que a gente come batatinha essas coisas pra a gente satisfazer a vontade. Mas lá em casa mais é isso, sem refrigerante, pizza, hambúrguer é uma vez ou outra assim que a gente come. Igual te falei para satisfazer mesmo aquela vontade. Mas lá em casa é muita fruta, suco natural não faço comida pesada meu marido também cozinha, ele não faz comida pesada. Mas por que a gente pratica exercício então a gente tem que adaptar né? Comer coisa mais saudável meus meninos também adoram. Quando dá a gente treina berimbau, atabaque aí de vez em quando a gente treina alguma coisa assim. Pra ocupar a mente a gente faz uma caminhada. Mas só isso também, tirando isso é só a capoeira mesmo. **A saúde você quer representar com a família?** Porque tipo assim quando você tá bem dentro de casa com a sua família com seu marido, você tá bem em todo lugar. Então isso pra mim representa muito, ajuda muito. Não sei se é pelo momento que a gente tem passando, pelo sufoco do desemprego que a gente tem que correr atrás, esforçar bastante. Igual eles falam assim que “a gente tem que errar pra a gente aprender né?” Olha, como eu corro atrás dos meus objetivos, então pra mim eu nunca dei muita importância pro que os outros falam. Eu tive os meus filhos nova? Sim, mas hoje em dia eu curto a minha vida, os meus filhos já estão praticamente criados eu não tô começando agora depois de velha. Mas já fui muito discriminada por ter filho nova quando eu ia para escola tinha muita gente olhando pra mim de olho torto “nossa ficou grávida nova”. Eu particularmente eu tinha muita vergonha, nem queria estudar. Eu tava olhando aí eu vi uma mensagem assim que como que eu vou explicar que tipo assim na nossa vida, na vida do capoeira, a gente não tem que chegar com aquela fobia de “ah eu sei eu, vou fazer e tal” você tem que esperar, você tem que

pegar o aprendizado para depois você mostrar aquilo que realmente é capoeira. Capoeira não é luta é uma dança corporal, todo um ensino, todo um aprendizado. Não é chegar e já querer dar pernada. O mapa, ele mostra igual você falou assim o meu rosto, eu vejo um rosto de tranquilidade, vejo que tem fé, família, objetivo, mensagem. Tem uma paixão. Eu vejo tudo isso no mapa.

Buriti
Eu posso. Eu consigo.



Mapa Corporal 8- Buriti

Eu sempre gostei de tudo o que é manifestação artística dança, canto, tudo. Aí surgiu essa ideia de fazer capoeira. Mas eu sempre procurava tanto é que eu procurava no Google encontrei escolas de capoeira no centro de Belo Horizonte, mas aí fazendo um trabalho pra uma academia aqui da regional (eliminação de conteúdo sensível) entrou um menino com roupa de capoeira eu assim perguntei para ele “Onde que você faz capoeira?” ele falou “No Centro Cultural”. Aí beleza falei assim “Ah vou procurar então”, e eu acho que demorei um ano para ligar para cá. E foi aí que aconteceu, eu vim um dia à noite com pretexto nenhum de ficar, acabei ficando. O pessoal que me atraiu muito no grupo aqui. Aqui é muito receptivo, é muito família. Que a minha agenda ainda não tava conciliada com as atividades daqui, no dia seguinte eu faltei. Aí acho que foi a (eliminação de conteúdo sensível) que me perguntou assim no meu particular me chamou e falou assim “Olha você sumiu

porque que cê não veio?” Falei assim “Que coisa legal eles se importam”. E isso motivou mais ainda em participar. Aí juntou o gosto com a arte que eu já tinha, e aí tô aqui até hoje. Eu tento em casa fazer alguns exercícios, manter o alongamento inclusive, por exemplo, eu não faço academia todos os dias, mas com frequência. O meu intuito a princípio não é virar atleta, se isso acontecer vai ser uma consequência de eu me apaixonar a fundo. Mas o meu intuito mesmo é compartilhar, conhecer o pessoal, ficar mais próximo da arte, da cultura, da música. Eu não sei por que, mas sempre me remete à religião afro. Sempre. Tanto é que, por exemplo, quando eu entrei teve uma palestra. E aí eu fui perguntei pra ele porque que as pessoas remetem à capoeira na religião afro e se isso realmente faz sentido. Aí ele foi e me explicou que normalmente as pessoas fazem referência por causa da origem, mas a capoeira em si não tem religião. As possíveis origens da capoeira sempre me remete a isso a uma religião afro. Aí eu lembro de orixás, de candomblé talvez por causa dos instrumentos também. Então não me vem à mente um símbolo em si não, mas sempre isso e música. Musicalidade. Sempre é uma coisa que quando fala de capoeira é uma coisa que sempre me vem à cabeça. Mas por incrível que pareça até os meus dezoito/ dezanove anos eu não usava cabelo assim até porque na época não era tão aceitável. Quem tinha o cabelo assim era gente ficava totalmente à margem da sociedade. Aí quando eu resolvi deixar crescer eu estava morrendo de medo no período, que eu nem tinha começado a fazer faculdade, me inserindo no mercado de trabalho. Eu fiquei refletindo aqui, como que eu posso representar meus pés? É como se fossem raízes. Aí eu comecei a refletir, mesmo as coisas que eu faço eu tento criar raízes. Por exemplo, se eu tô na capoeira eu tento criar raízes aqui, eu tento intensificar. Eu acho que a raiz remete muito isso de nutrir. Não adianta nada eu vim e não participar de alguma coisa sem me entregar porque fica falso pra mim. Sempre que eu vejo esse lacinho é porque alguém apóia alguma coisa e eu apoio a saúde. No caso a capoeira ela me proporciona dois tipos de saúde que sempre me vem à mente. Que é a saúde física que é o mais óbvio e esperado quando você pratica um esporte, que é flexibilidade, um outro tipo de preparação física que te dá uma disposição. Mas ela também me proporciona uma saúde mental que, que te aproxima muito, pelo menos aqui. Não sei se é assim nos outros. Mas eu posso dizer que essa experiência com o humano, essa saúde da mente de você poder ter contato com outras pessoas trocar experiência às vezes perceber que outras pessoas têm a mesma percepção que você. Esse compartilhamento, até mesmo as dificuldades de se conviver em grupo. Eu acho que é um pouco do que a gente tava conversando agora de, por exemplo, me trazer esse universo humano (fala da capoeira). De relacionar com pessoas então talvez aí fugiria do físico neh? Porque fisicamente não é tão expressivo pra ser representado não. Mas sentimentalmente é bem expressivo. Então talvez eu posso usar um símbolo que é bem universal assim em qualquer lugar do mundo que representa amor, união que é o coração. Mas o que eu faço é líquido, eu tomo muito líquido, muita água. Que eu sei que pelo fato da gente beber água um monte de coisa a gente já elimina de problema. Nossa eu fico muito estressado, então eu bebo bastante água sempre que eu vou comer, almoçar, tomar café eu sempre lembro de que “Buriti você tem que comer isso mesmo? Você tá comendo demais?” Ou então

“Você já colocou isso tem necessidade dessa outra coisa?”. Mas eu sempre me ignoro, mas toda vez que eu vou me alimentar no almoço, na janta eu sempre lembro disso e a academia, isso partindo do físico primeiro. Academia a função da academia hoje na minha vida principalmente minimizar os problemas que eu tenho com a minha alimentação. E agora mentalmente falando eu ouço muita música que é uma coisa que me relaxa me deixa à vontade. Talvez a capoeira não faça tanta diferença na minha vida vamos supor assim, mas com certeza eu vou levar algum detalhe, alguma coisa que fez a diferença pra mim que tá sendo. Mas parece que é muito elétrica, muito agitado e eu sou assim. Eu gosto de ser assim eu prefiro ser mais elétrico do que calmo. Então talvez isso explique porque que ele usou tanto vermelho em volta do corpo, mas um detalhe que eu fiz questão de fazer. Embora tenha toda essa ação, vermelho assim sempre tem um azul pra acalmar, pra dar aquela tranquilizada. Isso foi de propósito que eu fiz. E a saia provavelmente essa pessoa é uma pessoa muito curiosa porque a saia primeiro que baixa outro fala assim “Como assim uma saia? tem várias camadas sendo descobertas e a saia assim como a roupa em si pra esconder” embora represente alguma ideia ela surgiu para esconder o corpo pra deixar mais elegante e tal. Então, eu acho que ele tem um pouco esse mistério esse esconder de mostrar de representar e de aguçar a curiosidade das pessoas também. Então a academia e a capoeira entra no setor de lazer. Aí eu consigo manter essa rotina muito bem. E eu sempre falo com as pessoas o seguinte: primeiro para você querer tem alguma coisa você tem que acreditar que você pode. Mas se você acreditar que você pode e não colocar em prática você vai simplesmente poder. Então tudo que eu faço é eu posso e eu consigo. Tipo “Ah eu vou entrar na capoeira posso? Posso. Eu vou conseguir? Lógico que eu vou conseguir é um objetivo meu.” por causa disso, é uma regra que eu sigo, como vida pra mim.

Imburama
Trilha sonora Pelas



Mapa Corporal 9- Imburama

Eu estudei muito sobre o movimento negro, e a capoeira é uma espécie de luta desses povos que vieram pro Brasil e isso me traz uma imagem de luta. Um símbolo que vem na minha mente não seria necessariamente um símbolo, mas o que ela (a capoeira) represente para mim e que eu vim buscar com ela, dos interesses que eu tenho como pessoa, como indivíduo entendeu? Aí seria uma forma de me ligar com alguma coisa sagrada, eu ainda não sei o nome. Já me falaram Deus, várias coisas, mas eu acredito muito não. Mas acredito que seja algo maior. E a capoeira ela trás isso, com a música gosto bastante de música, percussão, tambor, eu gosto muito do som do tambor, gosto muito de tocar. Quando você começa a pensar comunidade, segregação, desigualdade é uma maneira de lutar, porque envolve muita dedicação sua e pouco retorno. É como se fosse uma doutrina de igreja: eu não vou conseguir bater a cabeça no travesseiro sabendo que minha comunidade onde eu moro tá

vivendo num lugar horrível entendeu? O primeiro ligamento e a maioria das transformações que eu tive foi através da música, do Rap. Aí a música representa isso. Uma das coisas que me ligou e aí eu escolhi aqui foi por causa da energia da galera ser muito boa, do pessoal ser bem ligado, interação bem entre si. A gente sabe que cada um tem seus problemas, mas aqui as coisas se desenvolvem em torno da capoeira. Dá noção de pertencimento. Pra eu funcionar bem eu tenho que ter o conjunto da obra todo, o psicológico e o meu corpo. Se o meu corpo não funcionar bem o meu psicológico automaticamente vai ser barrado. Então eu acho que o corpo funcionando bem a cabeça também, é uma forma de caminhar bem na vida. Eu preciso da saúde, para mim viver eu tenho que cuidar dela ou eu não vou conseguir estudar, vai tornando mais difícil lidar com os problemas diários. **Se eu te pedisse para representar a sua saúde no seu mapa como você representaria?** Um gráfico um gráfico tipo assim de 1 a 10 como é que tá. Essa falta de liberdade que me surta às vezes, desses padrões que são estabelecidos em tudo, da minha idade, de gênero em tudo. Você tem 24 (anos) cê tinha que já estar o quê formando? Arrumando uma casa pra você morar? Não mano. (tom enfático) Eu vivi até os meus 20 anos sendo padrão totalmente. Até que chega essa cabeça igual meu cabelo era de prancha, meu estilo não era o estilo de roupa que eu gostava de vestir, mas eu me vestia. Aí até eu desconstruir tudo isso e criar, até eu me assumir a Imburama lésbica e mais um tanto de coisa, eu estou construindo agora. Se todo jovem tivesse essa oportunidade até mesmo para ele entender a vida. Eu vou naquele ditado “A gente rala agora pra depois ficar suave”, mas eu não sei se é verdade também não. A questão mesmo de procurar o trabalho é ótimo para mim, eu preciso ter o meu canto, responsabilidade, dessas maiores, que eu não vou ter eles (os pais) para sempre não. E eu sempre quis ter esse momento na minha vida, hoje eu tenho aquele sonho da casa própria pode ser de aluguel também, mas só para ter um espaço mais meu. A capoeira ela tem muita questão de disciplina, só que o que ela passa eu já praticava, a questão da ética. Tem uma questão de ser capoeira, de ser malandro, de ser mais brincadeira sabe? A capoeira seria aquela respiradinha é o que foge da rotina, mas acaba virando. Mas não é ruim. Esse mapa conta as coisas que eu já aprendi. Ele está falando sobre mim, a minha trajetória de vida. A capoeira ela chegou bem depois, então ela não representa totalmente no sentido da minha história. A minha frase seria o primeiro momento que eu tive contato qualquer coisa que me fizesse pensar além do que eu pensava, o movimento negro que foi aonde eu me achei perante questões políticas. Uma mensagem pra galera pensar seja a capoeira, que vai para além de um treino em um lugar fechado. A comunidade, que sou eu. Eu sou a minha cidade, a cidade sou eu. E saúde neh? Minhas doenças mentais aquela que nunca sai, ela é para sempre.



BAILARINOS (AS) E DANÇARINOS (AS)

Pequi

“Só vou larga meu par de tênis quando Deus me der um par de asas!”



Mapa Corporal 10- Pequi

Eu danço desde pequeno. Não tem uma idade certa assim não, desde quando eu fui tendo mais liberdade para fazer minhas coisas eu já dançava. Assim antes eu dançava tudo que eu via eu tava dançando. Aí com o tempo eu comecei a dançar funk que foi a primeira oportunidade que eu tive. Aí hoje eu danço danças urbanas, contemporâneo e faço aula de balé também. Assim corporalmente falando vejo que hoje eu tenho mais consciência do meu corpo, o meu limite. Eu vejo as coisas que eu consigo e que eu preciso exercitar. Antes pra mim a dança era só colocar música e sair dançando. O que eu conseguia fazer era aquilo mesmo. Num pensava o que é aquele movimento podia me prejudicar ou não entendeu? E assim o meu corpo mudou muito, porque eu andava bem pra baixo. Hoje eu já ando mais apumado. Eu acho bem melhor. Eu aprendi a respirar melhor. Porque antes quando eu fazia tipo

assim alongamento eu fazia tipo respirando de boca aberta aí doía aqui assim (aponta para o abdômen). Aí hoje eu já aprendi bastante coisa. Hoje eu vejo que eu consegui ficar mais flexível do que era antes. Assim, eu tenho uma alimentação muito boa e aqui a gente trabalha muito essa questão da alimentação. Porque isso influencia muito no desenvolvimento do seu corpo. Por que pra você ter um preparo físico bom você tem que ter alimentação boa. Às vezes tem um espetáculo que assim é 45 minutos, e é 45 minutos dançando, então tipo assim se você não tiver o físico bom para aguentar isso aí como é que você vai se sobressair entendeu? Bom, pra quem dança por dançar é meio desgastante. Porque você precisa ter um corpo bom pra ser um bom bailarino você tem que correr atrás. Pra poder ter um físico melhor pra você aguentar fazer tudo que um bailarino precisa fazer. Nem sempre eu tenho oportunidade de tá alimentando de três em três horas. Mas eu tento beber bastante água, eu tento beber bastante em casa. Lá em casa a gente não tinha esse hábito agora graças a Deus tem, e também a gente adotou de tá fazendo abdominal. Todos os dias o tanto que conseguir entendeu? Pra dar o centro mais forte. **Se fosse pra pensar num símbolo para representar a sua saúde o quê que seria?** Saúde, deixa eu ver. Ah eu representaria como se fosse tipo assim cada coisa que eu fosse, cada objetivo que eu fosse conseguindo cumprir aí eu ia por uma estrela no caso. Eu vou fazer aqui perto do tórax porque quando eu falo em saúde eu já imagino aqui. Não que as outras partes não interessem, mas quando você tá mal de saúde provavelmente “Ah tô com dor de cabeça, dor de barriga.” Uma coisa assim. Pra um bailarino é meio que uma obrigação ter uma saúde boa. Dependendo da dança você depende do seu corpo todo. E assim pra você tá conseguindo pra fazer tudo isso é preciso você ter assim uma saúde boa. Seria impossível para mim dançar com a cabeça doendo no caso ou então com dor de barriga. Quando eu tô dançando eu me sinto livre para fazer qualquer coisa, eu me sinto desimpedido. Seria como se fosse uma imagem de vários pássaros no céu. Eu me sinto bem no alto mesmo como se eu tivesse no céu entendeu? Na minha opinião eu definiria dança assim. Geralmente todos os dias eu venho a pé volto a pé, eu até acho melhor que aí também já economiza né? Às vezes sobe eu e uma amiga minha. Aí sempre a gente vai mais cedo pra gente ficar mais à vontade. Porque igual a maioria das vezes que a gente tá subindo o sol ainda tá quente aí a gente vai chegar aqui suado. O pessoal me recebeu muito bem, eu gostei demais. A mesma visão que eles tem, eu tinha. Aí uniu o útil ao agradável. E eu mesmo que não tenha ensaio em casa eu danço, porque eu sempre procuro me sobressair melhor do que eu sou. Por que a dança é uma coisa que nunca se cansa de aprender. Tem várias modalidades da dança urbana e uma das modalidades que eu gosto muito é o house. É uma coisa tipo assim não tem um padrão, tipo de corpo igual o balé tem. Não tem, o que você fizer no house se torna dança. Desde quando você esteja no ritmo da batida já é dança entendeu? Por isso que eu apaixonei por dança urbana e house. E eu quero para mim para sempre. Hoje no meu caso eu gostaria de ter um emprego, hoje se você falar o que eu quero hoje é um emprego. É porque assim minha mãe é mãe solteira. Ela criou eu e os meus irmãos sem a presença de um pai. E muita gente não aceitava às vezes a gente brincar com os outros meninos. Meu vô fazia o papel de pai pra gente, pra mim era

*uma coisa normal, mas era muito ruim passar por isso. **De onde vem sua força pra superar isso?** Ah eu acho que vem da dança mesmo. Porque assim eu tô triste eu danço, eu tô alegre eu danço. Qualquer coisa pra mim eu dançar eu já fico mais aliviado. É porque assim você nunca sabe quando é o seu último dia e eu vejo assim como a dança é uma coisa que eu gosto muito então se eu tenho oportunidade dançar eu vou dançar pra me expressar mesmo, pra colocar aquela vontade pra fora. Porque assim, deixa eu ver como eu vou te explicar, através da dança a gente pode passar várias mensagens. Porque sempre acontece comigo entendeu? A dança ajuda bastante.*

Amaro Leite

“Um dia sem dançar é como perder um dia da minha vida”



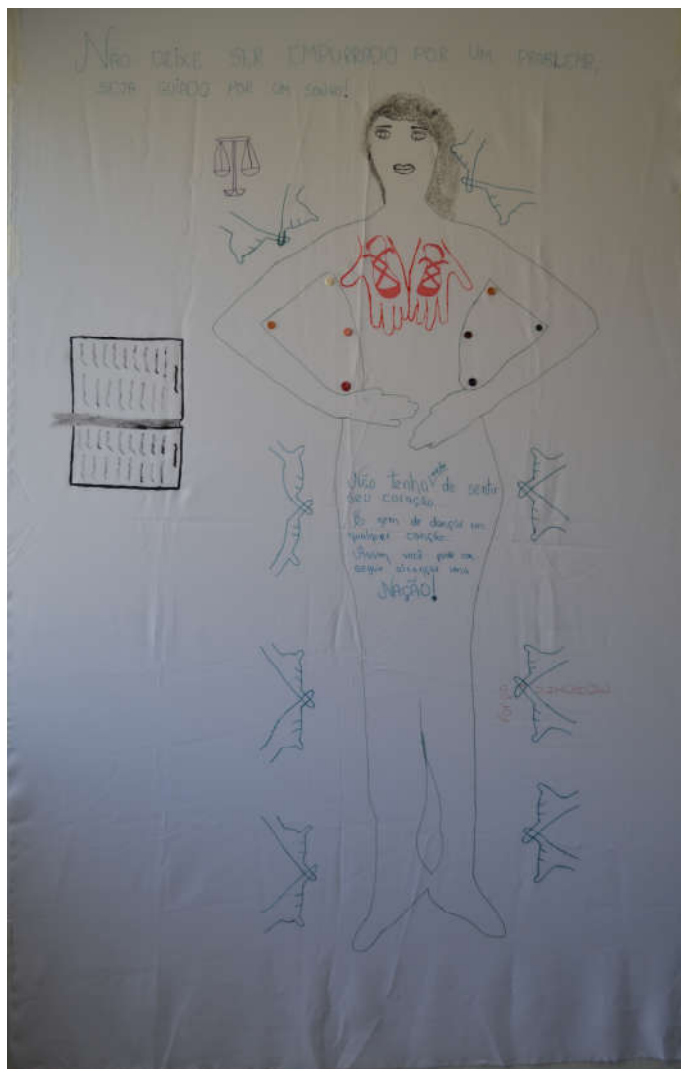
Mapa Corporal 11- Amaro Leite

Descobri durante a minha vida que me a minha maior paixão era a dança e ela me completava em tudo. Só que no meio dessa caminhada me fizeram o favor de me apresentar uma outra paixão, que foi Jesus. Daí eu não consigo largar os dois. Tanto a dança quanto ele caminham junto comigo e são a minha essência e se tornaram tudo que eu sou. Eu danço desde 2000. Então vai fazer 17 anos, esse ano. Comecei com um estilo de dança só, e depois comecei a aprender outros estilos. Dentro da área da dança urbana, eu comecei com estilo de dança que chamam de break ou bboy. E aí depois assim, vão fazer cinco anos que eu venho estudando outras danças urbanas. Assim como as danças de salão são muitas. São classificadas como danças urbanas aquelas danças que elas não passam por escola e que elas não são reconhecidas academicamente, como por exemplo o balé, jazz, danças folclóricas e

danças culturais de determinados países. Então elas são danças que tem uma escola que vão te ensinar os princípios os passos, essas coisas. As danças urbanas não, elas são totalmente apreendidas fora desse contexto, muitas das danças surgiram em favelas, aglomerados periferias. Outras surgiram em penitenciárias. Outras surgiram em boates, clubes. Então essas são consideradas danças urbanas, elas não surgiram em uma escola sabe? A dança contribuiu para o meu crescimento e para o meu caráter. Caso eu não fosse um bailarino hoje, eu teria uma certa tendência de estar envolvido na criminalidade por morar em comunidades em que as oportunidade de fazer parte desse mundo não são bem mais fáceis. Porém antes de conhecer esse tipo de coisa, a dança veio, ela entrou com uma marca tão forte que eu nem sequer quis conhecer outra coisa que não fosse dança. Isso nos diz que ela é tão importante pra mim. A necessidade de dançar o tempo todo, dançar só por hobbie pra mim não é o suficiente. Eu costumo dizer uma frase que é “Um dia que eu fico sem dançar é um dia sem viver”. **Muito forte né?** Mas é o que eu acredito muito. Como um usuário de alguma droga ilícita quando ele fica sem é uma abstinência intensa. É porque ela me define mesmo. Eu sou muito inflexível. Chegou num nível em que o meu corpo ele já não conseguia mais desenvolver na dança que eu atuava e isso me deixou um pouco frustrado. E também eu já estava um pouco cansado de fazer a mesma dança. E aí eu tive oportunidade de conhecer outras e comecei a estudar teoricamente e falei “Gente eu tenho que aprender essas coisas todas”. E aí abriu meu leque de visão pra me aprofundar em outra técnicas de dança urbana. Que aí me reacendeu a chama de novo do prazer de dançar. Eu penso na minha saúde porque eu procuro deixar o corpo pronto para dança que eu não tenho cuidado específico para isso. Com a dança eu adquiri mais força física, porque eu tive que passar a fazer os exercícios físicos baseados nos princípios da musculação pra aguentar ao menos o peso do meu próprio corpo. Então isso é uma primeira mudança a segunda mudança, por exemplo, foi o modo de andar. Antes da dança eu andava de um jeito que eu diria convencional, mas depois que eu comecei a dançar pelo fato de usar constantemente muito tênis a anatomia do pé o próprio comportamento das pernas, do tronco ele foi mudando com o tempo. Eu consigo tipo diferenciar como eu andava antes. Eu sei que é diferente. Eu acho que no fim das contas eu penso que a dança é tudo, porque o caminhar é dança, respirar é dança, a batida do coração é dança. Enquanto a gente está conversando aqui nós temos um monte de coisa trabalhando dentro da gente, um monte de ritmo diferente. O movimento em forma de dança liberta – Experimente.

Jaborandi

Não deixe ser empurrado por um problema, seja guiado por um sonho!

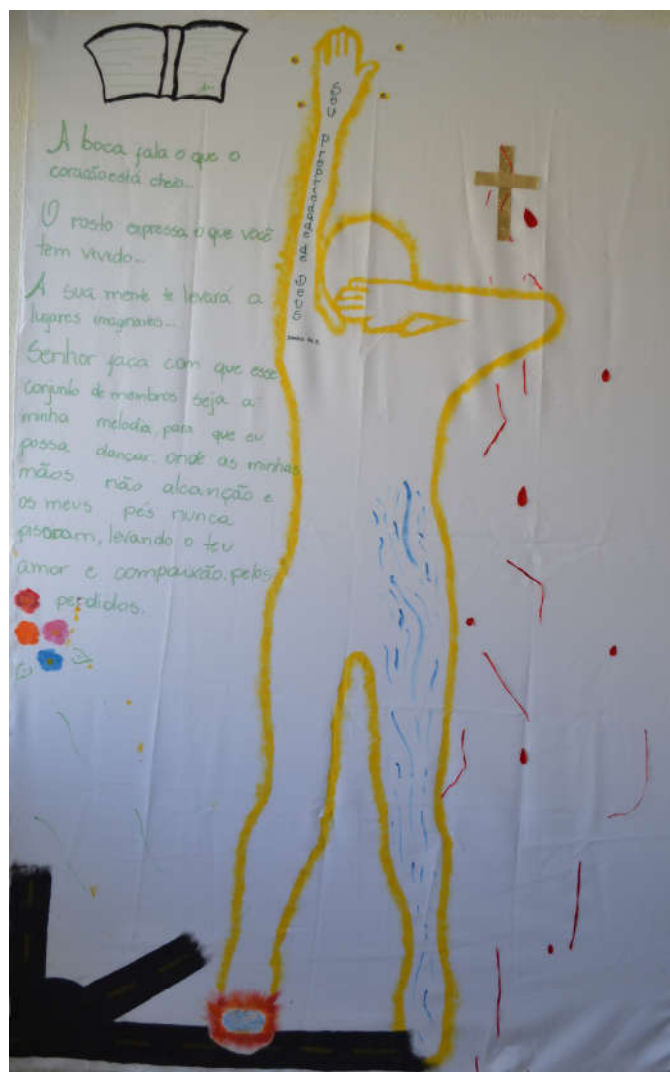


Mapa Corporal 12- Jaborandi

É a primeira posição do balé tem o nome “en dehors” é a que eu mais me identifico e é a que eu mais gosto. A dança que eu mais gosto de fazer eu acho que é a dança contemporânea, ela é como se fosse balé. Só que balé é muito postura e o contemporâneo não. O contemporâneo é uma dança que te deixa mais livre, você pode ir pro chão. Eu considero como se fosse a expressão do meu corpo aquilo que o meu corpo está sentindo bem pra fazer ele vai e faz. Mas tem toda uma técnica também, mas muito diferente do balé. Com a dança eu acho que fisicamente eu fiquei um pouco mais forte e acho que mentalmente meu pensamento mudou muito em relação a muita coisa. Eu sou o tipo de pessoa que eu sou muito observadora, e por esse motivo eu acabo me tornando questionadora também. Só que tinha coisa, por

exemplo, eu tinha uma dúvida eu não perguntava. Aquilo que a pessoa falasse para mim tava bom, eu não procurava saber o porquê. Muita coisa que eu só engolia não questionava e tinha medo de falar. E depois que eu comecei a dançar isso saiu um pouco. A timidez também, eu era muito tímida e hoje em dia eu não sou mais. Agora eu tô me alimentando bem, bebo muita água acho que a dança também me ajuda muito a cuidar da minha saúde por eu ter rinite eu sinto muita falta de ar e aí a dança ajuda controlar muito a minha respiração. Por ser cristã espiritualmente e mentalmente para o pensamento mesmo, eu reflito muito. Toda apresentação que eu faço deixa alguma coisa, cada lugar que a gente vai eu aprendo muito. Acho que cada lugar deixa uma marca diferente em mim. Eu não me importo muito com as horas não, mas acho que para representar o meu futuro eu pensei no infinito. Um desafio muito grande acho que é não ter um trabalho e ter que depender de outras pessoas. Por mim eu trabalharia sem problema algum, mas se eu fosse arrumar um trabalho hoje eu tentaria conciliar (com os horários que se dedica ao grupo). Eu gostaria de escrever força e unidade, eu acho que em Deus e na companhia. Porque Deus qualquer coisa ele sempre me dá mesmo que vai me doer, quando eu não faço eu me arrependo. E acho que na companhia porque todo mundo aqui é muito família, tipo para tudo. Acho que essa é uma menina equilibrada que não tem medo, que não deixa a vaidade dela de lado também. Uma menina com os traços muito fortes, que não tem medo do que está por vir. Não tenha medo de seguir o seu coração nem de dançar qualquer canção assim você pode conseguir alcançar uma nação.

Copaíba
Sou propriedade de Deus Isaías 44:5



Mapa Corporal 13- Copaíba

*Eu danço desde os meus 12 anos, e aí eu comecei a dançar na igreja mesmo. Só que eu sempre gostei e eu sou muito sensível, e estar aqui pra mim foi uma faculdade, uma formação mesmo para minha identidade, com a minha personalidade e foi aonde que eu fui me formando. Eu tenho pra mim que a dança é uma coisa muito forte, com ela eu tive muitas, muitas transformações. Eu me identifico com algumas coisas, alguma situação e eu vou conseguindo me soltar através da dança, resolver através da dança. Questão da minha alimentação, minha alimentação mudou muito. Isso nos é cobrado. Meu físico questão de preparação mesmo. Me fez querer estudar também, querer entender o que eu tô fazendo pra não fazer de qualquer maneira entende? A dança me motiva muito a estudar. Eu sou muito curiosa eu vejo as coisas e eu vou pesquisando, vou analisando. **Se você fosse pensar em um símbolo para dança***

o quê que te vem em mente? Cristo, cristo. No decorrer do meu processo de separação, pra mim chegar uma separação sendo uma pessoa cristã eu tive que me basear na Bíblia também. E aí foi aonde que eu comecei a entender que eu podia, apesar de que muitos pastores pregam que aqui não pode. E aí eu fico vendo muitas pessoas infelizes porque o pastor falou que não. E aí você vai estudar e tudo mais e aí no decorrer do meu divórcio da minha separação eu fui vendo que o tanto que Deus cuida. Se eu te contar você chora. O tanto que ele ia me mostrando eu vi que era ele que me mostrava as coisas, que me dava direção “Vai por esse caminho”. Assim, eu acho que um versículo foi bem isso que eu senti depois que eu me separei. Eu danço porque é bom, por que é algo que me ajuda lidar com as dificuldades da vida é algo que é real que eu pensei, mas eu não parei para fazer a frase (refere-se à atividade de elaborar um slogan). Eu queria deixar algo que marca que eu sou assim entende? Eu tô vendo aqui que eu sou uma bailarina, que eu tenho propósito onde eu quero chegar que é nos perdidos. Toda vez que eu penso em parar eu lembro que a cruz existe e às vezes no decorrer da vida os tombos que a gente leva deixa as marcas e há caminhos pra gente trilhar pra a gente ver aonde a gente consegue chegar e aí a gente vai indo. E eu sou muito alegre.

Jurubebinha
Haja o que houver nunca pare de dançar!



Mapa Corporal 14- Jurubebinha

Eu danço desde criança, eu comecei dançando na igreja. Eu tinha uma postura meio cansada, caída. Eu me achava também muito sedentária. Durante algum tempo eu tive uma pausa, eu parei de dançar um certo tempo. E agora que eu voltei meu corpo despertou sabe? Parece que ele acordou. Eu acho que eu tenho muita vontade de sair, levar o que a gente aprende aqui para outros. Porque se tem oportunidade de mostrar isso para outras pessoas um símbolo que me vem na cabeça é um globo. Hoje, eu acho que a minha saúde está tranquila. Só que a minha visão- eu não enxergo de longe e aí eu tô esperando minha consulta sair para mim poder passar numa oftalmologista e tal. Para ler eu tenho muita dificuldade aí eu sinto muita dificuldade. Ah pra mim é tipo me define muito porque em qualquer situação, em qualquer circunstância sempre tô ali dançando. Pra mim, mesmo com a maior dificuldade que tenha eu num acho dificuldade alguma em dançar. Mesmo que eu tiver passando

qualquer coisa na minha vida eu não acho dificuldade nisso. E isso é o que me alivia. **Como é que você era antes da dança?** Pra ser sincera eu era muito fechada, muito fechada mesmo, eu comecei a abrir agora na dança. Porque parece que eu vivia num mundo só meu. E isso pra mim era muito ruim. Ah já teve o caso de antes eu gostava muito de hip-hop e aí teve uma vez que eu fiquei muito fissurada em aprender a dançar hip-hop. Só que eu ouvi falar “isso é dança para homem” falei “Mas eu não vou desistir porque é algo que eu gosto”. Eu acho assim, que as pessoas às vezes elas não sabem o que elas falam. A dança tem me ajudado nesse processo de superação, muito. Porque eu me expresso quando eu estou dançando. Quando eu estou dançando eu não penso nas coisas da semana passada. Às vezes eu posso tá muito triste quando eu começo a dançar parece que eu descarreguei tudo, já não tem mais nada sabe? A gente acha uma força sabe quando tem alguma dor, alguma coisa que eu tiver sofrendo eu converso muito com Deus. Eu consigo achar graça nas coisas que ninguém consegue achar graça para vida já é difícil lidar com as situações e se a gente levar as coisas muito a sério. Além da dança aqui dentro também é uma família de verdade. Para o meu futuro eu espero estar trabalhando no que eu gosto, eu espero mais para frente né bem mais casar e construir uma família eu espero o mundo todo. Eu espero chegar no futuro, bem para frente fazer um livro com tudo que aconteceu falar sobre as minhas experiências vividas. Querendo ou não o meu sonho está todo aqui, é mais o que eu sou mesmo. A mensagem que ele tá me passando é uma coisa ligando a outra e eu vou seguir em frente aí com a minha dança, mesmo com o tempo corrido que eu tenho e aí eu vou alcançar o que eu quero. A mensagem que ele tá me passando é isso. É literalmente eu, com tudo o que eu queria tipo, o mundo, a minha água do lado. Tudo que eu preciso e fazendo algo que eu gosto né? Aqui tem um pouco de cada coisa, sabe? Mas seria uma jornada inteira, eu se eu tivesse olhando de fora eu estaria muito curiosa. É como se cada um fosse parte de uma história e aqui é como se fosse um resumo. Assim do meu cotidiano, a correria, os meus sonhos tudo que eu faço. A dança o quê que ela representa pra mim, aonde que ela tá ligada. Aonde que ela já me levou sabe? O quê que ela faz eu esquecer ou superar e aí o quê que eu vou colher lá na frente com tudo isso. É muito bom. Eu estou até sem palavras.

Velame do campo
Dificuldades preparam pessoas comuns para destinos extraordinários



Mapa Corporal 15- Velame do Campo

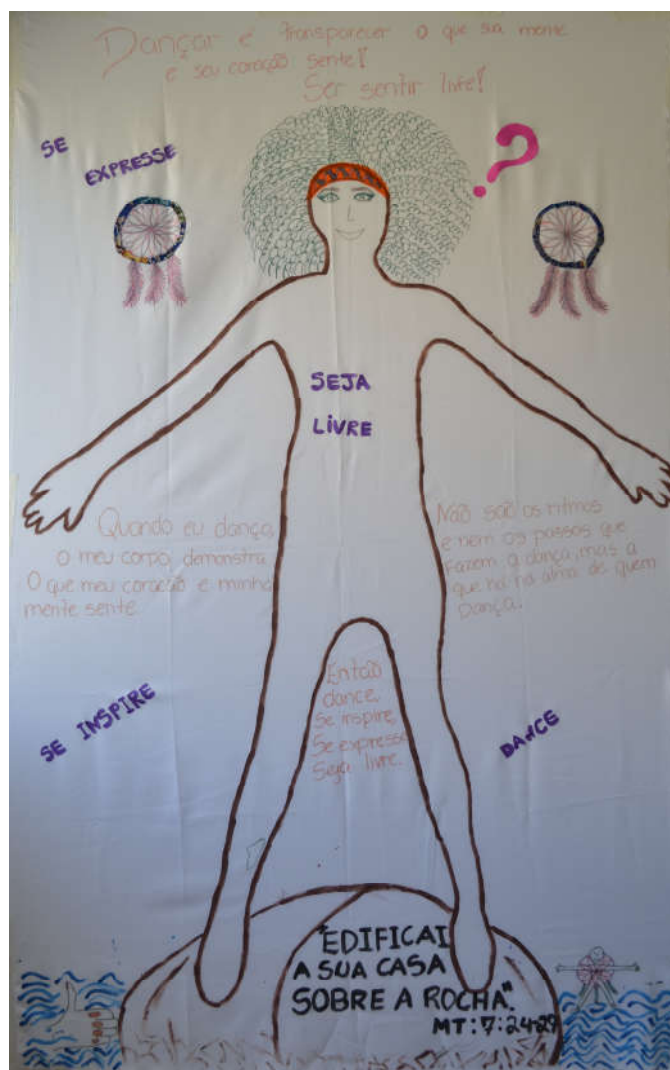
Dançar mesmo desde os meus quatro anos, desde nova eu dançava na igreja. Eu danço estilo variado, mas na igreja dançava só adoração. A dança ajudou na minha flexibilidade, ajudou muito a minha flexibilidade hoje ela é bem diferente. E ainda muda hoje em dia, ainda mais por que realmente tudo começou a mudar depois que eu entrei aqui. Então realmente mudou porque a gente faz exercícios também. Aí eu comecei a vir, e eu achava que eu não era capaz do que eles fazem aí no início eles foram me puxaram eu e mais duas pessoas pra dançar junto com eles. Do nada, e isso foi a certeza de que aqui não é simplesmente uma companhia, eles são uma família. Que acreditam naquilo que a minha família acredita. Esse globo assim remete a dança porque a dança ela não é simplesmente “ai que lindo” como aquela música que você ouve e ama. A dança conquista as pessoas, de certa forma uma

dança tem uma linguagem universal. Eu acho que através da dança é possível alcançar muitos países, muitas nações, muitas pessoas. Eu faço não só por mim, mas também pela minha irmã, ela dançava comigo. Isso me remete a ela então por isso que eu nunca quero parar de dançar. A dança por mais que a gente consiga dançar sem música eu acho que com a música faz parte da dança. Eu quero fazer faculdade, só que querendo ou não, a faculdade é uma coisa que gasta muito dinheiro. Então assim, eu não sei como vou fazer. Eu não sei quando eu vou começar a trabalhar porque faculdade não é uma coisa barata. Eu tenho a minha cabeça muito aberta e eu pesquisei uma frase que realmente me defina aí eu pensei em superação. Porque tudo que aconteceu comigo na hora que bateu nessa frase aí eu já vi: Dificuldades preparam pessoas comuns para destinos extraordinários. Eu vim pra cá hoje de ônibus e o que me motiva a vir é a dança e as pessoas daqui. Aqui eu sou muito bem tratada sabe? Eles, tanto os líderes do grupo quanto as pessoas que dançam, acham um valor na gente que nos faz querer sair de casa e vir pra cá. Essa é a história de uma menina com um olhar que já enfrentou muitas coisas na vida. E o meu passado uma pessoa uma mulher que quer conquistar através da dança e que a dança para ela o mais importante. Só que hoje ela quer alcançar os sonhos dela através da música e da dança. Porque eu amo dançar, porque dançar expressa o que eu estou sentindo, dançar me desestressa.

Aroeirinha

Dançar é transparecer o que sua mente e seu coração sente!

Se sentir livre!



Mapa Corporal 16- Aroeirinha

Olha, eu comecei a dançar na igreja, eu gostava achava bonito. Só que depois, no passado, eu entrei aqui pra fazer contemporâneo que faz parte, e nas danças urbanas. Eu nem imaginava, nunca pensei entrar em uma companhia de dança. Eu nem sabia que tinha Centro Cultural aqui, a minha amiga que falou que tinha aula. E eu sempre tive muita vontade de fazer aula de balé quando era mais pequena, mas eu não pude por causa das condições da minha mãe (financeiras). Aí quando surgiu essa oportunidade falei “Eu tenho que ir lá”, eu gosto, eu amo dançar. Porque a dança para mim é um sonho, é um sonho que nunca acaba. Aí eu fui seguindo e eu consegui fazer estágio aqui. Eu gosto muito de dança afro, e dança contemporânea também. Acho que a dança começou a entrar na minha vida de uma forma que- eu me sinto livre, muito à vontade. Na dança você sempre quer conquistar alguma coisa,

sempre. Quando eu danço me sinto muito livre sabe? Mesmo que tenha tipos de dança que tem as regras tem os movimentos, mas eu me sinto livre. Eu acho que a dança faz isso. Eu sonho ir para outros países dançar, para que as pessoas conheçam a sua dança, mostrar esse trabalho para o máximo possível de pessoas e conquistar as pessoas os valores da dança, que você tem conhecer a dança. As pessoas não só de outros países, mas também perto. Muitas comunidades que às vezes precisam. Pra deixar as pessoas felizes, é uma forma de ajudar pessoas. No momento, eu não trabalho eu só estudo. Então isso é uma coisa que eu gosto muito, a única coisa na minha vida que eu amo fazer. Deus é como um amigo para mim, sempre quando eu estou triste se no momento você vai ficar fraco você vai querer parar e tal, mas a minha motivação maior é Deus mesmo. E aqui é muito bom, eu me sinto muito a vontade com eles. Eu acho que eu me saio melhor no contemporâneo que tem muita técnica essas coisas, mas eu gosto da dança afro. Eu amo me maquiar, é questão de se sentir bem e sentir bonita. E essa é a história de uma menina negra, afro. Que gosta muito de dançar e pra ela, ela se sente livre quando ela dança. Faz com que o seu corpo transpareça o que somente os corações estão sentindo. O símbolo da saúde é um joia, o símbolo da dança representante da vida dela né? O corpo dela também um bonequinho né? Com os braços, uma forma de demonstrar livre, ser livre. E o símbolo dos sonhos que a dança para ela é um sonho.

Jatobá

É preciso mais que dois ou três furacões para derrubar essa casa de força de vontade que existe dentro de mim



Mapa Corporal 17- Jatobá

A dança ela é o yin yang, uma hora ela é calma, ela traz leveza. Mas tem horas que ela pede algo mais pesado, mais bem trabalhado no sentido de trazer uma energia mais forte. Eu gosto de dançar desde pequena só que eu nunca tive condição financeira pra poder fazer uma aula. Porque é muito caro, não tinha como e a minha madrinha a filha dela fazia aula de dança já há algum tempo e aí ela ficou sabendo que eu gostava muito de balé e que eu queria fazer e ela falou que tinha estava abrindo aulas aqui no Centro Cultural e que eu podia vim pra poder ver se eu não conseguia entrar. Eu já tinha passado da idade para poder entrar para fazer aula só que a (eliminação de conteúdo sensível) falou “Ah vamos ver o quê que dá. Deixa ela

entrar.” Aí eu vim comecei a fazer aula e foi onde eu conheci. Foi a melhor coisa que me aconteceu. Eu queria mudar o símbolo que vou fazer, da borboleta pra flor, só que eu não mudar não. Porque eu não sou tão frágil quanto uma flor, eu só pareço. **Você acha que a flor é frágil?** Eu acho que depende do ponto de vista. Tem flores que nascem em lugares que você fala “Gente olha isso.” É que nem no deserto, aquelas que nascem no cacto. A capacidade de um ser nascer num ambiente tão ríspido que quase não tem água, se isso não é força não sei o que é. Bom, isso é meio literal é o meu coração. E eu permito que ele esteja trancado, mas não é de um jeito de proteção. É porque o coração da gente é muito valioso pra gente deixar qualquer coisa entrar e aí a chave fica comigo. Ali naquele momento sabe aí entra tudo. Tudo o que eu já vivenciei que eu já falei para você de quem eu sou quais são as minhas raízes, as coisas que eu acredito. Aonde eu estou chegando, os pensamentos que eu tenho relacionados a minha valorização acho que entra tudo muito bem. Muita coisa eu vejo um pouco da minha personalidade, acho que cada dia que eu pinte ele foi com um pensamento e que vai me tornando o que eu sou. Acho que essa frase “Ame a arte em você, e não a si mesmo na arte” ajuda muito a gente lembrar que a gente não tá ali pra se mostrar, a gente tá ali pra mostrar nossa arte. Que é diferente. É um corpo que está mostrando coisas diferentes. E acho importante isso porque fica gravado na gente. Eu vejo que a gente é feito de várias coisas de altos e baixos, de fragilidade, de força. E que o tempo ele não pára pra gente, e que às vezes é preciso a gente enxergar nas entrelinhas pra descobrir uma mensagem importante e entender que a gente é livre e delicada ao mesmo tempo. E que a gente é grande demais pra ficar num lugar tão pequeno e que se a gente puder ter asas que a gente voe, e ocupe esse espaço que a gente quer ocupar, é isso que eu aprendi.

Ipê
Vá e dê frutos!



Mapa Corporal 18- Ipê

O que acontece, eu era participante de uma determinada igreja e aí me convidaram para fazer parte de um grupo só de mulheres. Que era da igreja, e eu rapidamente aceitei. E aí a gente formou esse grupo. Mas a nossa dança não é uma dança que eles dizem “dança lenta”, comum nas igrejas. E a gente encarou, na nossa primeira apresentação já ficou muito legal e aí o que aconteceu o grupo gostou muito e a igreja inteira gostou muito do que a gente fez. E aí aos pouquinhos começou e toda vez que eu tinha algum evento nós éramos chamados. Aí as pessoas começaram a chamar a gente e a gente dançava fora em outras igrejas e a intenção do grupo sempre foi ir para as nações, e aí a gente continuou. O grupo é muito disciplinado, sempre foi um grupo que quis mostrar muita qualidade mesmo. A gente continuou nesse ritmo de dançar na igreja, de dançar em congresso. Só que chegou em meados de 2011 para 2012 a gente começou a trabalhar no nosso primeiro espetáculo

(eliminação de conteúdo sensível) que é exatamente sobre o quê o jovem vive hoje neh? Em qual lugar que você quer estar, e a decisão que você tomar em um determinado momento da sua vida, isso pode mudar toda a trajetória da sua vida. E aí a gente começou a descobrir muitas coisas também, o mundo da dança existe, a cultura existe. O Centro Cultural foi o seu espaço que abriu as portas para nós e eu sempre morei aqui, desde pequena. A gente chamou outras pessoas para fazer parte da companhia como diretores artísticos que moravam aqui na região. E aí eu quebrei isso de que podia entrar só menina, e eu pensei assim “isso não é legal”, a gente pode colocar homens aqui. Que eu abri os meus olhos eu vi que qualquer pessoa pode fazer isso qualquer pessoa pode fazer essa dança. Eu gosto muito de fazer exercício físico com pesinho, eu acho que me deixa muito mais forte eu me sinto bem melhor. E quando eu não consigo fazer determinado exercício com peso eu sei que eu estou fraca. Porque eu corro, eu danço, mas quando eu não consigo fazer peso. Por eu ter um problema no ombro, no braço quando eu consigo fazer o exercício e eu finalizei eu falo “ele tá bom”, “ele tá no lugar”. Eu me sinto muito fraca se eu tiver assim acima do peso, aí eu não consigo fazer nada aí eu fico frustrada. Eu vejo como uma bailarina, que ela é uma bailarina contemporânea, mas eu penso assim como que eu vou descrever isso? Que eu não queria pegar a imagem de ninguém e colocar no meu mapa porque aí não seria eu. Eu acho que não ia ser eu, mas se eu tiver que fazer da minha mente tem que ser algo que eu posso fazer. Eu colocar uma bailarina clássica? Que as pessoas pensam muito isso bailarina sempre clássica. Mas eu não sou uma sou uma bailarina clássica. Eu sou uma bailarina contemporânea, eu não me vejo vestida de sapatinha de ponta de forma nenhuma. **O quê você vê quando você olha pro seu mapa?** Eu acho que eu vejo assim uma pessoa que pedindo ajuda pra alguma coisa. Quê que me vem na mente? Me vem energia, muita força de vontade que tem que ter para superar o cotidiano. Representa para mim terra e força, e os frutos acho que foi só para não ficar uma coisa muito padronizada assim sabe mais chamativa assim sabe? Representa persistência hoje eu tô vendo isso. O meu objetivo é lutar trabalhar, trabalhar para chegar onde eu quero. Eu não vejo de outra forma eu não consigo enxergar outro caminho. Como que eu posso enxergar outro que não seja trabalhando. Para mim chegar aonde eu quero eu preciso trabalhar, como eu trabalho. Eu quero dizer que eu lutei muito para tá aqui, acho que isso eu entendi bem. Hoje eu consigo, hoje eu me vejo no lugar que eu estou, aprendendo.

CAPÍTULO 5

DESPERTAR DOS SABERES DO CORPO

*Para que referir tudo no narrar, por menos e menor? Aquele encontro nosso se deu sem o razoável comum, sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê. Mesmo o que estou contando, depois é que eu pude reunir lembrado e verdadeiramente entendido – porque, enquanto coisa assim se ata, a gente sente mais é o que o corpo a próprio é: coração bem batendo. Do que o que: o real roda e põe diante. – “Essas são as horas da gente. As outras, de todo tempo, são as horas de todos” – me explicou o compadre meu Quelemém.
(Guimarães Rosa, 1956, p. 211)*

5 DESPERTAR DOS SABERES DO CORPO

Neste capítulo são analisadas as concepções de saúde presentes nos corpos. Nesse contexto, as práticas corporais surgem como a possibilidade de construção de uma nova *hexis* corporal, se dedicando à análise do corpo e sua relação com a promoção da saúde nas práticas estudadas. Primeiramente, resgato que é preciso considerar as transformações no modelo de atenção à saúde no Brasil, no que tange às suas ordenações. Busca-se a transição de um sistema de saúde, paradoxalmente centrado no atendimento das doenças agudas para um modelo mais abrangente capaz de abordar as causas primordiais dos problemas de saúde (PAIM et al., 2011).

Esse processo, complexo por natureza, se deu por inúmeras disputas de poder desde a mudança do espaço centralizador do cuidado às concepções do processo saúde-doença. E inseridos neste contexto, encontram-se os corpos. Nesse sentido, as práticas corporais revelam o estilo de vida de cada agente modulando as diferentes concepções de corpo e saúde, advindas principalmente do *habitus*.

5.1 Que saúde é essa? Concepções do processo saúde-doença expressas no corpo

O discurso da saúde se manifestou entre os participantes principalmente sob uma perspectiva biomédica. A ausência de clareza conceitual sobre as definições de saúde e doença se devem às forças historicamente estabelecidas pelo modelo de atenção com foco na doença (FERREIRA NETO et al., 2013). Há sete décadas, a célebre definição de saúde da OMS como um estado de completo bem estar físico, mental e social, e não meramente a ausência de doença ou enfermidade, vem sendo citada em documentos e políticas públicas (OMS, 1946). Ainda assim, é maior a ênfase dada às tecnologias de prevenção e cura.

Ao questionar sobre a sua saúde, Carobinha imediatamente me pergunta se eu gostaria de saber sobre doença. Diante da minha negação ela segue sua narrativa sobre um de seus diagnósticos e me fala sobre as recomendações do seu médico:

Mas você quer que fala de doença?

Não senhorita, por enquanto não.

Não se você quiser que fala.

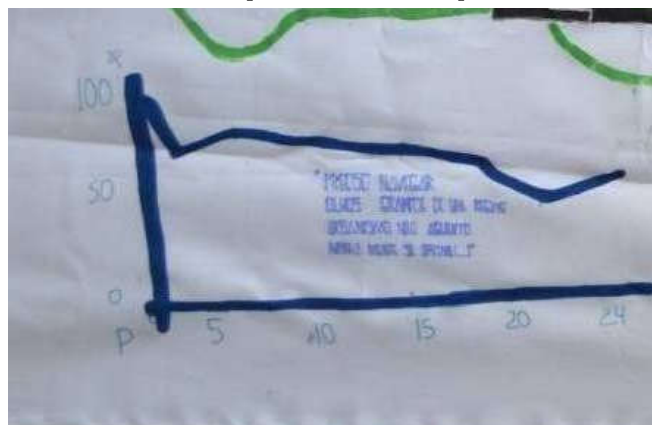
Que fala de doença?

Porque que o médico me manda fazer exame e exercício. É que eu sou bipolar.

Então aí eu faço um controle constantemente, eu faço uso de remédio há mais de 30 anos. É o mesmo remédio e eu vou ter que usar enquanto eu estiver viva, eu vou ter que usar esse remédio. Que é o remédio que controla o meu sangue.
Carobinha

Importante destacar que a coleta de dados¹⁸ foi precedida de esclarecimentos sobre o projeto, que envolviam dentre outras informações as suas origens institucionais (Escola de Enfermagem da UFMG), bem como, dados meus (profissão). Assim, o próprio processo da pesquisa pode ter levado os participantes a quererem compartilhar os seus saberes sobre a concepção hegemônica do processo saúde-doença, ou o que eles acreditam que eu (como enfermeira) gostaria de ouvir. Nesse sentido, Imburama optou por representar sua saúde como um gráfico (Figura 8).

Figura 8- Detalhe do mapa de Imburama representando sua saúde.



Fonte: arquivo da pesquisadora, 2017.

¹⁸ Seguindo as recomendações da Resolução 466/12.

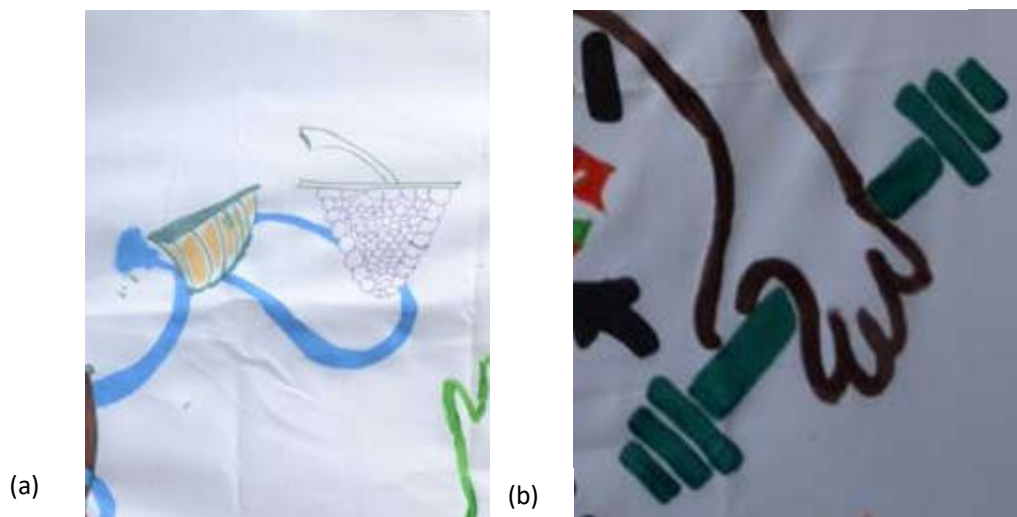
Imburama, mostra sua saúde por intermédio de um gráfico com os eixos “nível de saúde” *versus* “tempo”. A curva mostra o declínio da saúde sentido pela participante desde o seu nascimento até a vida adulta.

Porque quando eu nasci eu acho que eu tava bem de saúde. Tipo assim do jeito que minha mãe cuidava de mim. Aí tipo assim lá pros cinco anos eu acho que começou a diminuir, já muda. Já tem umas coisas que eu escolho e diminuí a minha mãe. Nos dez aumenta porque tem o cuidado da mãe, mas tem uma consciência das coisas. Você já está na escola, aí você quer aproveitar a vida você só quer beber, fazer bagunça e viver. Imburama

A agente descreve que só teve a saúde “ideal”, atingindo cem por cento, quando encontrava-se apenas sob os cuidados maternos, até os cinco anos. Segundo ela, os níveis começam a diminuir quando a saúde recebe influências externas, e pioram na adolescência quando os comportamentos insalubres se apresentam aos jovens.

Sobre a saúde os participantes também construíram outras representações visuais tais como: frutas e haltere (Figura 9).

Figura 9 - Detalhes dos mapas de Imburama (a) e Algodãozinho (b).



Fonte: arquivo da pesquisadora, 2017.

Carobinha optou por escrever os alimentos que julga importantes para a sua saúde: Sucos naturais (Carambola, Acerola, Maçã com Amendoim); Água Natural; Arroz, Feijão, Tomate, Pimenta, Couve, Alface, Beterraba (Figura 10). A descrição dos hábitos de consumo cotidianos demonstra a incorporação de recomendações advindas do campo da saúde: é importante consumir frutas, verduras, legumes, evitar o consumo excessivo dos açúcares e carboidratos.

Figura 10 - Detalhe do mapa de Carobinha.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Os estilos de vida saudáveis têm sua origem na medicina moderna e são tratados como um remédio “utilizado pelo indivíduo ou poder público para promover hábitos saudáveis” (BRAGA; FIÚZA; REMOALDO, 2017, p. 381). Apesar da evolução conceitual da promoção da saúde, é comum que o discurso da saúde ainda seja voltado para a mudança dos hábitos com foco na ação individual, e na perspectiva comportamental (HEIDMANN et al., 2006; MADEIRA et al., 2018). Daí a ênfase dos agentes em compartilhar os comportamentos saudáveis, por vezes por meio de uma representação genérica: o consumo de água, verduras e frutas.

Ademais, as intervenções embasadas na mudança de comportamento recebem forte incentivo das políticas públicas e por vezes são responsáveis pela inserção da promoção da saúde no cotidiano das populações (MALTA et al., 2018).

Os participantes do estudo também descreveram seus corpos por meio das práticas corporais que desenvolvem e seus hábitos alimentares ligados à manutenção da saúde e da estética.

Além de eu dançar, de fazer atividade física, de eu correr eu também me alimento saudável. Eu procuro de comer com muita fruta, muita verdura também. Refrigerante eu tô parando de tomar. Eu gosto também de pesquisar essas coisas assim que é bom sabe? Essas fruta que faz bem pra pele sabe? Que ajuda na saúde do cabelo. Esses trem. Aroeirinha

No dia a dia eu nunca fui de fazer dieta. Essas coisas nunca me agradou. Pra mim cuidar mais da saúde eu evito muito igual tomar refrigerante, é só suco natural. Geralmente meus meninos só tomam refrigerante quando a gente sai. Porque tem alguns ambientes que não tem como a gente escolher. Numa festinha né uma coisa assim, não tem jeito. Comida a gente não é muito de fritura, só de vez em quando que a gente come batatinha essas coisas, pra a gente satisfazer a vontade. Mas lá em casa mais é isso, o hábito de todo mundo. Sem refrigerante. Pizza, hambúrguer é uma vez ou outra que a gente come. Igual te falei, pra satisfazer mesmo aquela vontade. Mas lá em casa é muita fruta, suco natural não faço comida pesada. Meu marido também cozinha ele não faz comida pesada. A gente come muita salada, e o marido então a gente nem se fala, é salada, um arrozinho, uma carninha. Então a gente é mais é isso, por que a gente pratica exercício então a gente tem que adaptar comer coisa mais saudável, meus meninos também adoram. Nossa eles amam pimentão, se puder fazer uma salada só de pimentão eles comem. Mas assim eu não deixo fazer, faço pra eles brócolis eles gostam de couve-flor, tudo. Lá em casa então a gente olha muito isso a gente come muita coisa saudável. A gente abusa mesmo é do pão, igual quando a gente vem fazer exercício a gente chega em casa com muita fome. Aí às vezes não dá tempo de fazer nada, aí passa na padaria compra pão. Aí eles enche a cara no pão. Mas no outro dia não. E lá em casa a gente toma chá, não toma café. Só chá, leite, “toddy”. Jequitibá

Os dados evidenciam o poder simbólico da linguagem advinda do campo da saúde, ela é altamente incorporada e representada entre os participantes das práticas. Segundo Bourdieu, a linguagem representa o ordenamento estrutural e é transmitido e reproduzido entre os agentes (BOURDIEU, 1979). No campo da saúde, ela atua sobre os coletivos construindo um discurso sobre o comportamento desejável que tem sua origem na relação entre alimentação e atividade física. Os sentidos da saúde são interpretados pelos participantes e o corpo se torna lugar do exercício metódico para

se alcançar essa condição, consumindo os alimentos e a ingestão hídrica adequada (RODRIGUES, 2015).

Nos excertos, encontram-se referências às boas práticas de saúde e a importância do consumo de água, a realização de exames e a não ingestão do álcool e/outras drogas.

*Água é bom pra saúde. **É, você bebe muita água?** Muita água, quando eu tô no trabalho, em casa bastante. Só não bebo muito aqui na capoeira. Eu gosto beber água depois do treino. Bom sempre eu tô fazendo exame tudo. Tudo correto, tudo. Eles falam até eu tenho batimento cardíaco como uma criança. Tudo normal pressão ótima sempre 11,10 então é sempre controlado. Jangada do Campo*

Mas eu falo assim a capoeira me proporcionou no sentido de qualidade de vida que foi não ter me deixado eu me envolver com bebidas, com drogas. As amizades, as pessoas que eu tava andando na época. E a capoeira ela me direcionou pra uma vida saudável. Não ter envolvimento com droga, bebida. Nunca experimentei nunca pus um copo de cerveja na boca, nada. Eu acho que isso é a capoeira. No dia a dia como eu te falei, tá meio baquçada essa questão de alimentação. Mas eu acho que é um processo e esse processo eu sei que eu preciso que é mesmo uma questão de treinar, atividade física e alimentação. Taiuiá

Os achados se aproximam da descrição do “culto higienista da saúde, muitas vezes, associado a uma exaltação ascética da sobriedade e do rigor dietético” (BOURDIEU, 1979, p. 201). Os discursos sobre a saúde se transpõem à hexis corporal de cada um dos agentes, por transferência. Essa cultura de cuidados do corpo físico e as práticas higiênicas, como a caminhada e a corrida, estão associadas principalmente à promessa de proteção contra o envelhecimento, o adoecimento e acidentes associados à idade (BOURDIEU, 1977).

Manter o corpo livre dos hábitos deletérios à saúde é um desafio e, para os participantes, sofre limitações. Jequitibá, Jatobá e Jurubebinha (Figura 11) relatam as dificuldades em permanecer na prática principalmente pela ausência de tempo, resultado do excesso de tarefas ligadas à rotina de trabalho e emprego, estudos e família.

Ano retrasado eu comecei a fazer estágio, mas meu estágio como era só meio período não me atrapalhou em nada no começo, na capoeira. Depois eu comecei a trabalhar, aí eu até dei uma parada. Eu não parei de vez, mas como largava lá tarde, quando eu chegava aqui a aula já tava quase no final aí eu ficava sem graça de entrar. Aí eu até dei uma parada. Eu fiquei muito chateada com isso. Foi antes de eu pegar a corda. Aí eu fiquei muito chateada. Aí como o serviço era temporário eu falei “Não vou tentar me adaptar, depois eu pego firme na capoeira”. Às vezes eu saía correndo do serviço para tentar chegar aqui. Eu chegava, treinava e ia dividindo meu tempo, mas nesse tempo eu chegava só no final. Eu ficava muito chateada. Nossa era horrível. Eu já me acostumei a exercitar na capoeira, querendo ou não é uma distração que a gente tem. Aí eu chegava aqui já invocada, que o trânsito agarrava. Chegava aqui a aula já tava quase no final. Eu ficava sentada lá fora de tanta raiva nem entrava lá pra dentro. Falei “que saco não dá nem para fazer capoeira”. Jequitibá

Às vezes é difícil você passar o dia inteiro na correria e chegar aqui e dar 100% da sua energia sendo que você não tem mais nem 20% direito. E aí a princípio tem que ter uma força muito forte dentro da gente porque, se o espírito não estiver forte você não aguenta. Que é muito cansativo. Eu queria estar lá na minha cama, e aqui é uma responsabilidade que eu tenho e eu gosto de estar aqui. Quando eu entro pra fazer aula, pra ensaiar eu busco força de não sei aonde. Eu tiro energia do chão porque senão a gente não dá conta. Jatobá

Figura 11 – Detalhes do mapa de Jurubebinha



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Mesmo com uma justificativa plausível como o trabalho, não frequentar a prática por falta de tempo deixa Jequitibá com raiva. Por outro lado, a participante encontra motivação para manter-se na prática justificando que se trata da “distração”

que ela pode desfrutar junto da sua família. Jatobá reconhece que é grande a dificuldade em ter energia para praticar a dança ao final da jornada de trabalho. Por fim, os excertos são arrematados pelas ilustrações de Jurubebinha que desenha a ampulheta ao lado do copo de água para exemplificar como o tempo compromete os cuidados com sua saúde (Figura 11). Essa representação foi tão significativa que foi apresentada em locais e momentos diferentes no seu mapa corporal.

Os fatores relacionados às condições de trabalho, transporte e disponibilidade de alimentos encontram-se no limiar entre os componentes individuais e os macrodeterminantes da saúde. Assim, alguns comportamentos são “fortemente condicionados por determinantes sociais como informações, propaganda, pressão dos pares, possibilidades de acesso a alimentos saudáveis e espaços de lazer etc.” (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007, p. 83).

Apesar de buscar nestes participantes novos discursos sobre a saúde, percebo que ainda recai sobre os corpos o discurso médico dominante. Prevaleceu entre os agentes a demonstração sobre os conhecimentos fisiopatológicos clássicos, o que reproduz uma concepção de saúde com caráter reducionista, fundamentada nas imposições hegemônicas (SIQUEIRA et al., 2006). O olhar hegemônico sob a saúde como responsabilidade do sujeito evidencia o *habitus* como condição estruturante focada na mudança do estilo de vida. Mesmo com a evidente desigualdade nas condições de vida entre os brasileiros, o que facilita a compreensão dos macrodeterminantes, para os participantes a saúde revelou-se centrada no bem-estar físico.

Nesse sentido, a análise revela que mudanças no estilo de vida isoladamente são incapazes de produzir novas concepções de saúde. Contudo, o olhar atento aos discursos dos agentes indicou a ausência de tempo em decorrência do trabalho como determinante capaz de impactar na saúde e bem-estar. Assim, contra - hegemonicamente é possível extrair dos discursos os fatores extrínsecos à saúde. Notadamente, compreender as práticas promotoras no atual conjuntura do país exige considerar a empregabilidade, que impacta diretamente nas condições de trabalho às quais uma grande parcela da população está exposta.

A leitura de Bourdieu indica que este posicionamento também simboliza como as possibilidades de acesso às práticas, bem como, os gostos e consumos ligados à saúde vão se definindo objetivamente ou subjetivamente na vida dos agentes (BOURDIEU, 1979). A saúde vai se conformando conforme as possibilidades cotidianas de cada agente e os modos de viver vão desenredando as possibilidades das práticas corporais para a promoção da saúde.

5.2 O despertar dos corpos para a promoção da saúde

Para Bourdieu (1977), as expressões intencionais do corpo nas práticas dependem da consciência e da vontade do agente, que é o responsável pela emissão dos sinais corporais. Trata-se do entendimento do corpo como linguagem, por meio da qual nos comunicamos com o outro, seja em um grupo e/ou mesmo com o mundo. Nesse sentido as práticas corporais analisadas proporcionam melhor compreensão do corpo.

Eu tinha uma postura meio cansada, caída. Eu me achava também muito sedentária. Durante algum tempo eu tive uma pausa, eu parei de dançar um certo tempo. E agora que eu voltei meu corpo despertou sabe? Parece que ele acordou. Jurubebinha

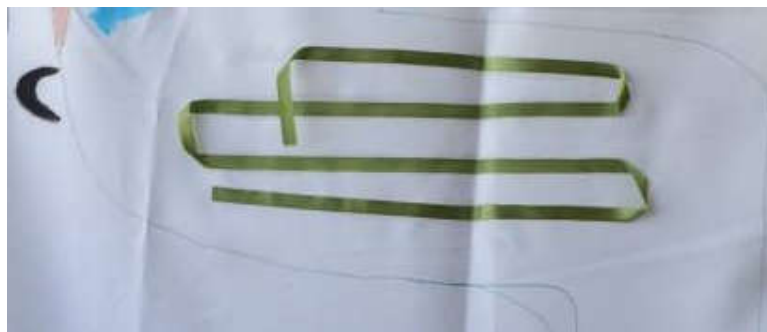
Ficar parado de tudo mesmo eu não gosto muito não. O corpo eu acho que enfraquece né? Já tá acostumando com aquele ritmo e acaba que sente falta. Mas na verdade mesmo quando eu não venho, vamos supor duas semanas, meu corpo já perde alguma coisa. Tá perdendo um pouco da energia. Porque acumula muita energia, então tem que fazer alguma coisa. Jangada do Campo

O contemporâneo é uma dança que te deixa mais livre, você pode ir pro chão. Ela é como se fosse balé só que balé ele é muito postura e o contemporâneo não. Eu considero como se fosse a expressão do meu corpo. Aquilo que o meu corpo está sentindo bem pra fazer ele vai e faz. Mas tem toda uma técnica também, mas muito diferente do balé. Jaborandi

Os excertos indicam as possibilidades corporais a partir das práticas, o que para Jurubebinha e Jangada do Campo “desperta” o corpo, que sem a prática pode ter um “acúmulo de energia”. Por sua vez, Jaborandi dá voz ao seu corpo por meio da dança, são os movimentos da prática que permitem que ela consiga expressar o que ele está “sentindo”. Essas transformações percebidas no limite do corpo indicam caminhos para a hexis corporal dos agentes, os gestos e as disposições incorporadas no âmbito da prática propõem um melhor reconhecimento do corpo e dos seus sinais.

É uma maneira prática de “experimentar e exprimir o sentido” da relação entre o corpo e o mundo social (BOURDIEU, 1979, p. 502). Bacupari (Figura 12) e Amaro Leite indicam as possibilidades corporais proporcionadas pela prática, os alongamentos, os exercícios, e as habilidades provocam transformações musculares.

Figura 12- Detalhe do mapa de Bacupari.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Ah tem muita coisa que quando você inicia a dança você consegue imediatamente primeiro aumento da sua autoestima a sua percepção de conseguir aquilo que está sendo proposto. Seja uma coreografia, seja um alongamento, seja um exercício de força, de habilidade. Seja lá qual for. Imediatamente você consegue perceber que “Poxa eu não sou tão burro assim eu não sou tão incapaz assim”. No primeiro contato que você tem com a dança esse resultado vem instantaneamente, desde que você também seja sensível e esteja desprendido. Para mergulhar naquilo. Além do mais é uma transformação muscular eu posso dizer. Porque o que acontece? Quando você experimenta uma dança você acaba movimentando e mexendo parte do seu corpo que provavelmente você não tinha costume de mexer antes isso significa que você vai estar acionando músculos e ossos para se direcionar ou para te sustentar em outras direções de outras formas. Qual que é o resultado disso? Vai gerar um indicativo de novos caminhos pro seu corpo que por sua vez vai te proporcionar dor. Aí não é uma dor como uma enxaqueca, vai ser uma dor que vai te mostrar que você acionou parte do seu corpo que você não

tinha acionado até então. Porque a dança ela sempre se resume em movimento.
Amaro Leite

As práticas analisadas acionam os músculos e exigem posturas antes não realizadas por seus praticantes. Bacupari representa as fibras musculares indicando a mudança proporcionada pela capoeira, e sentida principalmente nas pernas. A mobilização das dimensões físicas do corpo se desenvolve em diversos momentos, mas sempre em torno da prática. Tanto na capoeira quanto na dança existe o preparo pré-treino ou ensaio, com alongamentos, levantamentos de peso e mesmo exercícios aeróbicos. Estes eventos promovem a saúde por sua premissa básica e que sintetizo pelas palavras de Amaro Leite eles se “*resumem em movimento*”.

A hexis corporal encontrada nas práticas ganha visibilidade na realização dos movimentos, que possuem nomes próprios e fazem parte do vocabulário cotidiano dos grupos. Em função da sua especificidade, confesso que tive dificuldades em compreendê-las no início do trabalho de campo. Na capoeira, por exemplo, alguns golpes têm nomes intuitivos como cabeçada e joelhada, mas a maioria recebe nomes que só serão comuns entre seus praticantes como: armada; arrastão; cocorinha; martelo; meia lua de compasso; negativa; meia lua de frente; role; vingativa; cadeira e quebra de rim (posições escolhidas para o mapa corporal por Bacupari e Imburama, respectivamente¹⁹) (Figura 13).

¹⁹ Tal é a dinamicidade dos movimentos nas práticas que Imburama e eu nos confundimos ao colocar os elementos, e o mapa ficou “de cabeça para baixo” com elementos em diferentes posições. Imburama escolheu a posição de quebra de rim: um movimento onde a pessoa dobra o braço de apoio e levando o cotovelo em direção ao abdômen, na altura dos rins, fazendo assim com que seu corpo fique apoiado sobre o braço dobrado, enquanto o outro braço permanece na altura da cabeça, até que um de seus pés cheguem a tocar no chão.

Figura 13 - Imagem dos mapas de Bacupari e Imburama representando os golpes cadeira e quebra de rim.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Na dança, o léxico é ainda mais amplo porque engloba desde nomes advindos do balé clássico- habitualmente em francês- como o *en dehors*, que deu origem à posição de Jaborandi (Figura 14), e também os movimentos importados do hip-hop americano como *running man*, *party machine*, *breaking* e *b-boying*.

Figura 14- Imagem do mapa de Jaborandi representando o movimento *en dehors*.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Para Bourdieu, cada agente apreende os elementos da prática, por meio do seu esquema de percepção e de apreciação do seu *habitus*, assim um conjunto de movimentos, passos, golpes é circunscrito em um sistema único de “tradições, regras, valores, equipamentos, técnicas e símbolos” (BOURDIEU, 1979, p. 231).

[...] seria ingênuo supor que todos os praticantes do mesmo esporte - ou de qualquer outra prática- conferem o mesmo sentido à sua prática ou, até mesmo, praticam, propriamente falando, a mesma prática. Seria fácil mostrar que as diferentes classes não estão de acordo em relação aos ganhos esperados da prática do esporte, tratando-se dos ganhos específicos-propriadamente corporais que não são, de modo algum, objeto de discussão relativamente ao fato de serem reais ou imaginários já que são realmente visados, tais como os efeitos sobre o corpo externo (por exemplo, a magreza, a elegância ou uma musculatura visível) ou os efeitos sobre o corpo interno (por exemplo, a saúde e o equilíbrio psíquico) – sem falar dos ganhos extrínsecos, tais como as relações sociais que podem ser estabelecidas mediante a prática do esporte ou as vantagens econômicas e sociais que, em determinados casos, tal prática pode garantir. (BOURDIEU, 1979, p. 231–232)

Nesse sentido, a distinção entre o praticante e a “pesquisadora estranha às práticas” se inicia pela naturalização dessa linguagem, comum aos participantes e estranhas a mim. Em seguida, os corpos vão assimilando os novos movimentos e posições. A aquisição de posturas e movimentos que compõem a identidade de cada grupo faz a ponte entre o corpo, a *hexis* e o *habitus*, explico: é necessário conhecer os movimentos para ser capaz de desenvolver-se.

Os produtos do *habitus* “as propriedades distribucionais que advêm às diferentes práticas ao serem apreendidas por agentes detentores de um conhecimento prático de sua distribuição entre agentes que, por sua vez, estão distribuídos por classes hierarquizadas.” (BOURDIEU, 1979, p.231). Assim, as apreensões das propriedades corporais, intrínsecas à prática, são um marcador de identificação temporal entre os participantes.

E aí você acha que a dança mudou o seu corpo? Mudou viu, corporalmente falando e também eu vejo que hoje eu tenho mais consciência do meu corpo, o meu limite. Eu vejo as coisas que eu consigo que eu preciso exercitar. E antes pra mim a dança era só colocar música e sair dançando. O que eu conseguia fazer era aquilo mesmo. Num pensava o que é que ele movimento podia me prejudicar ou não entendeu? E assim o meu corpo mudou muito, porque eu andava bem pra baixo. Hoje eu já ando mais apumado. Eu acho bem melhor eu aprendi a respirar melhor. Porque antes quando eu fazia tipo assim alongamento eu fazia tipo respirando de boca aberta aí doía aqui assim. Aí hoje eu já eu já aprendi bastante coisa. E a cada dia a mais eu aprendo mais sobre isso. Hoje eu vejo que eu consegui ficar mais flexível do que era antes. Bastante coisa que eu acho que não ficaria legal na dança. Tipo assim eu vejo que dá certo. Pequi

Bom, eu acho que uma luta ela ensina, assim “aqui é o limite do meu corpo e daqui pra lá você não pode invadir.” Né? Então eu acho que a luta ensina muito isso. A sua postura, a sua posição, qualquer luta. Algodãozinho

O discurso de Pequi fala de uma consciência corporal, de uma demanda física pelo exercício e mesmo de uma nova compreensão da dor e do sistema respiratório. O desempenho na prática também garantiu que ele fosse capaz de perceber seu andar mais “apumado”, ampliando sua consciência corporal e transpondo os níveis da prática ao alcance do estilo de vida.

Algodãozinho encontrou na capoeira a importância sobre compreender e defender os limites do próprio corpo, e ressalta que este é o benefício que outras lutas também podem trazer.

Os achados indicam como a aquisição de novas posturas e compreensões corporais pelos agentes é capaz de posicioná-los de uma nova maneira para a sociedade, e esses movimentos intencionais alcançam o campo social. Então, torna-se possível pensar na prática como domínio sobre o corpo físico e sobre as formas corporais perceptíveis, dado que a própria memória muscular produz no corpo um desejo da prática, expresso no excerto do discurso de Carobinha.

Não é que mudou meu corpo. O que eu treinei até agora não é suficiente para mudar o meu corpo. Mas é o suficiente para me colocar mais ciente que a gente precisa realmente de algum exercício. Não significa que tem que ser capoeira. Pode ser que ela deixe mais maleável. A capoeira me levou a pensar que seja duas vezes por semana, seja três, mas eu tenho que fazer um exercício pra satisfazer meu corpo. Carobinha

Apesar de não perceber mudanças no corpo advindas da capoeira, Carobinha sente que a prática levou-a ao reconhecimento da importância de praticar exercícios. O entendimento das demandas corporais mostra a ela que existe uma necessidade física e é preciso “satisfazer” o corpo. O investimento corporal à prática surpreende o seu praticante que começa a (re) conhecer seu corpo de outras formas. É uma relação instrumental com a utilização do próprio corpo que implica em dedicação e esforços para incorporar posições e movimentos à rotina física (BOURDIEU, 1979).

O engendrar de poses disparado pelas práticas corporais, bem como o consumo de novos elementos culturais promovem novos conhecimentos sobre o corpo. As práticas analisadas trazem consigo a possibilidade de apreensão de novos movimentos e posturas. E tudo se passa pela combinação entre as propriedades corporais e o campo da cultura que tendem “[...] a impor normas e necessidades, em particular, no domínio do estilo de vida e dos consumos materiais ou culturais.” (BOURDIEU, 1979, p. 424). A análise evidencia também a dominância sobre essa compreensão do corpo, que consciente ou inconscientemente, promove novas culturas físicas.

A relação com o próprio corpo provoca a interrogação sobre um conhecimento maior dos efeitos da prática. A distinção temporal entre os praticantes mais antigos e os novos mostra que nos primeiros, as transformações são mais intensas, contudo eles reconhecem que as mudanças advindas das práticas já não são suficientes, inclusive para progredirem na prática.

Eu sou muito inflexível. Sou demais. Chegou num nível em que o meu corpo ele já não conseguia mais desenvolver na dança que eu atuava, e isso me deixou um pouco frustrado. E também eu já estava um pouco cansado de fazer a mesma dança. E aí eu tive oportunidade de conhecer outras e comecei a estudar teoricamente e falei "Gente eu tenho que aprender essas coisas todas". E aí abriu meu leque de visão pra me aprofundar em outras técnicas de dança urbana. Que aí me reacendeu a chama de novo, do prazer de dançar. Amaro Leite

Primeiro foi que com a dança eu adquiri mais força física, porque eu tive que passar a fazer os exercícios físicos baseados nos princípios da musculação pra aquecer ao menos o peso do meu próprio corpo. Então isso é uma primeira mudança. A segunda mudança, por exemplo, foi o modo de andar. Pequi

Eu acho que no início ajudou. Agora eu acho que hoje já não modifica, acho que assim, me ajuda a manter mais firme a musculatura e tal. Mas é igual eu tô te falando nem sempre assim pode contar como uma atividade física regular. Eu não acho que dá pra contar. Eu não vou te falar que essa capoeira que a gente faz aqui ela serve assim, como a única atividade física, porque não dá. De verdade, não dá. Você tem que procurar uma outra atividade, até pra dar conta de fazer algumas coisas aqui. Ah num sei foi início do ano passado, eu falei assim "Bom, eu não vou conseguir avançar mais se eu não procurar uma outra atividade pra fazer". Então, aí eu entrei na academia pra fazer musculação pra eu dar conta de virar de baixo essas coisas. Algodãozinho

Figura 15 - Detalhe do mapa de Taiuiá, com a representação gráfica das atividades realizadas para além da capoeira: bicicleta, corrida e musculação



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

O convívio com os grupos deixou claro que a apreensão constante dos movimentos é necessária para a permanência dos participantes, principalmente para avançar no desenvolvimento da prática. O diferencial é que, com o tempo, o capital corporal adquirido sofre uma espécie de declínio, demandando novos esforços do

corpo. Num primeiro momento, Pequi e Algodãozinho relatam uma modificação corporal em decorrência das práticas, mas depois tornou-se necessário treinamentos de resistência e força. Amaro Leite quando percebeu que não estava mais conseguindo alcançar seus objetivos buscou em outras técnicas de dança elementos para subsidiá-lo.

Assim, há um estímulo ao incremento e maior consumo de práticas motoras *tradicionais* representadas como desenho por Taiuiá (Figura 15). Denotando uma necessidade explicitamente expressa pelos agentes em realizar outras atividades físicas para manter seu condicionamento: corrida, musculação, levantamento de pesos. Nessa perspectiva, os achados indicam que as práticas assumem novos papéis, pois se tornam ao mesmo tempo protagonistas, mas também são acionadoras de práticas tradicionais, descritas como um “mal” necessário.

Ainda assim, em alguns momentos as práticas corporais englobam os benefícios mais evidentes da prática das atividades físicas e são sentidos, como relata Algodãozinho durante a roda de capoeira.

Ela é assim, altamente na hora que cê tá na roda. Mas na hora que cê entra. Mas cê entra um minuto e fica lá dentro e sai, no máximo. Então naquele momento eu acho que a condição cardíaca vai lá em cima, mas é só nessa hora.
Algodãozinho

Ressalto que o discurso da participante não se restringe à esfera física da elevação dos batimentos cardíacos. É também durante a realização da roda de capoeira que se dá a abertura para as novas possibilidades corpóreas encontrada em práticas ligadas ao campo cultural. Neste momento se dá a incorporação das estruturas fundamentais ao domínio da prática, que são partilhados, fazendo com que haja uma aprendizagem corpórea explícita. Comportamentos que são incentivados, produzidos e (re) reproduzidos no interior das práticas corporais analisadas. Para mim, essa é uma evidência que distingue as práticas corporais das atividades físicas tradicionais.

O foco dado à cultura afeta principalmente na motivação, melhorando os níveis de participação dos agentes em práticas esportivas e atividades físicas (WEINBERG

et al., 2000). Amplia-se o engajamento principalmente de populações jovens, que não por coincidência representam o público majoritário nos grupos analisados. Na dimensão prática, esse contato com o corpo e a atenção dada à satisfação e ao prazer com a atividade executada são essenciais para a regularidade e percepção dos seus benefícios (MORETTI et al., 2009).

O dispêndio energético associado aos movimentos específicos tornam as práticas corporais ótimas para transformação dos corpos. Contudo, para quem procura unicamente a modelagem do corpo, isoladamente elas são insuficientes.

Ao lançar o olhar para as práticas no que tange ao perceptível, percebi que elas são descritas para além dos limites físicos, mas como algo que faz bem à dois entes distintos: o *corpo* e a *mente*. Seria essa a evidência de que nas práticas analisadas também se replica a concepção hegemônica da divisão entre corpo e alma ou corpo e mente? Essa representação me levou a pensar na integralidade do ser como princípio operante para a promoção da saúde, para além do sentido de atenção e ações de proteção e recuperação da saúde: incluindo sua dimensão subjetiva, bem como das características individuais, sua hexis (CZERESNIA; FREITAS, 2009).

No caso a capoeira ela me proporciona dois tipos de saúde que sempre me vem à mente. Que é a saúde física. Que é o mais óbvio e esperado quando você pratica um esporte, que é flexibilidade, um outro tipo de preparação física que te dá uma disposição. Mas também ela me proporciona uma saúde mental que, que te aproxima muito pelo menos aqui não sei se é assim nos outros. Mas eu posso dizer essa experiência com o humano. Então é essa saúde da mente, de você poder ter contato com outras pessoas, trocar experiência. Às vezes perceber que outras pessoas têm a mesma percepção que você. Não é que você tá se encaixando num grupo, mas você tem características que outras pessoas também vão gostar então essa isso tudo favorece muito pra mim, pra minha saúde mental. Esse compartilhamento, essa até mesmo as dificuldades de se conviver em grupo.
Buriti

Só que é na capoeira eu me sinto feliz me sinto leve. Meus problemas pessoais somem quando eu venho para capoeira. A cabeça fica leve tranquila. Qualquer esporte que eu pratico eu vou com o corpo e alma. Jangada do Campo

Dançar é transparecer o que sua mente e seu coração sente! Se sentir livre!
Aroeirinha

Nem sei como vou falar isso, pra mim funcionar bem eu tenho que ter o conjunto da obra todo. O psicológico e o meu corpo. Se o meu corpo não funcionar bem o meu psicológico automaticamente vai ser barrado. Eu não vou conseguir estudar vai tornando mais difícil lidar com os problemas diários. Imburama

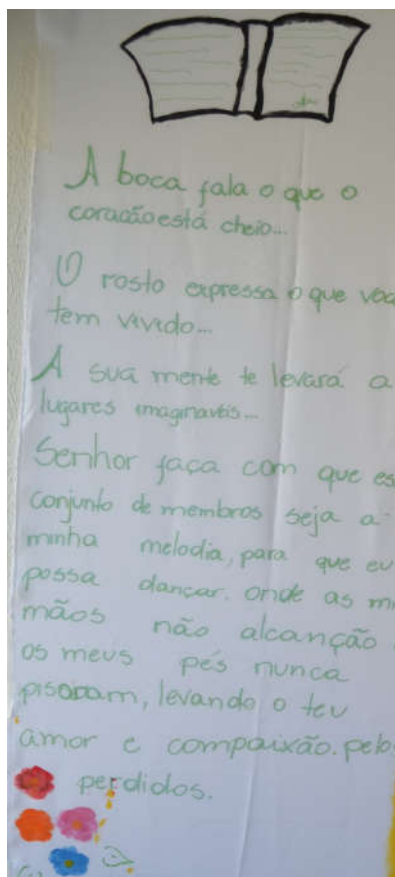
A separação do corpo e da mente, e uma conseqüente redução do primeiro à máquina, é uma ideia antiga. Essa explicação cartesiana do corpo ajuda, inclusive, a entender as justificativas que dispararam essa investigação.

É possível resgatar esse debate em Descartes:

[...] de modo que não existe melhor caminho para chegar ao conhecimento de nossas paixões do que examinar a diferença que há entre a alma e o corpo, a fim de saber a qual dos dois se deve atribuir cada uma das funções existentes em nós. (DESCARTES, 1974, p. 227)

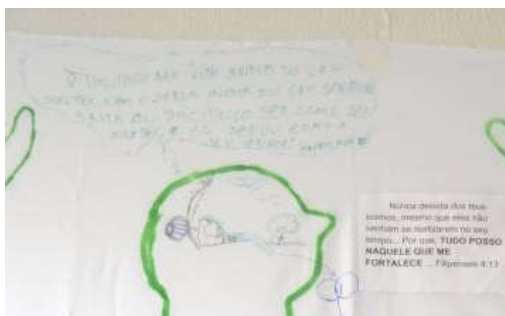
Resgato essa ideia nas representações dos participantes em seus mapas corporais:

Figura 16- Detalhe do mapa de Copaliba com sua mensagem.



A boca fala o que o coração está cheio... O rosto expressa o que você tem vivido... a sua mente te levará a lugares imagináveis... Senhor faça com que esse conjunto de membros seja a minha melodia, para que eu possa dançar onde as minhas mãos não alcançam e os meus pés nunca pisaram, levando o teu amor e compaixão pelos perdidos. Copaliba

Figura 17 - Detalhe do mapa de Taiuiá associando sua frase ao espaço da mente (cérebro)



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

A mensagem de Copaíba, escrita no nosso último encontro, reforça essa referência entre o encontro do corpo físico, “conjunto de membros” e a mente. Para Descartes “[...] devemos crer que todo o calor e todos os movimentos em nós existentes, na medida em que não dependem do pensamento, pertencem apenas ao corpo.” (DESCARTES, 1974, p. 218) Tal representação é tão forte que foi sendo incorporada ao longo dos anos e ainda faz parte do campo da saúde, inclusive na formação dos profissionais e na condução de práticas de saúde. Taiuiá associa sua frase pessoal à mente e coloca-a localizada na cabeça no espaço do cérebro “*O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo, acima do seu senhor. Basta ao discípulo ser como o mestre, e o servo, ser como seu senhor*” (Figura 17).

O corpo representa o material, o palpável, e a alma é o intangível, aquilo que fala dos sentimentos desenvolvidos entre os participantes, e às vezes da ligação com Deus. Partindo desse pressuposto, percebo o corpo como espaço de disputa a ser dominado e controlado, no qual há “manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos” (RODRIGUES, 2015, p. 14).

As expressões da mente sobre o corpo têm sua raiz tanto no biológico quanto no social, a atuação das estruturas econômicas impacta profundamente no funcionamento do corpo físico (YUILL, 2005). Para compreender o investimento de tempo, dinheiro e a energia na transformação dos corpos, resgato que, sob a perspectiva bourdieusiana, os corpos são reconhecidos tanto em sua conformação física propriamente dita, e também por suas “propriedades corporais”, produto das

relações sociais (BOURDIEU, 1977). Seria como realizar um paralelo entre o físico e o moral que, contudo, formam um agente uno e indissolúvel.

Entre os agentes o corpo é prelúdio para perceberem as práticas corporais e iniciarem mudanças em sua *hexis* corporal. Nesse contexto, o entendimento do processo saúde-doença apresenta as bases de uma concepção hegemônica que se sustenta nos pilares do controle alimentar. Contudo, as reflexões realizadas durante os encontros levaram os participantes a se questionar constantemente sobre o corpo. Discutíamos as mensagens e imagens que seriam colocados no interior do contorno corporal, ou fora. Porque determinadas representações seriam melhor apresentadas ao lado do corpo? Para alguns essas escolhas se deram por motivo estético, para outros exigiu pensar na significação daqueles elementos sobre si.

O que pude perceber das práticas corporais inseridas no campo da cultura, é que elas permitem ao agente “reagrupar” corpo e alma. É no momento da prática que esses elementos se reúnem, promovendo a integralidade do agente. A partir da compreensão dessa relação dialética entre corpo e mente amplia-se o debate sobre a qualidade dessas práticas para a promoção da saúde.

Um aspecto a ser considerado é que a consciência e as variações de percepção e apreciação das práticas variam também de acordo com o capital econômico. Mesmo se desenvolvendo em espaços públicos e de não haver um pagamento direto para participar da prática existem gastos, como: deslocamento ao centro cultural, compra de vestimentas adequadas, aquisição de instrumentos musicais (no caso dos capoeiristas).

Ademais há um investimento cultural, à medida que dedicar-se às práticas exige a compreensão das suas dimensões histórica e afetiva, ligado às relações estabelecidas entre os participantes descritas por muitos como laços familiares. O alto teor de *investimentos* legitima a ação dos praticantes, pois está atrelado a uma grande aquisição de significados que vão sendo atribuídos à prática. O que amplia a relação com o próprio corpo e também com suas dimensões sociais.

Recordo-me que nos grupos analisados, presenciei dois eventos emblemáticos: na capoeira a cerimônia da troca de cordas e na dança a apresentação de um

espetáculo. Para os capoeiristas a troca de cordas implica na aquisição de novos bens como a corda, a camiseta do evento, e por vezes o abadá. Eles também dedicam tempo à organização da cerimônia que é planejada com meses de antecedência, e usualmente se dividem em subgrupos para organizar as tarefas. Pessoas externas e outros grupos de capoeira podem ser convidados para assistir ao evento. É um momento de grande envolvimento coletivo e os integrantes demonstram muita alegria em participar, afinal este é o momento de ver reconhecido entre o mestre e os pares o resultado dos treinos.

De maneira similar, os espetáculos de dança exigem do grupo planejamento de detalhes como: a escolha do roteiro, as trilhas sonoras. A aquisição e preparação dos cenários e figurinos, sem contar os muitos ensaios que antecedem o evento.

Nenhum dos grupos dispunha de financiamento ou auxílio durante a realização deste trabalho, assim os investimentos nos custos da prática dependem, evidentemente, da sua estrutura patrimonial e da classe a qual pertence cada participante. Para aqueles participantes que têm dificuldades financeiras existem nos grupos um movimento de cooperação para tentar viabilizar a todos o acesso aos eventos, mas infelizmente ele é insuficiente ante a demanda apresentada. Dessa maneira, alguns participantes treinam sem as vestimentas adequadas ou ficam sem se apresentar nos espetáculos.

A prática corporal tangencia as mudanças no corpo, garantindo uma ampliação do capital cultural com movimentos específicos carregados de historicidade. Capoeira e dança dão vazão às demandas do corpo por novos movimentos para garantir sua permanência na prática corporal.

CAPÍTULO 6

DETERMINANTES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS CORPORAIS: CONSTRUÇÃO SOCIAL DO HABITUS FEMININO

*Um homenzinho distante, roçando, lenhando, ou uma
mulher=zinha fiando a estriça na roca ou tecendo em seu tear
de pau, na porta de uma choça, de buriti toda.*

(Guimarães Rosa, 1956, p. 542)

6 DETERMINANTES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS CORPORAIS: CONSTRUÇÃO SOCIAL DO *HABITUS* FEMININO

Se a análise iniciou-se pelo espaço singular do corpo no interior das práticas corporais, neste capítulo dedico-me às relações estruturais. Mais precisamente sobre como os processos de transmissão de comportamentos incidem nos corpos por meio do *habitus*, revelando as desigualdades que impactam direta ou indiretamente na saúde.

Este capítulo discute os condicionantes transversais do *habitus* feminino. As evidências para a análise partem das representações gráficas presentes nos mapas corporais das participantes que indicam como se constrói a hexis corporal da mulher e como o corpo feminino é afetado pela dominação masculina.

Os dados revelaram como a estrutura social incide sobre o corpo de cada agente, homem ou mulher, estimulando práticas que convêm a cada sexo, proibindo ou desencorajando condutas. Para Bourdieu:

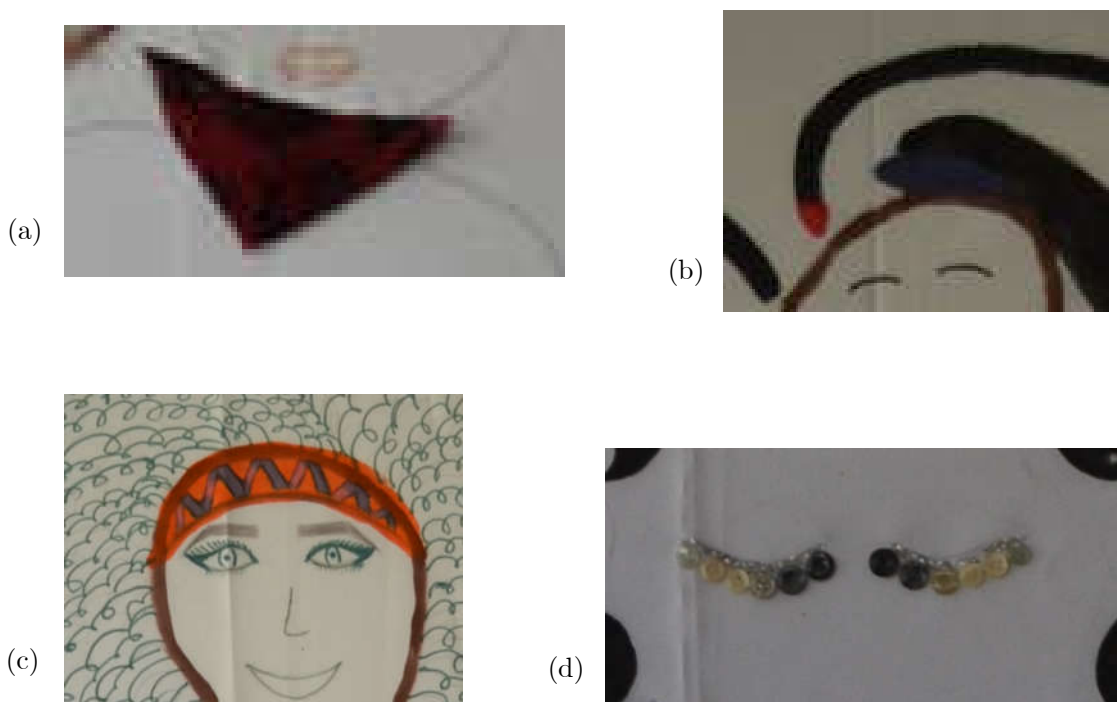
As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma de hexis corporais opostas e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino. (BOURDIEU, 2002, p. 41)

Assim, pensar em corpos circunscritos em práticas corporais requer compreender os significados sociais associados ao masculino e ao feminino.

6.1 Hexis corporal feminina: a estética da mulher

Dentre os diferentes usos sociais do corpo, os mapas corporais indicaram a distinção entre o corpo do homem e o corpo da mulher. As participantes adornaram seus mapas com enfeites, para deixá-los mais femininos (Figura 18).

Figura 18 - Detalhes dos mapas corporais de Assa-Peixe (a), Jequitibá (b), Aroeirinha (c) e Jatobá (d).



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Os detalhes indicados foram adicionados por vontade das participantes, não tiveram sua origem em nenhuma das questões do roteiro. O lenço no pescoço (a), os adereços de cabelo (b, c), e o distinto cuidado na representação dos cílios com glíter e botões (d) são enfeites complementares que evidenciam a vaidade feminina nos mapas, marcadores sociais das mulheres. A esse respeito, existe todo um trabalho de construção social do corpo que atribui significação ao cuidado estético feminino:

espera-se da mulher que ela se enfeite, remova os pelos excessivos do corpo, se maquie. Estes comportamentos constituem a hexis feminina e não acontecem aleatoriamente, no espaço do corpo encontram-se incorporados esquemas inconscientes de percepção e apreciação das estruturas históricas (BOURDIEU, 2002).

Para Bourdieu:

As propriedades de gênero são tão indissociáveis das propriedades de classe quanto o amarelo do limão é inseparável de sua acidez: uma classe define-se no que ela tem de mais essencial pelo lugar e valor que atribui aos dois sexos e a suas disposições socialmente constituídas. Eis o que faz com que, por um lado, o número de maneiras de realizar a feminilidade corresponda ao número de classes e de frações de classe; e, por outro, no seio das diferentes classes sociais, a divisão do trabalho entre os sexos assumam formas completamente diferentes, tanto nas práticas quanto nas representações. (BOURDIEU, 1979, p. 115–116)

Por outro lado, a dominação sobre os rituais e práticas ligadas ao corpo da mulher leva à estereotipização e aplicação rigorosa do “princípio de conformidade” dos corpos (BOURDIEU, 1979). As mulheres que dão menos valor à beleza e não dedicam tempo aos cuidados do corpo são alvo de críticas e zombaria, mesmo que em decorrência da falta tempo ou condições.

Minha família é bastante tradicional, e eu sempre gostei de mulher. Mas em casa eu tinha esse problema com a minha mãe. Meu pai não, meu pai sempre foi de boa com tudo. Aí foi uma luta né? Assumir isso dentro de casa e eu assumi. Eu sempre fui assim “Eu sou, eu sou”. Vou bater de frente com a minha mãe e com todo mundo. Aí foi esse problema aí foi entre 18 e 20 anos que eu falei com a minha mãe aí já começou. Eu me agarrei com uma menina aí já começou um desequilíbrio porque eu não sabia lidar com sentimento e já perdendo o meu espaço dentro de casa. Fui buscar na igreja, eu sempre busquei esse sagrado. Aí eu fui da igreja evangélica. “Quê que eu fui fazer?” Cheguei lá, pra você ir pro o reino do céu como se fala “Você tem que ser certinho, você tem que ser uma mocinha e gostar de homem.” Aí eu falei assim “Velho! Eu gosto de Deus eu gosto das ideias dele, mas eu vou com fé porque eu não vou deixar de gostar de mulher.” Aí eu já não tinha ligação na família, nem na igreja, nem porra nenhuma. Aí eu fui fazendo o que me deu na cabeça. E é o que eu tento explicar pras pessoas “Gente eu gosto de mulher, mas eu sou mulher.” Escolhi o meu gênero mulher, nessas construções todas aí eu sou mulher. Eu não preciso ser homem, mas aí tem o fato de eu gostar da roupa mais larquinha e tal. E tem dia que a galera assusta eu saio de vestido toda trabalhada. E me falam “Você num é sapatão?” E aí eu comecei a filtrar muita coisa, pra não me atrapalhar.
Imburama

O excerto demonstra as ambiguidades sobre o gênero: socialmente esperava-se que Imburama tivesse atração pelo sexo oposto “[...] *você tem que ser mocinha e gostar de homem*”. Como esse não é o seu caso, ela tem dificuldades em se compreender e ser compreendida, tanto por seu núcleo familiar quanto social. A busca por respostas se deu em diferentes espaços sociais sendo, contudo, insatisfatória. Mesmo entre os amigos, Imburama que habitualmente opta por usar roupas largas e confortáveis (que não definem o contorno do corpo), quando sai de vestido é zombada. Como se a homossexualidade a destituísse do direito de adotar as práticas femininas e usar saia. Em consequência, ela precisa driblar as representações sociais para se aceitar como é, uma *“mulher que gosta de mulher”*.

No conjunto das práticas sociais, existe um grupo de atividades que se desenvolvem basicamente em função do culto ao corpo feminino, são “[...] atividades de ‘colarinho rosa’ - manicures, cabeleireiras, esteticistas, professoras de ginástica, atividades ligadas a moda, etc.” (SILVA, 1995, p. 34). Entre as participantes, a preocupação com a distribuição das propriedades corporais (peso, aparência, beleza, etc.) foram expressas e diretamente relacionadas à saúde.

Eu nunca tive problema relacionado à saúde, eu comecei a ter problema depois que eu comecei a querer ficar magra. E aí não comia. Teve vezes que eu já chequei a ficar dois dias direto sem comer. Eu já chequei a ter anemia por querer ser magra. Não é que eu que eu queria ser magra, eu queria ter uma barriga bonita. Porque eu sou uma menina que eu não tenho bunda, eu não tenho coxa e isso me incomodava muito. Então eu não quero ter barriga e eu me preocupava muito com isso, eu achava que se você não tinha bunda, nem coxa seria um problema. É uma barriga bonita, uma barriga chapada. É exatamente por esse motivo que as pessoas preocupam com a beleza, porque hoje em dia quando a pessoa ela é acima do peso ela sofre muito racismo. Eu não digo só preconceito, talvez ela vai sentar em algum lugar ela se incomoda que as pessoas estão tão incomodado que se levanta. Eu acho que é realmente a moda, que qualquer modelo tem que ser magra modelo não pode ter barriga. É a moda mesmo, porque você já viu nenhuma modelo gorda? Tem uma cobrança social. E isso não é só a aceitação do mundo, para você ser aceita numa agência a gente não vê uma pessoa gorda numa revista de moda. Lá em casa eu sou cheia de revista de moda e eu nunca vi, então eu acho que isso leva muitas pessoas, as meninas a pensar isso. É o que me fazia pensar também, antigamente. Porque a pessoa gorda é muito difícil ser aceita em tudo, até em trabalho mesmo a pessoa gorda é muito difícil ser aceito. Eu comecei a passar mal porque eu ainda tinha pressão baixa aí de repente eu já desmaiava e foi quando realmente eu comecei a

pensar sabe? O que você come você não pode vomitar. Eu despertei, veio na minha cabeça que eu me deixar levar. E se evoluir pra pior? Que a bulimia realmente é uma doença muito grave, já dei anemia agora não quero. Mas minha saúde é boa, fora a gastrite que dói, o resto é tranquilo. Que é o cuidado que eu comecei a ter com a minha saúde, eu digo no estômago. Velame do campo

Ah eu acho que eu me alimento muito mal, por isso eu acho que eu mesmo prejudico a minha saúde. Não me dá fome é muito raro. Não é que eu esqueço de comer, mas é porque eu não dou fome aí eu não como. Às vezes eu sinto tonteira, eu sinto muita falta de ar, do nada. Eu não tô com vontade de comer e não como. Aí acho que isso prejudica muito ainda mais quando eu danço. Quando era mais nova eu fazia de tudo para ser magrinha, mesmo já sendo. Aí eu acabava colocando o dedo na garganta quando era mais nova. Aí eu acabava de comer ia lá e colocava o dedo na garganta. Só que aí com o tempo eu fui parando e comecei a refletir “Ah não precisa disso”, mas eu acostumei com a rotina de não comer. E aí até hoje eu sou assim, não como muito. Quando eu tinha nove anos eu fiquei chateada e aí aconteceu muita coisa (eliminação de conteúdo sensível), e aí acabava que eu descontava em mim mesma não gostava de falar com ninguém que tava acontecendo só descontava em mim. Tem uma prima minha de parte de pai que ela leva a pessoa para onde ela quiser, ela tem uns assuntos muito loucos. Aí ela sempre falava “Jaborandi vamos emagrecer?” aí eu ia e caía na conversa dela e nós duas começamos a fazer isso. Só que ela parou e depois eu vi que só eu estava me prejudicando, que ela tinha parado e eu não. Jaborandi

Os trechos revelam a naturalização da bulimia como uma prática comum para manutenção da forma física entre as jovens, indicando o quão prejudicial à saúde pode ser a busca pelo corpo perfeito. Velame do Campo faz uma relação direta entre o declínio da sua saúde e o seu desejo de ser magra. Para adquirir o corpo das revistas de moda as meninas usam a técnica denominada por Jaborandi como “colocar o dedo na garganta”, que além de não lhe privar do consumo alimentício garante que o disfarce seja mantido ante os familiares.

A cultura da beleza e da aparência física fizeram com que os distúrbios alimentares entre as adolescentes evoluíssem de patologia a estilo de vida (GOLDENBERG, 2006). A conduta parece ser simples e com grandes recompensas. Inúmeros sites e páginas da internet divulgam movimentos pró-anorexia e bulimia, além do compartilhamento entre amigas e familiares, anunciado por Jaborandi, de procedimentos capazes de produzir o corpo das capas de revistas e anúncios

publicitários: o corpo magro. Assim, é relevante destacar que sob a lógica patriarcal há um interesse social de que as mulheres se dediquem às práticas corporais e atividades físicas para manterem um corpo ideal (RIBEIRO, 2017).

Para obter o físico magro e esbelto um trabalho de construção simbólica opera nos corpos femininos com “transformações profundas e duradouras dos corpos (e dos cérebros)”(BOURDIEU, 2002, p. 32). E o corpo natural vai sendo modificado por meio de produtos e condutas, a exemplo das cirurgias plásticas estéticas, cremes anti-idade, e adquire a condição de capital.

No caso da mulher brasileira, outro fator a ser considerado é o hábito de expor as formas físicas, seja em função das condições climáticas ou das festas folclóricas (como o carnaval). O corpo da brasileira além de ser magro, deve ter a cintura fina, os seios e bumbuns grandes e sem as marcas indesejáveis (rugos, estrias, celulites e manchas). Quaisquer imperfeições encontradas no corpo devem ser tratadas e manipuladas (GOLDENBERG, 2006).

Falavam, falavam muito mal. Na cara, a verdade nua e crua. Tipo “Você está muito gorda, você não vai poder dançar” e a gente ficava constrangido e ia para casa chorando. Mas a gente sabia o que a gente queria e daí a gente começou a ver que eles é que precisavam de ajuda. Ipê

*Eu só reclamo da barriga, mas aí a barriga é consequência das gravidez. Quem mandou eu caçar esse tanto de filho? **O que você tá achando dessa Assa-peixe aí?** Ah tá gorda, feia. Assa-peixe*

Como relata Ipê, o corpo acima do peso é criticado e indesejado, mesmo que suas formas sejam resultado das gestações, situação vivida por Assa-peixe. A mídia comercial e machista, ainda hegemônica, impede a construção de caminhos para a igualdade entre os corpos “Ela é, em sua maior parte, o efeito automático, e sem agente, de uma ordem física e social inteiramente organizada segundo o princípio de divisão androcêntrico (o que explica a enorme força de pressão que ela exerce)”(BOURDIEU, 2002, p. 33).

A pressão sobre os corpos femininos pode inclusive, impactar em sua vontade de frequentar espaços públicos e participar das práticas, como evidenciado no discurso

de Ipê. A participante é julgada e criticada quanto ao seu corpo e por ter escolhido praticar o balé, modalidade de dança com alto controle sobre a modelagem dos corpos. O que não condiz com as concepções da dança como movimento livre do corpo. Talvez por este motivo o grupo tenha se desprendido das amarras das técnicas do balé clássico para explorar outras possibilidades nos estilos: contemporâneo e urbano.

Um fato importante percebido na observação junto aos grupos é que no cotidiano dos treinos não há uniforme ou vestimenta padrão. Os professores e monitores estimulam os participantes a usarem roupas confortáveis e que ofereçam liberdade aos movimentos corpóreos²⁰. Ainda assim, as participantes optam pelo uso de calças e camisetas justas, populares no ambiente *fitness*.

As necessidades de cuidado com a aparência impostas às mulheres evocam o desperdício de tempo e energia, pois além do cuidado com a saúde a mulher precisa cuidar da sua beleza (“embonicar-se”) (BOURDIEU, 1979). Espera-se que as práticas de cuidado estético componham o estilo de vida feminino, contudo na impossibilidade de fazê-lo as mulheres têm sua autoestima afetada podendo sentir-se desconfortáveis em relação ao seu corpo, às suas vestimentas. Assim, a *hexis corporal*, inseparável do *habitus*, legitima os corpos femininos no campo prático.

6.2 Condicionantes sociais: a incorporação das estruturas de gênero

A análise dos dados indicou as relações singulares entre as mulheres e suas famílias, evidenciadas principalmente por intermédio das imagens e desenhos. Esse aspecto foi marcante e a partir dele foi possível perceber que as participantes,

²⁰ Sobre o conforto para realizar a prática, resgatei do meu diário de campo uma vivência da primeira aproximação junto ao grupo de capoeira, quando fui gentilmente convidada a experimentar o treino. Aceitei, mas havia ido de calça jeans e blusa de manga $\frac{3}{4}$. Apesar de ter sido capaz de acompanhar os participantes suei como nunca antes, minhas pernas incharam. No dia seguinte tive dores insuportáveis.

diferentemente dos agentes homens, buscaram sempre trazer seus membros familiares representados em seus mapas corporais. Na verdade, para a maioria delas, o mapa corporal narrado não estaria completo sem essa representação (Figura 19, Figura 20).

Figura 19 - Detalhe do mapa de Jequitibá



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

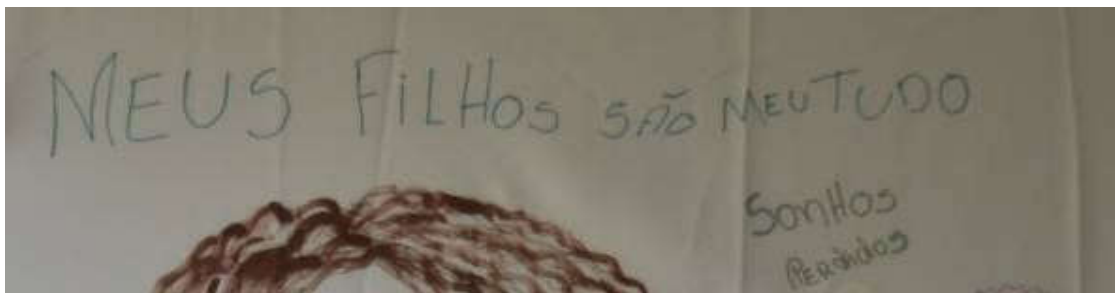
Figura 20 - Detalhe do mapa de Carobinha



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

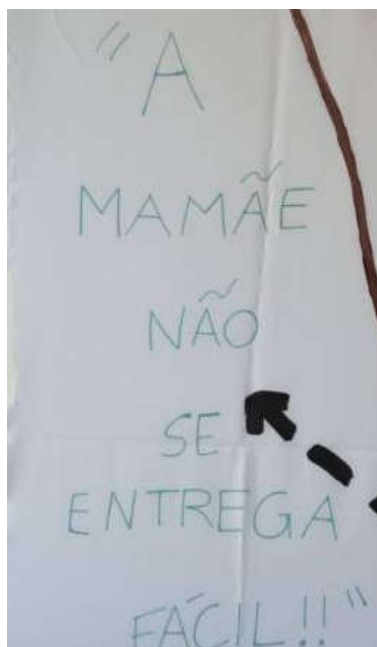
A família de Jequitibá foi desenhada à direita do seu mapa e abaixo dos seus braços, assim o marido e os filhos foram colocados “*debaixo das suas asas*”, sob sua proteção. Carobinha colocou uma imagem trazida por ela no segundo encontro, localizada no peito próximo à posição fisiológica do coração, trata-se do seu símbolo pessoal “*a mãe com o filho*”. Ambas representam metaforicamente o amor que sentem por suas famílias, e indicam o gênero na produção das imagens: são mulheres, uma classe construída a partir das relações domésticas e familiares.

Figura 21 - Detalhe do mapa de Assa-Peixe com sua frase colocada na parte superior do seu material



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Figura 22 - Detalhe do mapa de Algodãozinho em dois momentos, sua frase e os dizeres que indicam o chamado dos filhos



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Nas representações de Assa-Peixe e Algodãozinho os filhos assumem papéis centrais nos mapas corporais narrados, porque dão voz aos seus *slogans*. As frases foram acrescentadas no início do segundo encontro e são colocadas em locais de destaque, escritas com letras grandes e em caixa alta: “MEUS FILHOS SÃO MEU TUDO”, “A MAMÃE NÃO SE ENTREGA FÁCIL!!”. Para as participantes que são mães, seu papel social precisava estar evidente nos mapas. Algo que interpreto como natural, dado que o corpo e seus movimentos são também produtos sociais.

A verdade do dever feminino indica o seio familiar como espaço particularmente determinante e dependente dos seus cuidados, o que acontece de um modo bastante desigual em relação à dedicação masculina. A estrutura de conformação do mundo social “constrói o corpo como uma realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 2002, p. 17). A diferença biológica e anatômica conferida entre os órgãos sexuais feminino e masculino são vistas como justificativa natural da diferença social dos gêneros (BOURDIEU, 2002).

Durante a realização do segundo encontro, o filho de Algodãozinho queria muito participar²¹, e em decorrência disso chamava-a todo o tempo. Para exemplificar a ausência de descanso e os constantes “chamados” aos quais ela (e outras mães) está exposta, ela representa os gritos do filho como se fossem onomatopéias: “MAMÃE”, “MANHÊÊÊ...”, “MÃE!!!”, “MÃÃÃÃEEE”, “MÃMÃÃÃEEE” (Figura 21).

Mesmo com trajetórias de vida diferentes, as condições sociais de produção do *habitus* feminino é quase homogênea. Destarte, a maneira pela qual as mulheres consomem as práticas promotoras da saúde possui uma lógica específica, resultado das funções impostas a elas: o trabalho, o cuidado doméstico e com os filhos (RIBEIRO, 2017). Essas questões imperam sob as vidas das mulheres como explicitam os discursos abaixo:

Eu arrumo a minha casa sozinha e aí eu faço tudo, arrumo a casa toda. Tudo mesmo, desde que a minha mãe tá precisando de ajuda alguma coisa e aí eu ajudo ela. Jurubebinha

Eu ajudo em casa, eu lavo vasilha sábado e domingo eu sou obrigada. Na semana, eu e minhas outras irmãs revezamos e minha outra irmã ela trabalha aí ela faz almoço toda quinta. Aroeirinha

Então em casa eu faço o seguinte: eu sempre tento manter minha casa muito limpa para não ter esse tipo de problema de todas às vezes eu ter que ficar me desgastando por conta da casa. Eu geralmente durante a semana assim três vezes na semana eu passo uma vassoura na casa, em um dia na semana banheiro e

²¹ Por suas cores e texturas, os materiais utilizados para a realização dos mapas corporais despertavam a curiosidade das crianças. Era preciso despistá-las para que não houvesse sua interrupção durante a realização dos encontros.

uma vez na semana eu tiro para dar uma faxina geral que seria na quinta-feira. Graças a Deus o (eliminação de conteúdo sensível) não janta, porque antes no início quando a gente casou, ele jantava. E pra mim era muito mais complicado porque chegar do trabalho e ainda fazer janta. Ipê

As mães criam os filhos: a menina tem que aprender a fazer comida, lavar roupa, pra ser boa esposa. Ah a menina não pode namorar, meu pai fica assim com meu irmão mais novo “Você vai ter dez namoradas neh?” “Uai pai porque ele precisa de dez namoradas, se ele pode ter uma? E se eu tiver dez namorados?” “Não!” A mulher que tem dez namorados, ela é vadia. Agora se é homem é pegador, manja dos esquemas é assim que eles falam. E é errado isso sabe? Porque que pra mulher é errado e pro homem é certo? Porque que o homem não pode lavar vasilha e a mulher tem que lavar vasilha? Isso me irrita muito. Porque eu não posso ficar cuidando dos meus irmãos come se eles fossem meus filhos. Não é a inversão de papel, mas igualdade de papéis. Falta isso. Jatobá

Aroeirinha conta com a ajuda das irmãs para os trabalhos domésticos, e mesmo aquela que trabalha fora, em seu dia de folga também deve dedicar parte do seu tempo ao preparo das refeições. A participação da mulher no mercado de trabalho explicita a necessidade de reordenação das configurações familiares, contudo ainda recai sobre elas o papel de cuidadoras do lar.

Ipê agradece “a Deus” quando o esposo, após um tempo de casados, abre mão do jantar em troca de um lanche. Afinal, estava difícil para ela trabalhar o dia todo, conciliar as atividades profissionais e ainda ter que cuidar das refeições do marido.

Os discursos demonstram que mesmo as participantes solteiras são obrigadas a se dedicar às atividades domésticas, e sobre seus corpos são impostos a responsabilidade dos afazeres domésticos. A rotina descrita por elas envolve o aprendizado dos cuidados com a limpeza da casa, a preparação dos alimentos e a lavagem da louça.

A partir dos dados é perceptível como se estabelece essa relação: o ciclo se inicia tão logo a menina esteja apta a ajudar a mãe nas tarefas domésticas, ainda na infância, e continua após o casamento. A partir daí os maridos, que recebiam atenção diferente enquanto filhos homens, passam a exigir das esposas a mesma distinção no tratamento que recebiam das suas mães.

O discurso de Jatobá fala sobre o olhar diferente dado aos meninos e como estereótipos de gênero impõem-se durante a criação assumindo que todas as mulheres

são maternais e, portanto, ela deveria cuidar dos irmãos como se fossem seus filhos. Apesar de, por vezes, serem percebidas como condutas ingênuas, é importante notar que os ensinamentos dados às filhas naturalizam o papel subjogado da mulher na sociedade (RIBEIRO, 2017). A participante também questiona porque, ao contrário do irmão, não é encorajada a ter vários namorados e recebe uma resposta categórica “Não”. Porque a mulher que tem vários namorados é uma “*vadia*”. Evidenciando como a desigualdade entre os gêneros afeta negativamente a percepção da mulher em uma sociedade machista.

O *habitus* da mulher é diferenciado segundo o princípio de divisão dominante e faz parte da interiorização da “[...] arte de viver feminina, da boa conduta, inseparavelmente corporal e moral.”(BOURDIEU, 2002, p. 36). Daí a necessidade de dar visibilidade às dificuldades enfrentadas pelas mulheres e seus desafios cotidianos.

A invisibilidade e o silêncio das atividades femininas ditam o ordenamento do mundo social e podem limitar sua inserção nos espaços públicos. Moldado por tais condições, o *habitus* da mulher recebe as percepções sociais. Por conseguinte, a força simbólica confere maior status ao corpo masculino.

Porque a gente sabe que na sociedade que a gente vive tem hora que a gente chega em lugares que se for mulher a gente não é bem recebida. E se tem um homem ali pra ter uma voz ativa isso ajuda demais. A gente passa por isso diariamente, às vezes eu vou em determinados lugares e a pessoa me ignora e aí eu falo com o (eliminação de conteúdo sensível) “Vai lá”. E ele resolve, ou então às vezes ele só chega com a gente e a pessoa já dá atenção que deve ser dada. Porque tem uma presença “Ah elas não estão sozinhas”. Ipê

O excerto de Ipê indica como as mulheres não estão passíveis nas relações de dominação. Ao contrário, existe uma consciência de que os comportamentos machistas existem e as mulheres aprendem a lidar com ele. Contudo, para Bourdieu o *habitus* dominado é convertido em lei incorporada, o autor sinaliza que é ilusório pensar que a violência simbólica pode ser vencida apenas com a tomada de consciência “[...] não são das que se pode sustar com um simples esforço de vontade” (BOURDIEU, 2002, p. 50). Mas para mim, o reconhecimento da dominação

masculina por parte da agente proporciona estratégias de enfrentamento como o simples de ato de ir acompanhada a alguns lugares de uma presença masculina para não ser ignorada e receber atenção apropriadamente.

Os achados indicam que os corpos femininos são determinados socialmente e seu *habitus* é continuamente reforçado e construído em cada agente. As experiências vivenciadas pelas agentes com o seu corpo e a representação que elas lhe dão indicam o espaço social ocupado por cada uma. Nesse aspecto, o olhar social sob a mulher divorciada/separada revelou-se duro:

Eu me divorciei, eu sou separada, tive um primeiro casamento que não deu certo. E aí eu escutei de muitas pessoas, em pleno século XXI, que uma mulher divorciada ia sofrer preconceito. Que uma mulher divorciada não é a mesma coisa que uma mulher que nunca casou. Eu escutei inclusive da minha mãe ela falou assim “Você vai divorciar mesmo?” Eu falei “Vou.” “Você sabe que não é a mesma coisa?” Aí eu falei “Mas eu não posso viver uma vida infeliz”. E na verdade, te falar a verdade, existe mesmo. Algodãozinho

Mas nessa época eu passei muito aperto, que eu tive muita dificuldade, acho que você não viveu isso. Aí era assim eu perdi meu emprego e quando eu chegava nos locais pra procurar um emprego que apresentava o meu currículo e eu falava que eu era divorciada e que eu tinha um filho, aí não podia. Que a mulher se ela fosse separada ela já perdeu o valor. Se ela tivesse com uma criança nem trabalhar ela podia. Então foi a época mais difícil que eu passei. Carobinha

A mudança na condição de casada provoca na vida da mulher variações que vêm agregadas ao preconceito e a ideia de que após o divórcio ela será desvalorizada, como um produto de segunda mão. Essa representação da mulher após a separação é tão antiga quanto a união matrimonial em si. No Brasil, a lei nº 6.515/77 criada na década de 1970 ficou conhecida como a lei do divórcio, e regularizava a situação jurídica dos descasados, coincidindo com a eclosão do movimento feminista no mundo (GITAHY; MATOS, 2007). Apesar de trazer conquistas como a desobrigação da mulher de portar o patronímico do marido, a chefia da sociedade conjugal continuou pertencendo ao homem (GITAHY; MATOS, 2007).

A fala das participantes revela que pouco mudou daquela “*época*” para a atualidade. Mesmo não sendo do mesmo grupo geracional elas relatam dilemas similares: a mulher divorciada é tratada com pesos e medidas diferentes pela

sociedade, sendo alvo de críticas da moral familiar dominada pelos valores patriarcais. Essa é uma das formas de desqualificar a mulher, que sendo percebida de maneira diferente pelos outros agentes, pode ter dificuldade de manter seu sustento e conseguir trabalho, como lembrou Carobinha.

Assim, confirma-se o postulado de que a separação afeta o *habitus* feminino que não apenas sofre na luta sobre o capital simbólico como também pelo seu capital econômico, com menores oportunidades de inserção no mercado de trabalho. Além dos custos envolvidos na terceirização do cuidado da mãe trabalhadora: creches, escolas, e outros. Esse contexto amplia a desigualdade de tratamento de gênero diminuindo o poder social e o bem-estar material das mulheres.

A dominação masculina se perpetua e permanece por meio de diferentes fatores e recebe aporte das estruturas históricas, sobretudo dos textos sagrados como a Bíblia (BOURDIEU, 2002). O discurso de Copaíba indica o impasse enfrentando em romper com essa lógica e assumir sua autonomia para tomada de decisão:

Pra mim chegar numa separação sendo uma pessoa cristã eu tive que me basear na Bíblia também, e aí foi onde eu comecei a entender que eu podia me separar. Porque muitos pastores pregam que não pode separar, e aí eu fico vendo muitas pessoas infelizes. Eu tomei as minhas decisões, eu penso, eu analiso, eu estudo. E aí você vai estudar e tudo mais e no decorrer do meu divórcio, da minha separação eu fui vendo o tanto que Deus cuida, o tanto que ele ia me mostrando. Se eu te contar você chora. Mas eu não sei se a palavra certa seria preconceito entende? Porque eu não ligo pro que as pessoas falam, se eu tive essa consciência acabou. Mas eu me sinto incomodada quando eu estou na igreja e pregam sobre casal, que tem que manter casada. Copaíba

O momento de ruptura do relacionamento exigiu dela uma percepção que passou antes de tudo pelo conhecimento do próprio corpo, e promoveu a reflexão para a tomada de decisões. A conduta dos pastores a que se refere Copaíba é a expressão da legitimação e reconhecimento da força de dominação masculina. Paradoxalmente, as respostas para a sua inquietação estavam também na leitura dos textos bíblicos, indicando que a interpretação dos líderes religiosos perpassa não apenas o

conhecimento teórico dos escritos, mas também pelo julgamento moral machista da sociedade na qual está inserida.

Existem outras maneiras das mulheres vivenciarem os conflitos internos originados das censuras inerentes às estruturas sociais instituídas. Muitas vezes “os limites impostos assumem a forma de emoções corporais – vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa-[...]” (BOURDIEU, 2002, p. 51).

Mas eu acho que já está representado que se fosse também eu colocaria uma mulher com criança, não tem homem. Só tem a mulher com criança. Já me falaram se eu tive filho o problema era meu e que ninguém tinha nada a ver com isso. “Ninguém mandou você ter filho”. Carobinha

A materialização da gravidez, circunscrita no corpo feminino, atribui às mulheres o trabalho social de cuidado com os filhos. Os traços dessa dominação instituem sobre elas as obrigações relativas à maternidade. É o que se vê, sobretudo na relação desigual entre homens e mulheres no que tange aos cuidados com o filho. Recai sobre elas a responsabilidade do cuidado de si e da prole, apesar da dificuldade enfrentada em conseguir trabalho para essa classe. Esse fato, que se encontra ratificado no princípio da inferioridade e da exclusão da mulher, se instaura sobre a estrutura do mercado impedindo que elas alcancem os mesmos salários e condições de trabalho que os homens.

Assim, justificados pela naturalização do *habitus* materno, os homens se eximem da responsabilidade com o filho ou mesmo negam a paternidade, como explicitado nos excertos abaixo:

Mas já fui muito discriminada por ter filho nova, então quando eu ia para escola tinha muita gente olhando pra mim de olho torto “Nossa ficou grávida nova”. Eu particularmente tinha muita vergonha, nem queria estudar. Minha mãe que me obrigou “Não, você vai estudar. Você tem que mostrar pra todo mundo que você fez a caçada, mas que você tá aí de cabeça erquida”. Também se privar só porque os outros falam não. E que a vida ela é continua depois da maternidade neh? A vida continua. Mas eu por ter tido filho nova eu aprendi muito porque eu comecei a trabalhar nova, comecei a pegar as maldade da vida nova. A correr atrás dos meus objetivos, porque o meu pai do meu menino ele nunca me deu apoio. Então

eu cuidei dele sozinho praticamente. Eu se eu não corresse atrás meu filho não seria o que ele é hoje. Se eu tivesse deixado de lado. Jequitibá

Eu sempre quis ter três filhos, quatro não. Veio do dia pra noite não teve o que fazer, mas se veio vou fazer o quê? Vou tirar? Claro que não. Já tava lá. Na época meu ex-marido queria que eu tirasse e arrumou uns chá pra mim tomar. Veio porque Deus queria que fosse, é porque ele tinha planos pra esse tanto de menino na minha vida. Então chegou um tempo da minha vida que eu tive que escolher entre meu marido ou eles, e eu não pensei duas vezes em escolher meu filhos. Os meus filhos eu acho que a única coisa que me dá força pra viver é eles. Teve uma época na minha vida que eu lutei e eles deram outro rumo na minha vida. Assa-Peixe

Assa-Peixe e Jequitibá vêm seus filhos serem negados pelos pais, ainda durante a gestação. Essa evidência remete à fragilidade dos vínculos estabelecidos entre os homens e os cuidados com os filhos. O parceiro de Assa-Peixe a oferece chás no intuito de interromper a gestação, uma tentativa explícita de domínio sobre o seu corpo.

Jequitibá, apesar dos olhares discriminatórios é aconselhada por outra mulher (sua mãe) a reconhecer seu erro e se “erguer”. A nova postura permite à participante reconhecer novas situações sociais, e após a maternidade ela começa a entender as “maldades da vida” e a ter motivação para “correr atrás” e prover seu filho. Da mesma maneira, Assa-Peixe enxerga nos filhos novas possibilidades e razão para lutar e viver.

No campo das lutas simbólicas, essas mulheres assumem a imposição do cuidado com os filhos e fazem desta uma oportunidade de transformação positiva. As representações das mulheres sobre a família e os filhos, contrastantes das masculinas, destacam o ponto de vista cultural e social baseado no sentimento e na vivência feminina.

As disposições incorporadas segundo o sexo indicam, de um modo geral, as oportunidades de deter o poder. Por certo, a imposição da vida doméstica e a repressão conservadora se configuram como barreiras para que as mulheres se exercitem. Nesse sentido os Centros Culturais se mostraram espaços potencializadores para a saúde das mulheres.

Ah já teve o caso de antes eu gostava muito de hip-hop e aí teve uma vez que eu fiquei muito fissurada em aprender a dançar hip-hop. Só que eu ouvi falar “isso é dança para homem” falei “Mas eu não vou desistir porque é algo que eu gosto”. Eu acho assim, que as pessoas às vezes elas não sabem o que elas falam. Jurubebinha

Mas antes eu ficava com muita vergonha eu tinha um pouco de receio em fazer. Eu ficava com vergonha meu marido falava “Deixa de ser boba, tem um tanto de mulher que faz”. Aí eu fui vendo que as meninas faziam também aí eu fui perdendo a timidez aí eu fui fazendo. Jequitibá

Nas práticas corporais analisadas percebi a ampliação do direito de acesso à promoção da saúde, mais condizentes com a rotina das mulheres, por exemplo: funcionamento noturno, atividades para adultos e crianças. A possibilidade de desmistificar práticas masculinas também proporciona às mulheres novas experimentações corporais e a descoberta do prazer por meio das práticas corporais.

A descentralização de equipamentos de acesso à cultura promotores do movimento configura-se como um importante passo para ampliar a participação feminina em espaços da vida pública (RIBEIRO, 2017). O que facilita não só a dedicação às práticas corporais, mas também o estabelecimento de novas relações com a cidade e o espaço urbano.

Observando os grupos percebi mulheres e homens sendo tratados da mesma maneira, a socialização não envolvia desigualdade de distribuição entre os gêneros. Apesar de sincronizadas com o mundo social por intermédio do *habitus*, a relação entre os participantes é harmônica. Acredito que um espaço de bens públicos, onde as mulheres se sintam seguras para exercer suas corporalidades tacitamente contribui para a construção de novas hexis corporais femininas.

6.3 O visível e o invisível na metafísica dos corpos femininos: assédio e estupro

E eu era igual àqueles homens? Era. Com não terem mulher nenhuma lá, eles sacolejavam bestidades. – “Saindo por aí”, – dizia um – “qualquer uma que seja, não me escapole!” Ao que contavam casos de mocinhas ensinadas por eles, aproveitavelmente, de seguida, em horas safadas. – “Mulher é gente tão infeliz...” – me disse Diadorim, uma vez, depois que tinha ouvido as estórias. Aqueles homens, quando estavam precisando, eles tinham aca, almiscravam. Achavam, manejavam. Deus me livrou de endurecer nesses costumes perpétuos. A primeira, que foi, bonita moça, eu estava com ela somente. Tanto gritava, que xingava, tanto me mordida, e as unhas tinha. Ao cabo, que pude, a moça – fechados os olhos – não bulia; não fosse o coração dela rebater no meu peito, eu entrevia medo. Mas eu não podia esbarrar. Assim tanto, de repente vindo, ela estremeceuzinha. Daí, abriu os olhos, aceitou minha ação, arfou seus prazeres, constituído milagre. (Guimarães Rosa, 1956, p.237-238).

Sob a égide da poética de Guimarães Rosa inicio essa subcategoria, um dos maiores dilemas que enfrentei na construção deste trabalho. Primeiramente, porque eu não estava preparada para escutar os relatos de estupro e assédio que aqui trago. A coleta de dados sempre se centrou nas práticas corporais, condições de vida e saúde e eu não imaginava que essa temática poderia emergir. E depois porque, ser mulher e escutar histórias de mulheres sobre violência sexual é, no mínimo, perturbador.

Superada a revolta e a perplexidade (como pesquisadora e mulher) surgiu a dúvida: agregar ou não estes dados à tese? Não trazê-los seria negar o compromisso ético-político da pesquisa²², entendendo que as falas evidenciam algo que afetou (e afeta) o corpo destas mulheres. Outra questão importante também se apresentou: se o pequeno universo dessa pesquisa foi capaz de revelar estes dados tem-se um indicativo da sua força e relevância na saúde das mulheres. A minha preocupação foi que não

²² Os dados também proporcionam a reflexão sobre a ética em pesquisa e o envolvimento entre pesquisadora e agentes pesquisados. Nesse sentido, ressalto que não fui intrusiva e os dados revelados emergiram naturalmente durante os encontros, e por iniciativa das participantes. Os desdobramentos dos relatos respeitaram a vontade das mulheres, por se tratarem de casos antigos permaneceu entre elas a vontade em manter o sigilo.

dar luz a este tema pudesse de alguma maneira favorecer a sua normalização. Sendo assim, optei por trazê-los e dar voz a essas três mulheres.

Simultaneamente, entendo que os relatos podem causar constrangimento às participantes, o que também não seria justo. Então, busquei remover das narrativas vestígios que pudessem revelar suas identidades, bem como não vincular nenhuma imagem dos mapas corporais. Aqui, elas receberam novos nomes, são histórias vivenciadas por Azálea, Amarílis e Alteia:

Azálea

Eu adoro cor, eu sou uma pessoa que ama cores. E essa pessoa (aponta para o mapa corporal) é completamente diferente de mim. Só que eu me escondo atrás das cores, minha mãe falava que eu me escondia atrás das pinturas de cabelo. Aí eu me escondo. Se eu te contar a história você vai chorar. Eu me soltei muito rápido, queria crescer muito rápido. É que eu tive que assumir querendo ou não, muitas responsabilidades. Meu filho não foi fruto de amor, foi fruto de estupro. Foi um amigo da família do meu pai que me estuprou, e aí eu engravidei. Quando eu descobri a gravidez eu já estava com mais de quatro meses. Aí eu contei pra minha mãe. Quando eu contei a primeira vez, a história pra minha mãe ninguém acreditou porque como ele era amigo da família, era policial, não poderia acontecer. Aí minha mãe me obrigou a ir atrás dele, ela queria que ele assumisse o filho. Eu não aceitei. E também não dei queixa, por que ninguém acreditou. Eu optei por ter meu filho, ele não tinha culpa do que aconteceu. E eu não ia tirar porque quando eu descobri já tava com quase cinco meses, ele já estava formado. E eu fiquei com ele até quando Deus quis. Eu amei o meu filho o máximo que eu pude, o máximo mesmo, já que Deus não permitiu que ele ficasse comigo. Ele foi embora. Mas eu também não via ele como uma coisa. Um ano depois minha mãe descobriu que era verdade, porque ele tentou me estuprar de novo. Aí ela acreditou, mas já era tarde. Eu já tinha meu filho e eu não consegui rejeitá-lo. Porque ele não era culpado, ele não era culpado. E eu resolvi que não aceitaria que ele assumisse. Não aceitei mesmo não, não aceitei nada. Ele quis registrar, mas eu não aceitei. Fui com a cara e a coragem sozinha. E eu não via o pai nele não. Então foi muita coisa. Como eu te falei, eu cresci muito rápido, mas não cresci porque eu quis. Então me escondia atrás das coisas, como pintar o cabelo. Eu me camuflava para esconder as coisas, como uma forma de superar aquele trauma. Assim, eu creio em Deus. Eu já fui católica, minha mãe era católica e a gente segue a religião da mãe. Quando o meu filho morreu eu perdi a fé em tudo. Porque por mim tinha sido Deus que tinha tirado meu filho de mim, e eu não entendia que não era. Com o passar dos anos eu entendi que ele tinha entrado na minha vida com um único propósito: porque antes eu era uma pessoa muito ruim, eu era uma menina de um coração muito duro. Eu era ruim mesmo, eu acho que eu só amava só minha mãe não amava mais ninguém. Não era

aquela menina que abraçava, que dava um beijo, eu era uma pessoa muito desligada. Eu era ruim. Minha mãe falava comigo “Você vai sofrer por causa desse jeito ruim seu” se eu pudesse atrapalhar a vida de alguém da minha família eu ia lá e fazia sem dó nem piedade. Uma vez meu irmão me pegou e me deu bateu demais, a mulher dele traiu ele eu fui lá gravei e mostrei para ele. Eu era ruim mesmo. Aí o meu filho veio para mudar meu coração. Pra eu aprender a ser gente, ele pôs amor na minha vida. Depois que ele nasceu eu aprendi a amar. Aí eu aprendi a ter um coração mais brando, mais bom. Abrir o coração para vida. Então meu filho veio para mudar isso em mim, e eu demorei a entender que foi Deus que tirou ele de mim. Hoje em dia eu acredito muito nesses negócios de revelação, que Deus fala com a gente. Um dia eu fui na igreja e uma mulher falou comigo pra mim abrir os olhos que Deus estava falando comigo e eu estava ignorando ele. Aí eu fui e mudei. Hoje em dia eu não tenho uma igreja ou uma religião específica eu vou de vez em quando na igreja. Essas coisas, depois que eu fiz tratamento, que eu passei pelo psicólogo eu aceito. Igual eu falei, ele foi um anjo na minha vida. (eliminação de conteúdo sensível) Vou desenhar ele no mapa porque ele pra mim foi um renascimento. Eu sinto muita falta. Muita, muita. Eu fico imaginando, o meu menino mais velho é muito parecido com ele, mesmo não sendo filho do mesmo pai. Mas parece demais. Então eu fico olhando pro meu mais velho eu penso “Será que ele seria assim?” Agora o mapa tem mais cor. Agora eu estou me vendo. Ficou bacana, bonita. Porque tá com cor.

Amarílis

A prática²³ foi algo positivo, porque antes eu tinha uma barreira, e hoje eu sou mais aberta a conversar com mulheres, porque eu acho que me entendem melhor. Em relação ao medo dos homens, acho que eu já sofri muita coisa na infância. Eu já sofri, vamos dizer que um abuso. E foi uma pessoa próxima, muito próxima. Foi meu primo, sobrinho da minha mãe. E até hoje eu não consegui contar pra ela. Até hoje é um segredo, eu era muito nova, eu tinha por volta de uns 14 anos. Eu acho que o que o que era mais difícil é que eu ainda era muito infantil nessa época, eu era muito criança. Eu era e não era jovem, porque eu não era tão jovem pra esquecer. Têm jovens que já tem filhos nessa idade, mas eu não queria saber de nada a não ser brincar de boneca. E aí isso acabou com a minha infância. Em reuniões de família, ou coisas assim eu preferia ficar sozinha do que ter que conviver com ele. Ninguém sabia de nada, mas sempre vinha aquela sensação de que todo mundo estava me olhando e que eu tinha feito alguma coisa de errado. E só eu tinha feito algo de errado. Eu poderia ter falado com a minha mãe, mas eu acho que ela não acreditaria em mim. Eu estava sem ninguém. No cotidiano em geral, é um desafio, é muito difícil lidar com isso, mas eu vou enfrentando assim. A prática me ajudou a superar isso, porque hoje eu consigo expressar tudo o que eu sinto. Ainda assim eu não larguei a boneca.

²³ Substituí o nome do grupo por “prática”, para tentar ocultar a qual deles a participante pertence.

Alteia

Eu saio muito cedo pegar ônibus, e eu só acho um pouco ruim os horários, porque daí é perigoso. Já aconteceram algumas situações que não foram muito agradáveis. Na avenida que eu pego ônibus tem uma fábrica, de roupa se não me engano. E aí já aconteceu de um rapaz que trabalha lá, ele começou a tirar fotos minhas, assim na cara dura. Sabendo que eu estava olhando para ele. Eu estava sozinha, não tinha ninguém. Não tinha como pedir socorro, eu não sabia qual era a intenção dele. Mas eu sei que ele tava tirando foto porque no momento que eu olhei para ele que ele viu que eu estava vendo o que ele estava fazendo ele rapidamente fechou o portão, se ele não estivesse fazendo nada demais ele não teria tido essa atitude. Já aconteceu muitas vezes também, não só quando eu venho para cá, mas em qualquer lugar. Eu não entendo isso de homem mexer, principalmente mais velhos, sabe? E dizer coisas desagradáveis tem uns que dá vontade de sair correndo atrás e bater. Nossa Senhora! Por que é ridículo o que eles fazem, ainda mais que eu sou muito jovem ainda, eles não tem noção das coisas que eles falam. Coisas desagradáveis mesmo, eles te tratam de forma desrespeitosa. Já aconteceu de um cara de moto parar, e até então eu achei que ele só tava querendo informação de uma escola, mas eu não conhecia a escola. E daí ele foi e tirou a genital dele para fora e começou a balançar na minha direção. Eu nem imaginei que ele poderia fazer uma coisa dessa, na mesma hora eu fiquei sem reação. Eu saí gritando porque eu não tinha o que fazer e é ruim porque a gente não acha que essas coisas vão acontecer com a gente. A gente nunca sabe como reagir. Depois você pensa “Eu poderia ter feito isso, ou isso.” Não, não é assim que funciona. Na hora você não consegue fazer nada. E a partir daí que você começa a ter consciência de que muitas vezes algumas coisas acontecem com outras pessoas, coisas mais graves. E a gente pensa “Podia ter feito aquilo, podia ter feito isso, podia ter pedido socorro.” Mas a gente não tava perto da pessoa. Porque quando é com você, você também fica traumatizada. E é isso que dá liberdade para esses caras fazerem esse tipo de coisa, tratarem as mulheres como nada, como coisas, objetos sexuais. Que eles podem fazer o que eles quiserem e tá tudo bem. Porque eles são homens eles acham que eles nasceram para poder fazer isso. Que eles podem fazer isso e muitas vezes é a mulher que é julgada, falam “Ah mas olha a roupa que você tá vestindo.” Como assim que roupa que eu tô vestindo? O que a minha roupa tem a ver com o que ele fez. Quem mexeu comigo foi ele. E é isso que me fere muito, saber que mesmo que a gente cresça tanto financeiramente e tecnologicamente essas coisas relacionadas ao ser humano, o social ainda tem muito, muito que se resolver. Quando as famílias começarem a criar seus filhos igualmente para eles crescerem e virarem homens de bem e ver que as mulheres não estão abaixo, nem acima deles, elas devem estar do lado. E elas devem ser tratadas como tal e não como objetos. Quando essas coisas começarem a ser colocadas na cabeça das crianças, porque é de criança que a gente aprende, tudo vai mudar. Aí sim as pessoas vão começar a ser diferentes. Até então eu não tenho esperança nenhuma.

Azálea e Amarílis resgatam histórias de estupro, em ambos os casos cometidos por pessoas próximas à família. A violência sexual implica em importantes questões de saúde para as mulheres, que além das óbvias consequências psicológicas também estão expostas a possíveis traumatismos genitais, extragenitais, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez, caso de Azálea. A chegada do filho *“fruto de estupro”* a surpreendeu, e a descoberta tardia fez com que ela descartasse o abortamento. Neste cenário desfavorável, ela encontra forças para amar seu filho e relata alegria com sua chegada. Esse fato dialoga com os achados da categoria anterior. Infelizmente, o filho de Azálea morreu antes de completar dois anos, segundo ela em decorrência de muitas hospitalizações e *“problemas de pulmão”*.

Em outra perspectiva, o discurso de Amarílis é marcado pelo sentimento de uma criança que teve sua infância abreviada pela violência. Apesar de se sentir *“infantil”* ela não era jovem o suficiente para esquecer o fato ocorrido.

Há também o relato de Alteia, onde o assédio por duas vezes a fez se sentir em perigo nas ruas da cidade. Das três mulheres, é possível apreender o medo e a impotência. Sinais que remetem ao campo das relações de poder e gênero. As histórias também convergem quando analisadas pelo prisma da vulnerabilidade, de tal maneira que as vítimas não possuíam um ambiente seguro para denunciar o crime, mesmo no núcleo familiar: Amarílis não teve coragem de contar, e Azálea foi desacreditada.

A dominação masculina ajuda a compreender a força deste discurso, evidenciada pelo medo e pela negação das mães das participantes. Pode parecer contraditório que a subjugação das mulheres seja reproduzida por outras mulheres, mas o monopólio dos homens posiciona o corpo feminino em um lugar passivo. Princípios que são facilmente identificados nos discursos: a desconfiança da mãe que não acredita na revelação da filha (Azálea), a vergonha de ir aos encontros familiares e encontrar o agressor (Amarílis), o olhar discriminatório proferido à vítima (Alteia).

O ato de possuir sexualmente é uma manifestação de submissão ao poder que é *“na maior parte das vezes pensado pelos homens com a lógica da conquista”* (BOURDIEU, 2002, p. 29). A gestação que Azálea é obrigada a assumir sozinha evidencia como a distinção do sexo na biologia humana opera como um fator de

legitimação natural dessa relação de dominação, uma vez que o fruto da fecundação se implanta no ventre feminino, não no masculino. Esse entendimento literal, de que o filho é “propriedade da mulher” dispara uma série de construções simbólicas no tecido social provocando transformações que impactam na vida das mulheres a curto e longo prazo.

A essência hierarquizada do gênero encoraja, mesmo entre as próprias mulheres, a culpabilização das vítimas em circunstância das roupas que estaria usando, do local, se estava sozinha ou acompanhada. Enfim, comportamentos que facilitariam ou incitariam o homem, incapaz de conter seu instinto viril. Ou no discurso de Alteia “[...] dá liberdade para esses caras fazerem esse tipo de coisa, tratarem as mulheres como nada, como coisas, objetos sexuais.”

A análise revela que o assédio impacta nas possibilidades de circulação da mulher no espaço urbano, que deve levar em conta acessibilidade das vias, iluminação, transporte público e mesmo o zoneamento urbano (RIBEIRO, 2017). Nesse sentido, retomo a importância da descentralização de espaços para práticas de atividades físicas e exercícios de cultura corporal facilitando o acesso das mulheres.

É evidente que a violência sexual não se restringe às análises de gênero e da antítese masculino-feminino, contudo não pretendo obliterar essas discussões. Os discursos apresentados dão pistas de como o *habitus* feminino é construído e como os traços de dominação imprimem marcas perduráveis sob os corpos.

A distinção social entre homens e mulheres estimula práticas que convém a cada sexo. O *habitus* feminino é moldado por práticas como brincar de boneca, cuidados com a casa, e a ter comportamentos como ser tímida, conter sua opinião, falar baixo, assentar-se com as pernas cruzadas, condutas que simbolicamente encorajam os instintos maternos e o espaço doméstico (BOURDIEU, 2002).

No grau de determinação dos processos de saúde-doença as determinações de gênero são tão importantes quanto a estrutura social, assim como os determinantes socioeconômicos, políticos e culturais (BARATA, 2009). Não apenas por afetar o espaço singular dos corpos, mas por perpetuar desigualdades e injustiças sociais. Nesse sentido, a naturalização de práticas na topologia do corpo feminino é revestida

de significação, conformando o *habitus* das agentes. As participantes falaram sobre como se dá a apreensão do mundo social no espaço dos corpos, e as suas arbitrárias divisões.

O abismo entre dominador e dominado se alarga no próximo capítulo. Os discursos sobre raça entoam as distinções entre os agentes em função da cor dos corpos.

CAPÍTULO 7

“NEGUINHO, ENCOSTA!”: INIQUIDADE ÉTNICO-RACIAL E A DISTINÇÃO DO NEGRO NO BRASIL

Agora, eu sirvo a razão de meu compadre Hermógenes: que este homem Zé Bebelo veio caçar a gente, no Norte sertão, como mandadeiro de políticos e do Governo, se diz até que a soldo... A que perdeu, perdeu, mas deu muita lida, prejuízos. Sérios perigos, em que estivemos; o senhor sabe bem, compadre Chefe. Dou a conta dos companheiros nossos que ele matou, que eles mataram. Isso se pode repor? E os que ficaram inutilizados feridos, tantos e tantos... Sangue e os sofrimentos desses clamam.

(Guimarães Rosa, 1956, p. 374)

7 “NEGUINHO, ENCOSTA!”: INIQUIDADE ÉTNICO-RACIAL E A DISTINTIÇÃO DO NEGRO NO BRASIL

Este capítulo apresenta as iniquidades raciais emolduradas pelo racismo. São expressas as relações de dominação indicando a conformação do *habitus* nos corpos negros. As determinações sociais da saúde invocam questões relacionadas a crenças e valores culturais, bem como padrões de comportamento social (PASSOS NOGUEIRA, 2009). Reitero que, estudar práticas corporais no contexto brasileiro exige o reconhecimento do contexto histórico e cultural deste país. Dentre os construtos sociais necessários para compreensão dos níveis de saúde da nossa população, as iniquidades étnico-raciais têm se mostrado relevantes principalmente por seu impacto nos níveis de “[...] educação, saúde, renda, acesso a empregos estáveis, violência ou expectativa de vida” (JACCOUD, 2008, p. 131).

A etnia é definida principalmente por características socioculturais, hábitos e costumes de um grupo ou população (BARATA, 2009; LAGUARDIA, 2007). Não existe respaldo científico ou biológico para a distinção de raças humanas. Essa noção está ligada a estereótipos, traços físicos externos e características fenotípicas dos agentes como cor da pele e olhos ou textura dos cabelos, entre outros (BARATA, 2009; KABAD; BASTOS; SANTOS, 2012).

No campo dos determinantes da saúde destacam-se as doenças e agravos prevalentes na população negra:

[...] que podem ser agrupados nas seguintes categorias: a) geneticamente determinados – tais como a anemia falciforme, deficiência de glicose 6-fosfato desidrogenase, foliculite; b) adquiridos em condições desfavoráveis – desnutrição, anemia ferropriva, doenças do trabalho, DST/HIV/aids, mortes violentas, mortalidade infantil elevada, abortos sépticos, sofrimento psíquico, estresse, depressão, tuberculose, transtornos mentais (derivados do uso abusivo de álcool e outras drogas); e c) de evolução agravada ou tratamento dificultado – hipertensão arterial, diabetes melito, coronariopatias, insuficiência renal crônica, câncer, miomatoses. (BRASIL, 2007, p. 29)

Os agravos decorrentes das condições de vida desfavoráveis da população negra suscitaram meu olhar quando a raça despontou dos dados empíricos. Durante a finalização desta tese, completaram-se 131 anos da abolição da escravatura no Brasil. Transcorrido mais de um século, o discurso racista ainda faz parte do cotidiano dos negros e continua estruturado principalmente na afirmação da superioridade racial branca (JACCOUD, 2008). Este contexto deve ser considerado na compreensão das relações de dominação e repressão bem como, o usufruto da riqueza social (BARATA, 2009).

A presente categoria apresenta situações que indicam a trajetória social dos agentes e as escolhas e possibilidades sistemáticas que compõem os estilos de vida e configuram distintos *habitus* na população negra. E mais especificamente, como a distribuição dos capitais cultural e econômico condicionam diferentes comportamentos nos corpos negros (BOURDIEU, 1979).

7.1 Determinantes da saúde da população negra: um olhar sobre o racismo

Os condicionantes sociais da saúde da população negra são mediados pelo racismo (BRASIL, 2007). Embasado numa ideologia de inferioridade, o racismo manifesta-se por práticas discriminatórias de indivíduos e/ou instituições, e é ratificado pela distribuição desigual de poder (BARATA, 2009). A desvantagem no acesso a bens materiais e simbólicos estão enraizadas nas iniquidades étnico-raciais (BRASIL, 2011).

Em um de seus últimos escritos, Bourdieu faz uma reflexão sobre a perversidade do racismo brasileiro que, segundo o autor, está camuflado às sombras do multiculturalismo (BOURDIEU; WACQUANT, 2002). Mesmo reconhecendo os negros descendentes de escravos como base da formação da nação brasileira, a democracia racial não passa de um mito (BOURDIEU; WACQUANT, 2002). Assim,

o “racismo à brasileira” é negado e dissimulado, embora persista no interior das relações sociais.

Presente nas diferentes camadas sociais, o racismo reafirma-se cotidianamente e sustenta-se por meio do *habitus*. Quando questionados sobre episódios de discriminação ou preconceito, os participantes trazem à tona discursos que evidenciam como a classe negra percebe o racismo.

Na verdade, hoje é até mais fácil de falar porque sempre acontece inclusive até hoje. Por causa da cor da minha pele. A primeira vez que eu lembro foi numa abordagem policial. Tava indo comprar pão e aí os policiais me abordaram dizendo a seguinte frase: “Nequinho, encosta!”. Aí eu fui perceber que o problema não era eu ser um possível suspeito de alguma coisa - era eu ser negro. Porque ele iniciou a frase identificando qual era o meu problema “Nequinho, encosta!”. Depois disso foi mais fácil de aprender a lidar. Ao entrar em lojas os seguranças já vem atrás, e por aí vai. Amaro Leite

Uma vez eu tava na fila esperando o ônibus da escola. Eu tava conversando com um menino, aí tinha uma menina atrás de mim e ela falou “Nossa que macaca”. Aí o diretor falou “Do que você chamou ela?” Só que eu não tinha escutado. Ele falou “Você quer processar ela?” eu “Não, eu não escutei. Isso não me afeta” Acabou que eu deixei. Quando eu era pequena me zuavam, olhavam de lado. Talvez as próprias pessoas negras falavam de mim pra tipo enturmar com os amigos, essas coisas. Mas isso nunca me afetou não. Aroeirinha

No geral mesmo eu nunca cheguei a sofrer no sentido de brigar, de discutir, de virar uma coisa baixa, vamos dizer assim. É tipo um preconceito, é igual as pessoas falam que é aquele pior que é aquele preconceito subentendido. Que a pessoa fala que não tem e tem. É nesse estilo, e aí eu já sofri todos, por exemplo: ter o cabelo cacheado e ser negro, por ser gay, por ser artista, por ser publicitário. Eu acho que a gente sofre todos os tipos de preconceito, por tudo. A maioria eu não levo muito em consideração não, mas assim o que mais incomoda é a questão religiosa. As pessoas me cobram muito que eu tenho que ser cristão. Não sei porque a maioria pensa dessa forma. E sabe qual que é o pior de tudo, eu não tenho medo da opinião das pessoas o que eu mais tenho medo hoje é da agressão física. Ou então, não só religião, mas todas as opiniões das pessoas vem muito agressivos, que o outro é gay ou a filha é sapatão quer brigar, quer matar. Então muitas vezes eu acabo não opinando, eu levo muito em consideração o grupo que tá me ouvindo pra falar. Se eu vou falar ou não, se eu vou dar realmente a minha opinião ou ficar na imparcialidade. Então, no geral o que eu mais tenho medo e que me deixa mais recluso diante do preconceito é justamente essa questão agressiva. Buriti

As falas reúnem casos de como ocorre a estigmatização dos negros no Brasil em razão da cor da pele. Os discursos evidenciam que os estereótipos raciais são usados como justificativa para um comportamento discriminatório. Além de afetar o nível das relações pessoais há uma desqualificação da atenção dispensada aos negros. É o caso de Amaro Leite que é perseguido por seguranças em lojas, mas ele aprendeu que o seu “*problema*” não é a sua conduta, mas a “*cor da sua pele*”. Ou de Aroeirinha que, ainda criança é chamada de “*macaca*” por outra criança na fila do ônibus escolar.

Destaca-se que num primeiro momento os participantes relatam suas vivências e em seguida dizem que “*aprenderam a lidar*”, “*não os afetou*” ou “*não levam em consideração*”. Assim, a maneira dominante como o discurso racista é estruturado garante que ele seja socialmente normalizado.

Em verdade, acredito que ignorar ou aprender a lidar com esses episódios é a maneira encontrada por esses agentes de garantir a existência social, uma forma de resistência. Estratégias que fazem parte do *habitus* do negro brasileiro, que tem em sua gênese a luta contra as péssimas condições de vida, de trabalho e das diversas formas de violência às quais foram historicamente submetidos (BRASIL, 2007).

Se por um lado existe a resistência, de outro há o refinamento do discurso racista, o racismo “*subentendido*” que para Buriti é o pior tipo. As formas de racismo existentes no Brasil já deram origem a diferentes teorias, dentre elas a de que o racismo aberto e agressivo estaria dando lugar a manifestações menos evidentes de racismo, que desafiam as normas sociais de maneira mais imperceptível (CAMINO et al., 2001).

O racismo *mascarado*²⁴ no Brasil se respalda em critérios de raça imprecisos tais como traços físicos, textura dos cabelos, forma dos lábios e posição social (BOURDIEU; WACQUANT, 2002). Contudo, neste estudo os agentes foram capazes de recordar momentos nada sutis, pelo contrário, se configuram como uma forma explícita de racismo.

²⁴ Grifo dos autores.

[...] e fora isso eu passei muitos anos da minha vida tinha dread né então questão de cor, questão de raça, estilo vida. Então assim muitas vezes de entrar em loja, de chegar em um estabelecimento e as pessoas ficarem me olhando, me viquiando. Por causa do cabelo, por querer ter uma identidade. E muitas das vezes essa identidade que você acredita às vezes não é um padrão de um Ronaldinho, de um Neymar, que ele qualquer coisa que fazia tá bonito porque tem dinheiro. Nem tudo que eu faço tá bonito, questão financeira assim. A sociedade impõe um limite de beleza, um limite de padrão que ela engessa todo mundo. Que tá na mídia, tá na moda e se você não se adaptar aquele padrão automaticamente você sofre discriminações. Taiuiá

A fala de Taiuiá indica como as características associadas à cultura negra, como o *dread*, são alvo de comportamentos discriminatórias. Não obstante, o participante cita duas celebridades do esporte que, graças ao capital econômico, conseguem ditar padrões de moda. Para ter uma “*identidade*” o negro precisa ser rico. Apesar de o futebol ter sido um esporte de ascensão social e econômica dos negros, a ideologia racista no esporte ainda é dominante (SANTOS TC, 2014). Por exemplo, ainda que os negros representem a maior parcela entre os jogadores, eles ainda são pouco representados entre os técnicos e diretores de clube.

O discurso também evidencia a dupla determinação que atua sobre o corpo negro, que além da distinção étnico-racial é alvo do preconceito por sua condição socioeconômica e sua classe social. Partindo da premissa de que no Brasil a maioria dos pobres é negra, a condição da pobreza opera como uma naturalização do racismo (JACCOUD, 2008).

Ao compartilhar suas histórias, os participantes também falam do racismo entre os agentes negros. É possível resgatá-lo na fala de Aroeirinha “*Talvez as próprias pessoas negras falavam de mim pra tipo enturmar com os amigos, essas coisas [...]*” e em um novo excerto de Amaro Leite:

E as coisas que eu já sofri, os primeiros foram muito dolorosos, mas depois foram superados. Porque eu comecei a enxergar que eu também sou assim então ficou mais fácil passar por isso. E minha mãe, por exemplo, ela nunca parou pra me dizer “Ó Amaro Leite você é negro. Prepara para o mundo que você é negro”. Eu aprendi sozinho isso, que eu era negro (risos) e que eu corria o risco de passar por essas coisas. Se tratando de um preconceito não tem mais de onde tirar força. Eu me coloco no lugar das outras pessoas: se eu tivesse do outro lado

da rua o quê que eu ia fazer se eu estivesse no lugar delas e olhasse pra mim? Que infelizmente esse é um sentimento que nós não temos controle, não dá para controlar. Amaro Leite

O que esses participantes revelam é que o racismo existe também no discurso do negro. Amaro Leite se coloca no lugar do outro para interpretar a sensação de risco e afirma que esse sentimento não é controlável. Para compreender esse processo é preciso regatar em Bourdieu o conceito de *habitus* como estruturado e estruturante (BOURDIEU, 1977). Como estruturado o racismo atua sobre os corpos negros carregado da sua historicidade. E como estruturante se reproduz socialmente, mesmo entre os negros.

Assim, prevalece a ideologia da classe branco-dominante. O pensamento do mundo social, no campo das relações reproduz a estrutura de classes que servem de fundamento para julgamentos tanto éticos, quanto estéticos no corpo negro (BOURDIEU, 1979).

A complexa relação entre as desigualdades sociais em relação a grupos étnicos deve ter em vista as múltiplas determinações que atuam sobre os agentes: a posição social que ocupam, o acesso a bens e serviços e mesmo o gênero, que apresento a seguir. A população negra encontra-se submetida a condições de vida mais difíceis.

7.2 Raça e gênero: interseccionalidades

Eis que da discussão sobre a dominação surge um pensamento: se a vida dos negros em si é difícil, e se à associarmos à condição de gênero? A situação da mulher negra é diferente dos outros agentes sociais, porque ela está exposta a opressões sociais de todas as ordens (RIBEIRO, 2016). Nessa perspectiva, emerge do discurso feminista o conceito interseccionalidade.

Pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, mas sim de modo indissociável. (RIBEIRO, 2016, p. 101)

Esse elemento merece ser discutido tendo em vista que a mulher negra tem suas condições de vida marcadas por múltiplos determinantes, sendo evidenciado em seus corpos as estruturas de dominação.

A negra pelo pouco que eu vivenciei, eu percebi que ela sempre foi usada só sexualmente, nada duradouro. Isso tem uma questão muito forte. Não existe democracia racial no Brasil. É porque anos atrás foi construído a ideia de que ser negro é horrível. O problema é que do jeito que a gente foi colonizado a galera é acostumada copiar demais o lá de fora. A gente evoluiu sem procurar entender a nossa história. E a gente é influenciado pela maneira que fomos construídos. Imburama

O excerto de Imburama explicita os reflexos da historicidade na redução da mulher negra a objeto sexual, evidenciando que as negras tendem a ser confinadas ao espaço da subalternidade, um lugar de difícil ruptura (RIBEIRO, 2017). A ideologia dominante acompanha a trajetória das negras desde a colonização, e a subordinação do corpo feminino aparece como uma marca segregadora. A participante reconhece a posição social que ocupa e sabe explicar suas origens.

As desigualdades se acentuam nesse grupo e sobre essas mulheres também se constroem estereótipos e violências simbólicas importantes (RIBEIRO, 2017). Às sombras do modelo estético da mulher branca as relações entre as mulheres negras e seus corpos foram ilustradas pelas participantes:

Antes eu deixava ele liso, que eu sempre tive meu cabelo cacheado e eu comecei usar liso. Porque antes, se você usasse o seu cabelo assim você era zuada na escola. Antes eu fazia selagem aí depois eu comecei a usar ele assim (natural). É muito difícil você fica(...) sabe? Eu até chorava, parecia que não passava o tempo. Até hoje eu ainda estou na transição. Aroeirinha

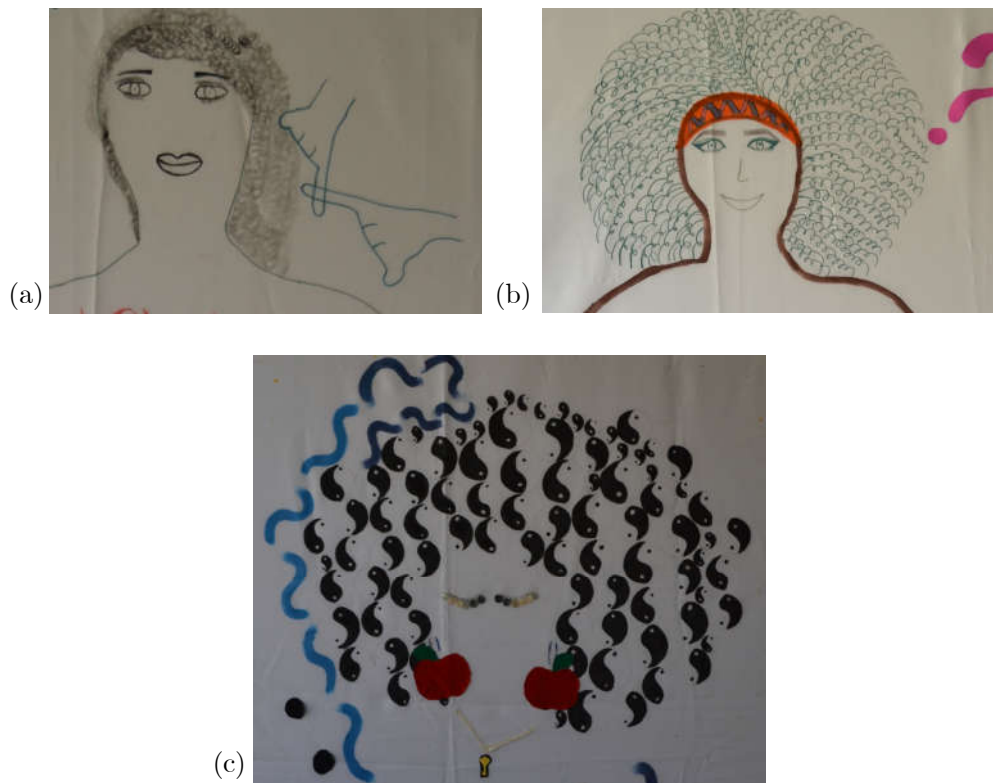
Eu já sofri questão de raça, por causa de cabelo. E olha que eu nem sou das mais negras, imagina quem é. Tudo que é associado ao negro parece que as pessoas entendem que é ruim: galinha preta, o corvo, o gato preto. E isso é muito forte. O meu superamento veio muito com o cabelo, eu hoje dou muito valor ao meu

cabelo porque ele abriu oportunidade pra eu mudar por dentro. Porque a minha vida é dividida em duas partes: a parte que eu sou alisada, que eu quero ser aceita pela sociedade e ser branca. Só que eu não posso ser branca. Eu quero ser uma branca no corpo de uma negra. E a parte que eu me liberto disso, eu quero voltar com o cabelo cacheado e aí acontece uma série de coisas dentro de mim que eu entendo que eu sou negra, que eu sou linda maravilhosa e que eu tenho que continuar assim. Jatobá

É possível evidenciar como a estética negra é depreciada, associada o algo ruim. Essa visão resulta na busca pela aparência branca produzindo mudanças temporárias ou permanentes na hexis corporal, que de acordo com Jatobá “*quer ser branca no corpo de uma negra*”. A tentativa de adquirir o corpo ideal representado socialmente evoca o corpo alienado, desconexo de si (BOURDIEU, 1977). A negação do próprio corpo ou das suas características fenotípicas hereditárias altera para sempre a relação da agente com a percepção da própria vida. Viver em uma sociedade racista provoca efeitos estressores crônicos que promove o desejo por mudanças nos corpos e conseqüentemente no estilo de vida (BARATA, 2009).

Ao longo dos encontros os participantes tiveram autonomia para desenhar os cabelos, e maioria das mulheres optou em fazê-lo. Para as negras essa oportunidade foi usada para reforçar seus traços (Figura 23).

Figura 23 - Detalhe das representações dos cabelos de: Jaborandi (a), Aroeirinha (b) e Jatobá (c)



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

A valorização dos traços naturais promove o resgate à cultura negra e uma possibilidade de reconhecer o seu corpo. Ao retomarem o poder das próprias características corporais, as mulheres negras contribuem para modificar também suas relações com o capital social. Os padrões institucionalizados são difíceis e dispendiosos de serem mantidos: os alisamentos exigem horas no salão de beleza, são caros e por vezes implicam na utilização de produtos tóxicos e prejudiciais à saúde.

Assim, esta ruptura mostra novos caminhos para as mulheres e o prazer na experimentação da liberdade promovida pelos cabelos naturais. Apreciar a beleza singular dos seus corpos é encontrar um novo jeito de re (existir). Estes traços, Aroeirinha frisou ao narrar seu mapa pela última vez²⁵:

²⁵ A narrativa completa encontra-se no capítulo dos resultados.

A história é uma menina negra, afro que gosta muito de dançar. E para ela, ela se sente livre quando ela dança faz com que o seu corpo transpareça o que somente os corações estão sentindo. [...] Aroeirinha

É interessante pensar que a participante iniciou a narrativa do seu mapa com a história de uma “menina negra, afro” evidenciando a importância da interseccionalidade gênero/raça para compreensão dessas agentes. A reafirmação da beleza negra e o compartilhamento dessas novas identidades estabelecem conjunturas favoráveis ao bem-estar das mulheres negras. E desta maneira determinam caminhos mais igualitários para esse grupo social.

As mulheres negras vitimadas pelo racismo e pelos preconceitos de gênero têm sua vulnerabilidade agravada (BRASIL, 2007; RIBEIRO, 2016). Para Bourdieu (1977), o corpo é um produto social cujas propriedades distintivas devem-se às condições sociais. Observo que os corpos negros são hierarquicamente classificados de maneira diferente e esses efeitos são sentidos pelos agentes. Pensando nos contextos sociais e nos os espaços ocupados pelas agentes percebe-se as intersecções entre as categorias raça e gênero.

7.3 Possibilidades: promovendo o regaste da cultura negra por meio das práticas corporais

Nesse estudo, as duas práticas corporais analisadas apresentam uma diferença essencial: a capoeira é uma prática naturalmente associada à cultura negra, enquanto a dança tem suas origens técnicas ligadas à cultura branca. Assim, observa-se nos participantes da capoeira a necessidade de lidar com os preconceitos e estereótipos relacionados à prática.

Esse processo, essa discriminação, quando eu vou para a capoeira ela estava presente. Porque minha família muita gente não concordava de eu praticar capoeira muitos falaram que era coisa de marginal, de vaqabundo. Não

concordavam. Eu lembro que um primo meu uma vez me falou “Ah você vai dar aula de capoeira, vai arrumar um serviço, vai arrumar um emprego, isso não é trabalho”. Taiuiá

Você indica a capoeira pros seus amigos? Indico, mas assim ainda tem muita resistência neh? Por exemplo, eu tive muita resistência dos meus pais. Principalmente da primeira vez que eu fiz. Tanto que no meu batizado num foi ninguém da minha casa. Meu pai e minha mãe não gostavam. Bem tradicionais assim. Por que você era mulher será? Eu acho, mas eu acho também que tem mais a ver com (pausa longa) Com preconceito mesmo? Com preconceito. Algodãozinho

Aí esses dias a minha menina chegou perto dela e falou “Ah tia eu tô fazendo capoeira” aí ela olhou dentro do carro e viu os instrumentos o atabaque, o berimbau. Ela olhou assim com aquela cara. A gente tava todo de branco né? Aí ela olhou assim. Porque ela é uma senhora, então ela não sabe o que é capoeira. Então ela “Como é que funciona isso aí?” Falei “Não, (eliminação de conteúdo sensível) é uma luta, e tal.” Ela ficou meio assim, que ela é evangélica né? Aí eu falei “Não, a gente não bate tambor não.” Falei com ela “Fica despreocupada, capoeira não tem nada a ver”. Aí fui e mandei um vídeo pra ela, mandei da luta. Aí que ela foi vendo o quê era capoeira. Mas até então, ela, por ser uma pessoa mais velha ela achava que capoeira era macumba. Sei lá, pessoa que bate tambor. Não conhece a cultura. Então a pessoa acha que é aquilo ali então as pessoas se engana. Mas muitas das vezes, às vezes a gente sai de casa assim todo de branco aí o pessoal já começa a olhar meio assim só que não tem nada a ver. Às vezes a gente sai daqui e vai numa padaria comprar pão e as pessoas já começa a reparar. Mas é o tipo da coisa que o preconceito tá na pessoa. Mas elas não procuram saber o quê que é. Mas até a pessoa entender que o ser humano ele julga. Ele não procura saber o porquê, prefere julgar do que procurar saber o que é realmente. Jequitibá

Para Taiuiá, a capoeira está intimamente associada à discriminação, tendo em vista que desde os seus primeiros investimentos na prática ele foi desaconselhado pelos seus familiares. Situação similar viveu Algodãozinho que, hesitante, preferiu usar o termo “*resistência*” para se referir à percepção dos pais e amigos sobre a capoeira.

A descrição de Jequitibá evidencia como os instrumentos (o atabaque, o berimbau) e a indumentária branca, são alvo de rejeição ao serem relacionados a “*pessoa que bate tambor*”²⁶.

²⁶ A participante usa a expressão popular para designar genericamente as religiões afro-brasileiras como o candomblé e a umbanda.

A capoeira já foi proibida (e perseguida) nos espaços sociais, pois era associada à vadiagem dos grupos negros (PAIVA, 2013). No governo de Getúlio Vargas, a prática foi descriminalizada e folclorizada, mas num processo que buscava desaffricanizá-la (MELLO, 2002). Para esportizar a capoeira e ampliar a sua aceitação, foi preciso colocá-la nos moldes da classe branco-dominante. Este processo modificou algumas simbologias da prática privilegiando a lógica da cultura branca, o que contribui com a reprodução das ideologias de classe (BOURDIEU, 1989).

A redução da capoeira a uma prática marginal é parte importante da representação da imagem do negro na sociedade brasileira. A exclusão da cultura negra constitui uma das formas de manutenção da ordem social, a permanência do *status quo* da classe branca “[...] é a transformação da dimensão fundamental da personalidade social que a hexis corporal pela transformação das condições sociais que a produzem” (BOURDIEU, 1977, p. 124).

Mesmo com o esforço dos seus praticantes em divulgarem as dimensões técnicas da capoeira como prática de luta e esporte, ela ainda é associada à malandragem. Assim, os discursos não apenas evidenciam a realidade vivenciada pelos participantes, como legitimam o poder simbólico dominante.

Mesmo após o seu branqueamento, a capoeira ainda sofre pelo desconhecimento e a sua associação aos elementos da cultura afro-brasileira (PAIVA, 2013). Porém, desvincular a capoeira desses elementos seria negar sua historicidade. Ao explorar as estruturas culturais das práticas os agentes produzem novos *habitus*:

Um símbolo que vem na minha mente, não seria necessariamente um símbolo. Mas o que a capoeira represente para mim e que eu vim buscar com ela. Eu estudei muito sobre o movimento negro, e a capoeira é uma espécie de luta desses povos que vieram pro Brasil. E isso me traz uma imagem de luta. Dos interesses que eu tenho como pessoa, como indivíduo. Seria uma forma de me ligar com alguma coisa sagrada, eu ainda não sei o nome. Já me falaram Deus, várias coisas, mas eu acredito muito não. Mas acredito que seja algo maior. E a capoeira ela trás isso, com a música. Gosto bastante de música, percussão, tambor eu gosto muito do som do tambor, gosto muito de tocar. Não toco quase nada, mas eu tive oportunidade de tocar aqui no segundo dia então isso me pegou muito que eu gosto demais de música. Aí é uma das coisas que me ligou e eu escolhi aqui por causa da energia, da galera ser muito boa. Do pessoal ser bem

liqado, interagem bem entre si, a gente sabe que cada um tem seus problemas, mas aqui as coisas se desenvolvem em torno da capoeira. Imburama

Eu perguntei pra ele porque que as pessoas remetem à capoeira na religião afro e se isso realmente faz sentido. Aí ele me explicou que normalmente as pessoas fazem referência por causa da origem, mas a capoeira em si não tem religião. Então mesmo assim, por causa da referência de quem trouxe a capoeira, de onde veio das possíveis origens da capoeira. E sempre me remete a isso, a uma religião afro. Aí eu lembro de orixás, de candomblé talvez por causa dos instrumentos também. Então não me vem à mente um símbolo em si não, mas sempre isso e música. Musicalidade. Buriti

Figura 24 - Detalhe do mapa de Imburama com a representação do punho cerrado erguido no ar.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Imburama procura a capoeira regional por relacioná-la ao movimento negro e à luta dos negros escravizados. Ela inclusive representa o punho cerrado (Figura 24), símbolo de enfrentamento e resistência, em seu mapa²⁷.

Para Bourdieu a resistência pode ser alienante e a submissão pode ser libertadora, trata-se de um paradoxo de difícil escapatória:

Acho que essa é uma contradição insolúvel: é uma contradição que está inscrita na própria lógica da dominação simbólica, mas as pessoas que falam de “cultura popular” não querem admiti-la. Tal é o paradoxo dos dominados, e não há escapatória. De fato, é mais complicado ainda, mas creio que isso já é suficiente para embaralhar um pouco as categorias simples, em particular a oposição entre resistência e submissão, com as quais se costuma pensar essas questões. A resistência situa-se em terrenos muito diferentes do terreno da cultura em sentido estrito - onde ela nunca é obra dos mais despossuídos, o que testemunham todas as formas de “contracultura”, que, como eu poderia mostrar, supõem sempre um determinado capital cultural. E ela adquire as formas mais inesperadas, a ponto de permanecer quase invisível para um olho cultivado (BOURDIEU, 1987, p. 184).

²⁷ O punho cerrado erguido no ar se tornou símbolo da resistência e luta negra graças aos atletas negros Tommie Smith e John Carlos. Durante as olimpíadas de 1968 eles se manifestaram silenciosamente no pódio pelos direitos civis e contra a discriminação racial (PETERSON, 2009).

Contudo, discordo do autor e sustento a ideia de que ao reivindicar-se da condição de dominado e se apropriar da cultura, são construídas reflexões sobre a relação dominante-dominado. Evidenciado, por exemplo, nos elementos que são rechaçados pelas frações dominantes por sua possível ligação junto à religião afro, como os instrumentos musicais, mas são valorados pelos praticantes da capoeira.

A capoeira se define por todo seu contexto histórico-cultural, assim fazem parte da hexis corporal dos capoeiristas a música e mesmo a ginga tão aclamada nos corpos negros (PAIVA, 2013). E estes saberes são compartilhados por outros participantes.

Eu tô tentando fazer um sol aqui. Porque eu acho que aqui a gente faz a noite, mas eu vejo a capoeira como um o exercício muito ativo. E eu acredito que historicamente os negros deveriam talvez fazer muito sobre o sol. Assim, sempre. Não sei se tem algum fundo histórico, mas de alguma forma eu tenho essa impressão. Até porque na nossa cultura é bem forte. São duas coisas que combinam muito, o sol na cabeça da pessoa e um chão de terra. É o ambiente em que eles viviam quando foi inventado. Bacupari

Figura 25 - Detalhe do mapa de Bacupari com a representação do sol e do chão.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Apesar do grupo treinar à noite, Bacupari tem em seu imaginário o treino no chão de terra e sob o sol, perspectiva que o participante acredita condizer com a origem da luta entre os escravos (Figura 25). O resgate dos elementos da história negra é perceptível, ainda que a capoeira regional tenha sido “embranquecida” em decorrência da esportização (FRIGEIRO, 1989; MELLO, 2002).

A prática ainda mantém presente os elementos da cultura negra e a musicalidade que junto aos movimentos acrobáticos torna-a plural e lúdica (MELLO, 2002). Com menor frequência, mas com igual relevância, o grupo da dança também trouxe elementos ligados à cultura negra:

Toda vez que eu saio para dançar, e que é algo muito especial, eu costumo colocar um lenço no meu rosto que cobre exatamente essa parte aqui. É como os bandidos do faroeste usavam. Mas não é por causa disso. Na época das grandes lutas entre negros e brancos nos Estados Unidos que até contribuiu para o surgimento de Martin Luther King as pessoas cobriam o rosto. Eu não sei se era uma forma de vergonha ou se era uma resistência. Mas eu acho isso muito marcante. Eu costumo fazer isso em memória. O próprio Michael Jackson costumava sair dos shows sempre coberto. E a luta dos negros ela é uma luta louvável. Que eu acho que agora elas são meio exagerada qualquer coisa o negro se vitimiza. E aí eu olho muito a história, porque esses negros eles tiveram motivos para se vitimizar e ainda lutaram pelo que eles acreditaram, e são grandes exemplos. E eu costumo usar o lenço aqui também que representa as lavadeiras. Mulheres tanto da região norte na época da colonização do Brasil como as americanas que eram os responsáveis por lavar as roupas dos senhores, elas usavam lenço para não cair fio de cabelo roupas nos as roupas dos senhores. Aí um grande rapper americano chamado Tupac ele também usava e ele fazia menção à bisavó dele que foi uma escrava nos Estados Unidos e ela costumava usar isso. Amaro Leite

Figura 26- Detalhe do mapa de Amaro Leite



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Se eu tivesse que escolher a dança que eu mais gostaria de fazer é a dança afro. Mas como não tem eu acho que é a dança urbana. Mas eu nem sei se melhor que o contemporâneo. É que o contemporâneo tem muita técnica essas coisas, mas

tem muita sensação que eu gosto. Mas eu gosto mesmo é das danças afro. Aroeirinha

É notória a produção e reprodução de discursos sobre a cultura afro-brasileira nos corpos dos participantes. A incorporação do *habitus* reflete a importância do reconhecimento da historicidade do discurso étnico-racial no Brasil. Amaro Leite menciona os célebres negros norte-americanos Martin Luther King, Michael Jackson e Tupac como exemplos para a estética que ele busca representar em sua dança. O lenço cobrindo o rosto (Figura 26) são uma homenagem à luta entre brancos e negros, às lavadeiras brasileiras e americanas do período colonial. Assim, os traços e comportamentos de uma cultura são transmitidos à outra com certa naturalidade.

Aroeirinha, por sua vez, anseia poder aprender danças afro junto ao grupo. Apesar de ainda não fazer parte do escopo de danças do grupo analisado a participante manifesta vontade de conhecer a modalidade.

Existe o espaço do corpo individual e o espaço das relações, subordinado às relações entre os agentes, a dominação e a produção econômica “[...] no interior de cada um dos subespaços, os ocupantes das posições dominantes e os ocupantes das posições dominadas estão ininterruptamente envolvidos em lutas de diferentes formas” (BOURDIEU, 1989, p. 153).

Os achados revelam a singularidade dos participantes, mas também evidenciam como as interpretações históricas compõem o *habitus* em cada um dos corpos. Assim, vão sendo intrinsecamente incorporadas novas formas de “sociabilidade das classes e etnias” (PAIVA, 2013, p. 100). A possibilidade de compartilhar saberes e histórias da cultura negra entre os grupos promove a aceitação da historicidade negra na formação das corporalidades. Se a luta travada pelos escravos se deu principalmente no plano físico, hoje os agentes buscam a resistência no plano cultural.

CAPÍTULO 8

TRANSCENDENDO OS LIMITES DAS PRÁTICAS:

O CORPO-CIDADÃO

Entendi aquele valor. Amizade nossa ele não queria acontecida simples, no comum, sem encaço. A amizade dele, ele me dava. E amizade dada é amor.

(Guimarães Rosa, 1956, p. 215)

8 TRANSCENDENDO OS LIMITES DAS PRÁTICAS: O CORPO-CIDADÃO

Previamente, foram analisados os determinantes intermediários na saúde dos participantes. Neste capítulo, busquei realizar uma análise dos dados entendendo que a promoção da saúde exige sobre si um olhar transversal. A articulação entre os corpos individuais na composição do corpo coletivo explicitaram as relações entre os agentes e os espaços e indicando caminhos para a cidadania.

Ao analisar práticas circunscritas no campo da cultura me encontrei com novos territórios. Nesse sentido, percebo que a organização das cidades tem importante significância na saúde das pessoas indicando a necessidade de assegurar acesso à práticas e aos espaços promotores do consumo de hábitos e comportamentos saudáveis.

Eu também acho tipo assim que o ambiente que eu vivo ele prejudica bastante a minha saúde. Não depende só de mim, é o jeito que a cidade é planejada essas coisas. É o jeito que a sua casa é construída, a sua interação com a sua cidade também mexe muito a saúde. Tanto psicológica tanto física, da pessoa. Imburama

O excerto de Imburama demonstra a relação entre a saúde e a cidade, evidenciando como se transpõe a relação entre o corpo, a saúde e o ambiente físico. A participante conduz uma discussão sobre como a conformação das cidades deveria considerar ambientes favoráveis, o direito à moradia digna e o acesso a dispositivos públicos de qualidade. Esse entendimento é imprescindível para entrelaçar os dados empíricos aos macrodeterminantes estruturais relacionados às condições econômicas, culturais ambientais e de acesso aos bens e serviços.

Nesse sentido, os participantes indicam que as práticas corporais são acessadas graças à capilarização dos centros culturais.

Muitas comunidades que às vezes precisam. Pra deixar as pessoas felizes, é uma forma de ajudar pessoas. No momento, eu não trabalho eu só estudo. Então isso é uma coisa que eu gosto muito, a única coisa na minha vida que eu amo fazer. Eu nem sabia que tinha Centro Cultural aqui, a minha amiga que falou que tinha aula de balé. E eu gosto de dançar. Eu sempre tive muita vontade de fazer aula de balé quando era mais pequena, mas eu não pude por causa das condições financeiras da minha mãe. Aí quando surgiu essa oportunidade falei eu tenho que ir lá. Eu gosto, eu amo dançar. Aroeirinha

Eu gosto de dançar desde pequena só que eu nunca tive condição financeira pra poder fazer uma aula. Porque é muito caro, não tinha como e a minha madrinha a filha dela fazia aula de dança já há algum tempo e aí ela ficou sabendo que eu gostava muito de balé e que eu queria fazer e ela falou que tinha estava abrindo aulas aqui no Centro Cultural e que eu podia vim pra poder ver se eu não conseguia entrar. Eu já tinha passado da idade para poder entrar para fazer aula só que a (eliminação de conteúdo sensível) falou “Ah vamos ver o quê que dá. Deixa ela entrar.” Aí eu vim comecei a fazer aula e foi onde eu conheci. Jatobá

Ambas as participantes falam que a descoberta das aulas de dança no Centro Cultural lhes permitiu a realização de uma vontade alimentada desde a infância, mas condicionada às dificuldades orçamentárias. Essa possibilidade evidencia o impacto do acesso à cultura na vida dessas agentes, e mais especificamente na possibilidade de ação sobre os corpos por meio das práticas corporais.

As dificuldades em decorrência das condições financeiras me levaram a questionar criticamente as chances de se dedicar a uma prática em contextos socioeconômicos desfavoráveis. Nessa lógica, causou-me estranhamento que a renda não aparecesse durante a análise dos dados.

Importante aspecto das análises tradicionais de determinantes sociais da saúde, a renda indicada pelos participantes no início do primeiro encontro variou de R\$ 7.000,00²⁸ a zero (entre aqueles que estão desempregados e vivem de trabalhos temporários, sem a certeza se haverá renda no próximo mês). Mesmo com uma variação tão grande, porque a renda não foi mencionada mais vezes?

É preciso pensar que em uma estrutura socioeconômica capitalista há uma espécie de despolitização dos problemas sociais. Sendo, portanto, estimuladas novas ordens políticas com menor participação do Estado e “redução da cobertura social e

²⁸ Aproximadamente 7,7 salários mínimos, à época da coleta de dados.

aceitação da generalização da precariedade salarial como uma fatalidade, inclusive, um benefício.” (BOURDIEU; WACQUANT, 2002, p. 17). Como explica Bourdieu, o reconhecimento das estruturas econômicas objetivas é maior entre os detentores das rendas mais elevadas. Assim, entre os dominados é mais raro reconhecer que as chances de possuir bens estão associadas à estrutura e não ao esforço individual (BOURDIEU, 1979).

Aliás, essa perspectiva é consoante ao enfoque reducionista do modelo biomédico, que culpabiliza o “sujeito” sobre os processos de saúde. O que explica parcialmente a perspectiva de saúde percebida nos corpos individuais (vide capítulo 5).

Dessa forma, os participantes que não são capazes de frequentar a prática em decorrência do trabalho, as dançarinas que só na adolescência foram capazes de realizar o sonho e iniciar as aulas de dança. A hexis corporal revela que a renda impacta nas possibilidades de participar das práticas corporais e as condições socioeconômicas irrompem como categoria silenciosa.

Ainda assim, existe um esforço por parte dos participantes em permanecer nas práticas, mesmo com os dilemas cotidianos. A vivência nos Centros Culturais me mostrou que os agentes constroem dimensões que transcendem ao aspecto morfofuncional e fazem referência à dimensão da vida, tais como o compartilhamento de ideias, o saber ouvir, negociar e realizar ações em prol do coletivo. Esses valores foram enaltecidos na primeira revisão da PNPS:

I - a solidariedade, entendida como as razões que fazem sujeitos e coletivos nutrirem solicitude para com o próximo, nos momentos de divergências ou dificuldades, construindo visão e metas comuns, apoiando a resolução das diferenças, contribuindo para melhorar a vida das pessoas e para formar redes e parcerias;

II - a felicidade, enquanto autopercepção de satisfação, construída nas relações entre sujeitos e coletivos, que contribui na capacidade de decidir como aproveitar a vida e como se tornar ator partícipe na construção de projetos e intervenções comuns para superar dificuldades individuais e coletivas a partir do reconhecimento de potencialidades; [...] (BRASIL, 2015, p. 26).

A desnaturalização da história das doenças e a introdução dos riscos sociais aos modelos mais complexos de saúde coletiva aproximam o campo da saúde às ideias de cidadania e democracia (CARVALHO, 1996). Nos espaços analisados as práticas envolvem os agentes tratando-o como *corpo-cidadão*²⁹.

Eu acho que, que é um pouco do que a gente tava conversando agora, por exemplo, me trazer esse universo humano (fala da capoeira) De relacionar com pessoas então talvez aí fugiria do físico neh? Porque fisicamente não é tão expressivo pra ser representado não. Mas sentimentalmente é bem expressivo. Mas o meu intuito mesmo é compartilhar, conhecer o pessoal, ficar mais próximo da arte, da cultura, da música. Buriti

Eu danço porque é bom, por que é algo que me ajuda lidar com as dificuldades da vida. É algo que é real. Copaíba

Nos espaços públicos, os grupos precisam ser capazes de produzir movimentos e gestos, mas que acontecem numa relação de cumplicidade. “O mesmo se pode pensar da cidadania, que apenas se cumpre globalmente quando localmente é exercida.” (PAIS, 2005, p. 58).

Para mim, o corpo-cidadão é o corpo que escolhe realizar práticas corporais e, simultaneamente, assume o compromisso de dialogar com esses espaços e nele estabelecer vínculos.

O que é positivo é de ter um espaço como esse, com uma estrutura física, com condição de oferecer não só a capoeira, mas outras coisas. De ter um espaço que a comunidade possa chegar e ocupar. De ter um lugar que é um ponto de lazer. Então isso eu acho importante. E o negativo são políticas que eu acho que atrapalha muito. Taiuiá

Uma mensagem pra galera pensar: seja a capoeira, que vai para além de um treino em um lugar fechado. A comunidade, que sou eu. Eu sou a minha cidade, a cidade sou eu. Imburama

E aí abriu nossos olhos, pra gente repensar se mantém isso como a nossa pensava e outra a gente encarava isso como algo que contribui pra cidadania, pro social. E aí no ano passado a gente encarou. Só tinha aula de balé para criança e não tinha aula de dança contemporânea e aí a gente resolveu encarar isso de frente a “Esse trem é nosso vamos fazer direito”. E aí sim eu entrei com a dança urbana, a Ipê entrou com a dança contemporânea. As criancinhas, as meninas, elas começam com o balé e elas vão crescendo elas têm oportunidade

²⁹ Faço uma interpretação do termo, utilizado por Pais (2005).

de, ou ir pra dança contemporânea, ou pra dança urbana avançada. E a comunidade daqui ela é muito carente, ela pensa muito em comida e saúde. Então eles achavam que (o Centro Cultural) ia dar cesta básica, como um CRAS que ia ser um posto e tal. Então a comunidade ela não se interessou, é complicado é um desafio. Amaro leite

É evidente a importância dos espaços na composição das práticas corporais. O corpo-cidadão ocupa os espaços da cidade para se dedicar a atividades que proporcionam o lazer e produzem o prazer. Dimensões que são intermediadas pela saúde e pela cultura.

Como representa o discurso de Amaro Leite, dispositivos culturais nem sempre são vistos como uma necessidade pelas comunidades. Esse dado não é encontrado apenas neste estudo, a maioria dos brasileiros considera como maiores prioridades a saúde, educação, proteção contra o crime e a violência, e melhores oportunidades de trabalho (IPEA, 2013). E consumimos conforme as nossas condições sociais. Não há dúvidas sobre qual é a prioridade se for realizado um paralelo entre a urgência do consumo alimentar *versus* equipamentos culturais. Assim, entre os mais pobres as prioridades giram em torno das oportunidades de trabalho, os consumos alimentares, o acesso à água potável e o saneamento.

A questão que coloco é: até quando a cultura pode assumir papel secundário no campo das políticas públicas? Em um dos Centros Culturais uma placa colocada na entrada assegurava àqueles que por ali passam que “*Todas as atividades ofertadas são gratuitas*”, incluindo espetáculos e cursos. É como se não fosse crível a existência de um espaço que oferecesse programação cultural de qualidade “*gratuitamente*”³⁰. Um relato frequente dos gerentes e coordenadores à época do mapeamento era da constante necessidade de divulgar o espaço, mesmo para aqueles que residem no entorno.

Em ambos os grupos, os adultos jovens são os públicos majoritários e sua presença nos espaços é constante. Presenciei encontros entre esses participantes que acontecem em pequenos grupos, antes e/ou depois das práticas. São momentos em

³⁰ Evidentemente levo em consideração que todos os cidadãos contribuem com os espaços públicos por meio do pagamento de impostos diretos e/ou indiretos.

que eles desfrutam da companhia uns dos outros e conversam sobre temas cotidianos. Há também o usufruto de outras atividades ofertadas pelos Centros Culturais tais como cursos de idiomas, aulas de violão, peças teatrais.

Nesse sentido, os espaços favorecem a afirmação de identidades individuais tanto no plano da expressão corporal, como dos sentimentos e da realização pessoal (PAIS, 2005). A reafirmação do corpo singular é mobilizadora na medida em que expressa o direito do agente, pois não há cidadania sem o reconhecimento da identidade do individual (PAIS, 2005). Ou seja, falar de cidadania requer compreender o corpo individual e o corpo coletivo.

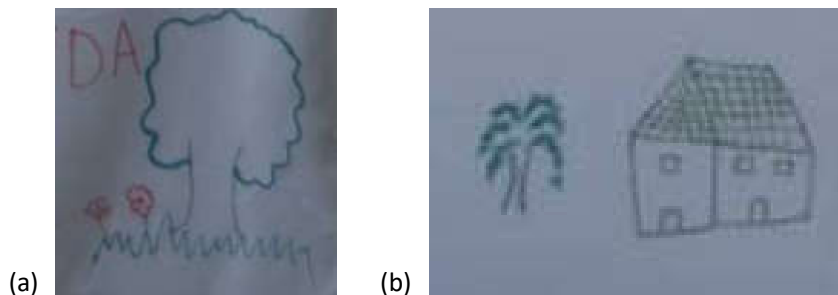
Em meados de 2011 para 2012 a gente começou a trabalhar no nosso primeiro espetáculo (eliminação de conteúdo sensível) que é exatamente sobre o quê o jovem vive hoje neh? Em qual lugar que você quer estar, e a decisão que você tomar em um determinado momento da sua vida, isso pode mudar toda a trajetória da sua vida. E aí a gente começou a descobrir muitas coisas também, o mundo da dança existe, a cultura existe. O Centro Cultural foi o seu espaço que abriu as portas para nós e eu sempre morei aqui, desde pequena. Ipê

De acordo com Ipê o Centro Cultural oportunizou o seu contato com a dança e “abriu as portas” para que ao grupo pudesse conhecer o mundo da cultura. A participante inclusive relembra o primeiro espetáculo do grupo cuja temática versava sobre a juventude e os dilemas vivenciados nessa fase. Ressalta-se a importância de sentir-se representado em uma apresentação artística e da possibilidade de desfrutar dos espaços públicos.

A minha questão com esse espaço aqui Ju, é me sinto em casa, digamos assim. Eu pensei em casa. Eu me sinto em casa e relação assim, uma casa cheia de pessoas. Eu cresci aqui nesse espaço pegando manga, brincando, minha mãe mora aqui na rua do centro cultural. E eu participei do orçamento participativo para construir esse espaço e quando construiu inaugurou tipo no sábado na segunda eu vim dar aula e isso há dez anos atrás. E nesses dez anos a minha questão com esse espaço e a comunidade é uma coisa muito louca, mas assim eu cresci aqui muitos alunos que passaram aqui foi amigos meus. Hoje eu tô aqui dando aula para filhos de amigos meus, hoje meninos, treinando. Na hora que eu

vou descobrir era filho de alguém que treinou ou que eu conheço então assim minha história, que eu vivi assim sendo construída. Taiuiá

Figura 27 - Detalhes dos mapas Assa-Peixe (a) e Carobinha (b).



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Taiuiá fala sobre relação junto ao Centro Cultural e como se sente em casa, enquanto Carobinha desenha em seu mapa uma casa junto a um coqueiro para representar sua relação com o espaço (Figura 27). Assa-Peixe também escolheu a árvore e as flores para simbolizá-lo. Nesse ambiente, a relação com a capoeira tem passado entre as gerações e os primeiros alunos agora trazem seus filhos e eles participam da vida uns dos outros.

Convivendo com os grupos pude observar que os integrantes mais experientes são constantemente procurados para dar conselhos, não apenas sobre a prática, mas sobre a vida: problemas financeiros, escolha profissional, vida amorosa, entre outros.

Eu vim para trazer eles (os filhos) só para ele participarem. Aí eu o que me encantou foi a (eliminação de conteúdo sensível). Que ela tem uma receptividade muito grande com as pessoas. Então ela ficou faz “Faz, faz, faz”. Então aquilo a primeira aula apaixonei porque é uma coisa que eu tava querendo com os meus filhos neh? Pra família inteira. Assa-Peixe

[...] tinha uma oficina de dança com a esposa do (eliminação de conteúdo sensível) só que não era aqui no Centro cultural e eram vários dias, direto. Aí eu conversei com a Ipê “Eu queria fazer tia, mas não vai dar porque eu não tenho a passagem”. Aí ela deu o cartão dela “Não tem problema não.” Então quer dizer, de uma certa forma, ela tirou do bolso para que vocês conseguissem ir no cartão dela? É. Pequi

O pessoal que me atraiu muito no grupo aqui. Aqui é muito receptivo, é muito família. Que a minha agenda ainda não tava conciliada com as atividades daqui, no dia seguinte eu faltei. Aí acho que foi a (eliminação de conteúdo sensível) que me perguntou assim no meu particular me chamou e falou assim “Olha você sumiu, porque que você não veio?” Falei assim “Que coisa legal eles se importam”. E isso motivou mais ainda em participar. Buriti

Nas práticas se reproduzem valores, e em ambos os grupos é comum que os participantes se autorreferenciem como “família” e, inclusive, utilizem gentílicos para se reportarem aos monitores e professores como “tio, tia, mãe, pai”. O ambiente e os agentes produzem um espaço de trocas colaborativas. Os participantes se sentem à vontade, são bem recebidos e assim as práticas corporais se tornam um encontro aprazível.

A relação estabelecida entre o agente e o ambiente promove a liberdade democrática, a expressão criativa e a possibilidade de transformação das realidades. O conjunto de ferramentas simbólicas e conceituais oferecidas pela cultura gera efeitos sobre o campo social, necessários para o desenvolvimento pleno do cidadão (STANLEY, 2006).

Eu consigo aproveitar mais coisas, igual a gente teve oportunidade de estar participando da aula de inglês que é toda segunda-feira. Tem aula de violão também que a gente pode participar. Vai ter aulas de musicalização, tem muita oficina bacana aqui também que é sobre dança, oficina de teatro. Tem bastante coisa aqui que dá pra aproveitar. É porque assim aqui mesmo que não seja atividade da dança, mas eu me sinto bem em vir pra cá eu gosto muito de vir aqui no Centro Cultural. Às vezes tem uma coisa bacana, e aqui se você pensar tem bastante coisa que eu não consigo pensar na minha casa. Pequi

Pequi indica as possibilidades do espaço e explica como ele tenta desfrutar ao máximo as atividades ofertadas, inclusive para “pensar coisas que ele não consegue pensar em casa”. É importante destacar que a natureza desta interação é relacional, no sentido dos vínculos estabelecidos entre os agentes. A partir daí são construídas bases para a superação de práticas sociais hegemônicas dado que essas relações transformam o cotidiano.

Sob a perspectiva crítica, para além do empoderamento individual, deve-se considerar que essa rede de relações comunitárias atua bilateralmente determinando e promovendo a saúde (BOUTILIER; CLEVERLY; LABONTE, 2000). A discussão sobre o papel do agente em práticas promotoras deve levar em consideração o nível de participação deste agente. Nos casos analisados, o agente disparador identificou no Centro Cultural potencial para a realização de uma prática corporal, ele ou outra pessoa com competência para partilhar os ensinamentos dialogaram com a gerência do espaço e propuseram a prática. De acordo com a demanda e a disponibilidade física a atividade poderá compor a agenda fixa de atividades do CC. Ou seja, todo o processo concentra-se nas mãos dos praticantes com a atuação do Estado centrando-se na concessão do espaço. Assim, revela-se que o êxito nas práticas analisadas se deve, em parte, às iniciativas partirem dos agentes, que conhecem o contexto, os costumes e os hábitos da comunidade.

A complexa construção do empoderamento comunitário perpassa um conjunto de questões que implicam na superação das bases constitutivas da dominação (JACOBI, 2002). É a cidadania articulada ao reconhecimento da diversidade e da construção de uma identidade verdadeira, capaz de incluir os agentes na tomada de decisões principalmente ligadas às suas condições de vida e saúde (BYDLOWSKI; LEFÈVRE; PEREIRA, 2011).

As frases deixadas no mapa no último encontro sintetizam alguns dos sentimentos compartilhados pelos participantes nos encontros:

Corrente (Significa união, pra substituir a frase “estejam sempre juntos”). Buriti

O caminho é árduo mas quando é descoberto verdadeiramente ele nos liberta! Ipê

Quando eu danço, o meu corpo demonstra o que o meu coração e minha mente sente. Não são os ritmos e nem os passos que fazem as danças, mas a alma de quem dança. Então dance, se inspire, se expresse, seja livre. Aroeirinha

Práticas corporais = conhecimento do corpo e reconhecimento dos seus sinais. Bem-estar e prazer. Algodãozinho

*A capoeira e o esporte em geral é um instrumento de inserção social mais eficaz pois o resultado é imediato e as transformações são surpreendentes. **Muito bom, gostei. Foi você que pensou neste texto, ou como que foi esse processo?** Não eu pesquisei. **Você pesquisou e aí achou uma mensagem que você gostou?** Eu fui e emendei a capoeira, na verdade só tinha esporte. Jangada do Campo*

Movimento em forma de dança- Liberdade Experimente. Amaro Leite

Capoeira é uma família, tem união, tem carinho, traz paz pra alma. É uma família que adora receber temos uma mãe linda e de quebra um paizão. Assa-Peixe

Seja Capoeira/Sinta Brasil/Viva Capoeira/ Seja África/ A ancestralidade/ Nas linhas finas de seu abadá/ Os traços negros do nosso país. Imburama

Uma das bandeiras da promoção da saúde é a de que ela pode se desenvolver em diferentes espaços da vida cotidiana. Nesse sentido, as frases deixadas pelos agentes dizem da diversidade das práticas corporais e da sua vocação em despertar: a liberdade, a expressão, o bem-estar, o prazer, a cultura, a sociabilidade. Esse sentimento deve ser valorado, principalmente quando leva-se em consideração que estamos em uma sociedade classista, e a estrutura social é um elemento dinâmico: economia, política, relações sociais e cultura são “inexoravelmente interligadas” (SANTOS M, 2014). Dessa maneira revigora-se a retórica positiva da saúde presente na PNPS que estimula as iniciativas locais, incorporando em seu escopo a cultura, jogos e danças populares.

8.1 Valorização da cidadania: prevenção da violência e promoção da cultura de paz

Se a dificuldade de adesão às atividades físicas pode ser um entrave para o desenvolvimento de ações promotoras (COSTA et al., 2011), por outro lado a realização de práticas corporais baseadas no conhecimento e preferências locais conseguem despertar o agente para algo que é da sua cultura.

Uma das palavras que costumo dizer muito, quando eu vou falar sobre dança é que diferente das danças acadêmicas, você é uma pessoa comum e que acha bonito o balé e que você chega lá e aprende tudo como eles vão ensinar. Do jeito deles e pronto. Já as danças urbanas não basta só você querer aprender, você tem que ter uma identidade você tem que ter um contato, você tem que ter uma afinidade. E isso é essência você tem que se identificar com aquilo, não é só “achei bonito”. Até antigamente era difícil você aceitar uma pessoa rica fazer algo que é de uma cultura isolada, periférica. Então uma das coisas que eu sempre debato é isso, manter essa essência, de que a coisa nossa. Pode ensinar pras outras pessoas? Claro que pode, cultura é livre. Mas se a pessoa não tiver essa essência não vai pra frente. Amaro Leite

Amaro Leite esclarece que a compreensão dos sentidos e significados de uma prática não depende apenas do que for ensinado pelos professores, mas também dos conhecimentos de cada agente aprendiz, sinalizando para a desvalorização das culturas periféricas pelas classes dominantes. Assim, é preciso que a prática faça parte da essência daquelas pessoas. Essa é, inclusive, uma crítica ao disparo de práticas verticalizadas em um país de dimensões continentais como o Brasil. Da mesma forma, deve ser analisado o consumo de práticas ligadas a outras culturas que importam “sistemas exógenos de crença e orientações filosóficas” (SOUZA; LUZ, 2009, p. 394)³¹.

Nesse sentido, resgato que a produção da promoção da saúde é transpassada pela cultura da paz que “[...] consiste em criar oportunidades de convivência, de solidariedade, de respeito à vida e de fortalecimento de vínculos, desenvolvendo tecnologias sociais que favoreçam a mediação de conflitos diante de situações de tensão social [...]” (BRASIL; 2015, p.15).

O estímulo à convivência e o resgate à identidade cultural foram fortemente evidenciados durante o trabalho de campo. A verdade é que iniciei o trabalho de campo, despropositadamente, em um dia de roda de capoeira. E foi um momento único, quando pude perceber a prática corporal em todo seu potencial social. A roda de capoeira é patrimônio imaterial da humanidade desde 2014, e encontra-se inscrita

³¹ Resgato que mesmo ante uma infinidade de práticas ligadas a outras tradições (*Aikido*, *Lian Gong*, *Ioga*, *larutan*, *zumba*, *Hapkido*, *Qi gong*) a capoeira regional foi a primeira a ser elencada para iniciar a coleta de dados e isso não foi aleatório, o meu encantamento com a energia da roda foi um sentimento real e concreto: tratou-se de um momento ímpar na gênese do meu trabalho.

na lista representativa da UNESCO (2016). Reconhecida como lugar onde saberes e habilidades são apreendidos por observação e imitação, a roda também é um espaço de “[...] afirmação de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, além de promover a integração social e preservar a memória da resistência à opressão histórica” (UNESCO, 2016).

As rodas são momentos impressionantes, têm duração média de uma hora. Os participantes jogam e são entoadas canções de capoeira populares entre o grupo sob o fundo musical do atabaque, do berimbau, do pandeiro e das fortes palmas. Tal é a ligação dos participantes com a musicalidade da prática que dentre os nove participantes, sete escolheram representar os instrumentos em seus mapas corporais, alguns mais de uma vez (Figura 28).

Figura 28 - Detalhe dos mapas com as representações dos instrumentos utilizados na roda de capoeira: Bacupari (a), Algodãozinho (b) e Jequitibá (c)



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2017.

Figura 29- Imagem da roda de capoeira do grupo analisado, dezembro de 2016.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2016.

Ao participar da roda de capoeira percebi que não há regras explícitas, porém é como se um código de ética e comportamento nos regesse. Chamaram-me a atenção: que os primeiros a participar sempre são os mais graduados e, se houverem, convidados externos ao grupo; o jogo entre dois participantes não pode ser interrompido exceto caso outro participante da roda queira desafiar um desses; quando percebe-se algum jogador muito cansado ou com grande desgaste é polido se oferecer para entrar em seu lugar; o jogo pode acontecer entre dois jogadores, quaisquer que sejam sua graduação, contudo capoeiristas mais graduados não usam golpes muito avançados ou fortes com os menos graduados. É papel do professor organizar a roda e garantir que todos tenham oportunidade de participar, isso porque a roda é momento onde colocamos em prática os golpes aprendidos no treino.

A energia da roda sintetiza a relação percebida entre os agentes e as práticas corporais. É a ligação dos elementos culturais revelado no *habitus* dos participantes. A estratégia de descentralização dos Centros Culturais utilizada pelo município cenário ampliou o acesso dos agentes a eventos culturais como este, apesar de ainda não serem reconhecidos por toda a população.

Nesse sentido, os achados dizem das possibilidades das práticas corporais como uma escolha para o jovem.

Se eu não fosse um bailarino hoje, eu teria uma certa tendência de estar envolvido na criminalidade por morar em comunidades em que as oportunidades de fazer parte desse mundo são bem mais fáceis. Porém antes de conhecer esse tipo de coisa, a dança veio, ela entrou com uma marca tão forte que eu nem sequer quis conhecer outra coisa que não fosse dança. Isso nos diz que ela é tão importante pra mim. Amaro Leite

Eu fui para a capoeira para poder ter mais status e reconhecimento no meio da turma que eu andava. E nesse processo, eu na verdade entre os 10 anos 12 anos eu comecei a me envolver com torcida organizada e viajar direto com torcida e eu comecei a envolver com brigas e foi quando surgiu o interesse de fazer luta, mas com intenção de usar a luta para briga. Que era meu intuito na época que eu comecei a usar capoeira luta questão de briga assim sabe? E aí foi quando eu fui iniciar na capoeira eu fui com esse intuito com esse objetivo. E acabou que assim, eu fui perceber com o tempo que a capoeira era muito mais do que eu imaginava. Eu não esperava apaixonar com a capoeira. Eu fui pra fazer um mês, eu falei assim “Ó, vou fazer outra luta, outra coisa”, eu achava que a capoeira

não ia dar o resultado que eu queria. E eu fui mais para fazer companhia para um amigo meu e eu fui e falei “Ah vou fazer só mês só” e depois eu vou parar. Que eu tava com vergonha de entrar na academia na época. E foi tão engraçado que na hora que terminou esse mês ele virou para mim falou assim “Nó sua mensalidade está vencendo e tal, infelizmente você vai parar, vai me deixar” e na semana que vem venceu a mensalidade eu falei “Ah fazer só mais um mês”. Aí fui lá e paguei o mês aí esse mais um mês: 22 anos. Acabou que eu não consegui sair. Eu fui entender o processo da capoeira comigo, eu fui entender o porquê da luta. Mas a verdade é que a capoeira ela trabalhava algo em mim que eu precisava muito na época que era limite, disciplina, respeito. Que eram coisas que faltava em mim. E eu entendi que era muito mais que simplesmente jogar capoeira eu comecei a construir um laço de amizade neh? Naquele momento já era muito mais forte para mim o sentimento que eu tava tendo pela capoeira. E foi quando eu comecei a dar continuidade aos treinos e a capoeira, e eu percebi realmente o tanto que eu estava gostando da capoeira. Aí nessa época eu já tinha batizado, já tinha minha primeira corda, empolgado, treinando que eu queria trocar de corda. E é o porquê disso aqui hoje: eu fazendo na vida das pessoas o que a capoeira fez na minha. Que passou um tempo eu comecei a presenciar esses amigos meus envolver com droga, arrastão, já tava fazendo assalto com a mão armada, outros envolvendo cada dia mais, usando droga. Começaram outros que eu vi traficando e esse processo todo eu fui presenciando dentro da capoeira e hoje eu vejo aqui assim que tudo ali teve um tempo, um propósito de Deus na vida da gente. E hoje agradeço muito a capoeira na minha vida. Mas eu falo assim a capoeira me proporcionou no sentido de qualidade de vida que foi não ter me deixado envolver com bebidas, com drogas, as amizade as pessoas que eu tava andando na época e a capoeira ela me direcionou pra uma vida saudável. Não ter envolvimento com droga, bebida. Nunca experimentei nunca pus um copo de cerveja na boca, nada. Eu acho que isso é a capoeira. Taiuiá

Tanto o relato breve de Amaro Leite, quanto o extenso trecho do discurso de Taiuiá falam de um importante aspecto das práticas e de grande relevância para a promoção da saúde: a *cultura de paz*. Em contextos sociais difíceis as práticas corporais foram percebidas como uma alternativa à violência, à criminalidade e ao envolvimento com o tráfico de drogas.

É interessante ver que os participantes apresentam as condições de vida, a ausência de oportunidades e mesmo a falta de escolhas como um determinante para exposição ao risco de violência. Para Taiuiá a capoeira não só oferece um novo caminho como também o direciona para comportamentos saudáveis, mantendo-o afastado da bebida alcoólica e das drogas. Por meio da prática ele descobre um propósito de vida e compreende sua espiritualidade.

A realização de práticas que valoram a cultura fortalece a força comunitária e as relações interpessoais entre os agentes, e indubitavelmente promovem a cultura paz. Nesse sentido, o corpo-cidadão se consubstancia como agente dessa transformação ao agregar elementos como “identidade, pertencimento, conhecimento e participação, pois fazem parte da condição de ser cidadão” (BYDLOWSKI; LEFÈVRE; PEREIRA, 2011, p. 1772).

Destarte, defendo a ideia de que por intermédio da dança e da capoeira é possível iniciar a desconstrução e superar o discurso hegemônico da saúde reivindicando uma ruptura com a reprodução sistemática de ações, evidenciando a importância da valorização dos elementos cultura, lazer e socialização para a continuidade na prática. Constatado que as práticas analisadas impulsionam a saúde como meio, e não como fim em si mesma.

CAPÍTULO 9
À GUIA DE CONCLUSÃO

Nonada.
(Guimarães Rosa, 1956, p.856)

9 À GUIA DE CONCLUSÃO

Com o objetivo de compreender e analisar práticas corporais adentrei no universo da capoeira regional e da dança e fui sorvida por experiências e aprendizados, até o momento inimagináveis para mim.

No nível do corpo, os agentes emitiram percepções higienistas e culpabilizatórias, voltadas principalmente para a mudança individual de comportamentos. Esse achado corrobora com as minhas pressuposições iniciais de que as práticas corporais reproduzem o discurso da prevenção com foco no gasto energético, aliado à alimentação saudável e o consumo de água.

Contudo, numa outra perspectiva, as propriedades particulares das práticas indicaram grande potencial de assimilação de novas posturas e movimentos promovendo o resgate do corpo aos aspectos associados à cultura do movimento. O espaço dos corpos recebe investimentos na modificação de aspectos físicos e as práticas corporais acionam tecidos e órgãos antes adormecidos, proporcionando nova percepção do corpo e a modulação de novas hexis corporais. Assim, ao provocar alterações no estilo de vida o *habitus* reassume seu caráter estruturante capaz de se corresponder com as camadas superiores do modelo, neste caso a cultura e a saúde.

A representação do próprio corpo recebe detalhes ligados ao gosto pessoal e às atribuições físicas individuais, mas os discursos revelaram que é também neste corpo que se reproduzem as propriedades estruturais do espaço social. Nessa perspectiva, as questões relativas ao gênero demonstraram como a dominação masculina impõe sobre as mulheres a necessidade do cuidado estético que vai da escolha de acessórios à naturalização de distúrbios alimentares para manutenção do corpo esbelto. Contraditoriamente, as mulheres dispõem de pouco tempo para a vaidade dado o seu alto grau de comprometimento com as tarefas e afazeres domésticos, presentes em sua vida desde a infância.

O cuidado da mulher não se resume à casa mas às relações familiares como um todo, principalmente com os filhos, e estes receberam importantes representações em seus mapas. O devir materno, mesmo quando inesperado, é sinônimo de mudanças drásticas na rotina da mulher, que passa a se preocupar com o cuidar de si e do outro. Nos resultados, questões como a tripla jornada de trabalho (profissional, familiar e educacional) foram banalizadas e por vezes tidas como um processo natural.

Nesse sentido, ganham destaque a divisão sexual do trabalho, a construção social e cultural do masculino e do feminino, assim como os distintos modos de vida modulados pelas relações de gênero. O que contribui para a compreensão do fenômeno da violência sexual relatada por três participantes. Nestes casos, a dominação masculina foi explicitamente evidenciada e o corpo feminino objetificado sucumbe à desmoralizante conduta do homem, indicativo de um sistema desigual que expõe a mulher a piores condições de vida.

Destarte, a maneira pela qual as mulheres consomem as práticas promotoras da saúde possui uma lógica específica, resultado das funções impostas a elas: o trabalho, o cuidado doméstico e com os filhos. A distribuição desigual de poderes compromete o exercício dos direitos e faz com que as mulheres enfrentem problemas na esfera das oportunidades, provocando a assimetria entre as classes.

Da dicotomia entre dominador e dominado, os participantes revelaram que a luta contra o racismo é parte integrante do *habitus* do negro brasileiro. A dominação exercida sobre esta classe implica em desvantagens concretas para os agentes. Um contradiscurso de resistência é construído, caminhando principalmente para modos de convivência com o problema, indícios da internalização dos traços de dominação.

E, se são frágeis os mecanismos de promoção da igualdade de gênero, aumenta-se a carga de riscos quando a associamos à categoria raça, assim revela-se a interseccionalidade na vida da mulher negra. A negação da cultura negra impacta nos corpos, principalmente os femininos, que perpassam por uma angustiante busca pela estética branca antes da valorização dos seus traços naturais.

Contudo, mesmo ante as mais difíceis condições de injustiça o negro brasileiro não se vitimiza e por meio das práticas corporais encontra subsídio para resgate da cultura negra. A capoeira, proporciona a seus participantes o contato com os elementos da cultura afro-brasileira principalmente ligados à musicalidade. E a dança, por sua vez, recebe aporte principalmente das culturas de rua como a dança urbana e o hip-hop, movimentos maciçamente associado às culturas negras juvenis.

Nas práticas analisadas percebi a potencialidade de ampliação do direito de acesso à promoção da saúde, mais condizentes com a rotina das mulheres com atividades para adultos e crianças e trabalhadores, com o funcionamento noturno. Esse aspecto facilita não só a dedicação às práticas corporais, mas também o estabelecimento de novas relações com a cidade e o espaço urbano.

Por fim, mas não menos importante, as práticas corporais indicam possibilidades para promoção de uma cultura de paz ao proporcionarem o lazer aos jovens em contextos sociais desfavoráveis. Duas práticas com origens tão distintas como a dança e a capoeira convergem quando o assunto é a socialização e o contato com outros integrantes, que produzem *boas* influências fazendo com que elas sejam uma via alternativa à criminalidade.

O trabalho foi fundamental para desvelar os Centros Culturais como espaços promotores da saúde. Das inúmeras ações desenvolvidas, as práticas corporais destoam por sua diversidade e possibilidade de acesso a um grande número de participantes. Se por um lado o corpo manifesta os condicionantes sociais é também nele que percebo as singularidades de cada um dos agentes. As práticas corporais se mostraram locus importante para ampliação do capital cultural dos agentes, possibilitando a incorporação de novos estilos de vida e valorização de elementos ligados à cultura brasileira, principalmente às origens negras. Essa compreensão entrelaça os dados empíricos aos macrodeterminantes estruturais relacionados às condições econômicas, culturais, ambientais e de acesso à promoção da saúde.

Assim, confirma-se a *tese* de que as práticas corporais promovem mudanças nos corpos individuais e coletivos. No primeiro é possível evidenciar alterações da ordem física, bem como o estímulo ao consumo de outras práticas. Por sua vez, a

ampliação do capital cultural é determinada por um corpo coletivo, que reproduz relações estruturais em seu *habitus*.

Desde o princípio, trato por agentes àqueles com quem convivi durante a elaboração deste trabalho, sejam eles participantes ou não. Este fato ampliou meus olhares principalmente no reconhecimento das potencialidades dos agentes em atuar sobre seus corpos. Nesse sentido, o corpo-cidadão denota o quão emancipatória podem ser as livres-iniciativas na proposição e condução de práticas, que embasadas em demandas locais resgatam culturas e têm ampla participação.

Gostaria que este estudo contribuísse com a valorização das práticas corporais ligadas às raízes brasileiras. Apesar de conquistas no campo legal, as iniquidades raciais ainda são naturalizadas e o aprendizado da cultura negra desmistifica e amplia o acesso à história afro-brasileira. Do mesmo modo, o fomento a espaços públicos que funcionem em horários alternativos, à noite ou aos fins de semana podem facilitar o acesso daqueles que tem dificuldade em encontrar tempo em uma agenda de trabalho extenuante.

A complexidade existente entre os agentes e a estrutura fez deste um trabalho desafiador e, mais do que respostas suscitou em mim questionamentos: porque o estímulo às atividades físicas tradicionais ainda é mais comum, mesmo ante os benefícios das práticas corporais? Durante o trabalho de campo por vezes me questionei por que práticas motoras como caminhada, corrida, ou musculação são tão incitadas: seria por que são economicamente mais viáveis? Ou por que elas fortalecem o discurso culpabilizante? São evidências do contexto capitalista pós-moderno onde o individual excede-se sobre o coletivo?!

No campo da saúde me inquietam as possíveis barreiras institucionais enfrentadas para a divulgação das práticas corporais. O engajamento aos aspectos culturais pode esbarrar no racismo institucional como sinalizado na PNSIPN (BRASIL, 2017).

Os mapas corporais narrados foram utilizados com o propósito de compreender o corpo e as suas condições sociais, e pela possibilidade de trazer elementos culturais para o contexto da pesquisa científica. Os materiais produzidos se apresentaram como

uma fonte rica em dados imagéticos e discursivos, e estou certa de que suas possibilidades analíticas neste trabalho não foram exploradas em sua totalidade. Dito isso, ressalto que a técnica é dispendiosa em sentido econômico e temporal, e aconselho que estes aspectos sejam levados em consideração àqueles que pretendam replicá-la, principalmente ante o cenário econômico da pesquisa brasileira.

O referencial bourdieusiano mostrou-se extremamente profícuo aliado ao objeto do estudo, e sob esse prisma fui capaz de (re) conhecer os determinantes sociais da saúde no contexto das práticas corporais. Os *habitus* e as hexis corporais possibilitaram a análise do corpo, e transversalmente foram utilizados para compreensão das relações entre os agentes e a estrutura social.

Em síntese, reconhecer que o movimento de promoção da saúde requer a investigação tanto do agente quanto do mundo social é crucial para produzirmos mudança na saúde da população brasileira. É tratar com atenção os múltiplos determinantes que atuam sobre o agente, e que esses operam em consequência de um desenvolvimento sociopolítico e não se desenvolvem isoladamente.

As práticas corporais permitem aos agentes se expressarem e a ação do corpo transforma os sentimentos. Simultaneamente, a convivência facilita o enfrentamento dos desafios cotidianos e modifica os *habitus* de vida, criando possibilidades para o exercício da cidadania. Mesmo em cenários desfavoráveis as práticas corporais existem e resistem nos espaços da cidade intensificando relações e experiências de vida.

O que apresentei aqui é um relatório de pesquisa, uma parte pequenina das experiências vividas junto aos agentes, porque essa é individual e intransferível. Faltam palavras, e para finalizar, recorro aos versos sempre entoados com fervor ao final das rodas de capoeira.

*O mundo fica pequeno
Quando a roda começa
Expresso o meu sentimento
Deixo o meu corpo falar
Eu sou movido pela capoeira
Eu sou movido pelo berimbau*





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKERMAN, M. Podemos falar de ambiente e saúde, problematizando as conexões entre saúde e desenvolvimento? **Raega- O Espaço Geográfico em Análise**, v. 15, p. 43–53, 2008.

ALMEIDA FILHO, N. **A ciência da saúde**. São Paulo: Hucitec, 2000.

ASSUMPÇÃO, A. C. R. O balé clássico e a dança contemporânea na formação humana: caminhos para a emancipação. **Pensar a prática**, v. 6, p. 1–19, 2003.

AZEVEDO, V. et al. Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafios. **Revista de Enfermagem Referência**, v. Série IV, n. 14, set. 2017.

BANKS, M. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAPTISTA, T. J. R. Entre o corpo da consciência e a consciência do corpo: aproximações e distanciamento entre Hegel e Marx. **Revista Educativa-Revista de Educação**, v. 16, n. 1, p. 25–46, 2013.

BARATA, R. B. **Como e porque as desigualdades sociais fazem mal à saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009.

BEZERRA, C.C.; TAVARES, L.C.V. Capoeira: devir homem, devir animal. **PROMETEUS FILOSOFIA**, v. 9, n. 20, 2016.

BOLTANSKI, L. Les usages sociaux du corps. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**, n. 1, p. 205–233, 1971.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BOURDIEU, P. Remarques provisoires sur la perception sociale du corps. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 14, p. 51–54, abr. 1977.

BOURDIEU, P. **La distinction: critique sociale du jugement**. Paris: Les Editions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, P. Le capital social. Notes provisoires. **Actes de la recherches en sciences sociales**, n. 31, p. 2–3, jan. 1980.

BOURDIEU, P. Espace social et genèse des “classes”. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 52–53, p. 3–14, 1984.

BOURDIEU, P. Effet de champ et effet de corps. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 59, n. 1, p. 73–73, 1985.

BOURDIEU, P. **Choses dites**. Paris: Les Editions de Minuit, 1987.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

- BOURDIEU, P. Introduction à la socioanalyse. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 90, p. 3–5, dez. 1991.
- BOURDIEU, P. **Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action**. Paris: Seuil, 1994.
- BOURDIEU, P. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2 ed. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. Sobre as artimanhas da razão imperialista: **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 24, n. 1, p. 15–33, 2002.
- BOUTILIER, M.; CLEVERLY, S.; LABONTE, R. Community as a setting for health promotion. In: **Settings for health promotion: linking theory and practice**. Newbury Park (CA): SAGE Publications, 2000. p. 250–307.
- BRAGA, G. B.; FIÚZA, A. L. C.; REMOALDO, P. C. A. O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões. **Sociologias**, v. 19, n. 45, 26 jul. 2017.
- BRASIL. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Brasília: DF: Ministério de Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, 2006a.
- BRASIL. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**. Brasília-DF: Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, 2006b.
- BRASIL. **Racismo como determinante social de saúde**. Brasília: DF. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2011.
- BRASIL. **Glossário temático: promoção da saúde / Ministério da Saúde**. Brasília: DF. Ministério da Saúde: Ministério da Saúde: Secretaria de Vigilância em Saúde, 2012.
- BRASIL. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015.
- BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. Brasília: DF. Editora do Ministério da Saúde, 2007.
- BRASIL, M. DA S. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017.
- BUNTON, R.; NETTLETON, S.; BURROWS, R. **The sociology of health promotion: critical analyses of consumption, lifestyle and risk**. London: Taylor & Francis, 2005.
- BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 17, p. 77–93, abr. 2007.
- BYDŁOWSKI, C. R.; LEFÈVRE, A. M. C.; PEREIRA, I. M. T. B. Health promotion and citizenship: the perception of the teacher about citizenship. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 3, p. 1771–1780, mar. 2011.

- CAMINO, L. et al. A face oculta do racismo no Brasil: uma análise psicossociológica. **Revista Psicologia Política**, v. 1, p. 13–36, 2001.
- CAMPOS, H. J. B. C. DE. **Capoeira Regional: a escola de mestre Bimba**. [s.l.] Editor: EDUFBA, 2006.
- CAMPOS, L. A. Por uma sociologia crítica da crítica: relendo Lüc Boltanski a partir de Marhareth Archer. **Conferência da Associação Internacional para o Realismo Crítico**, 2009.
- CARVALHO, A. I. DE. Da Saúde Pública às Políticas Saudáveis — Saúde e Cidadania na Pós-modernidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 1, p. 104–121, 1996.
- CARVALHO, Y. M. DE. Atividade física, saúde e comunidade. **Revista Brasileira de Saúde da Família**, v. 7, p. 33–45, 2006.
- CARVALHO, S. R. **Saúde coletiva e promoção da saúde: sujeito e mudança**. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.
- COSTA, J. DE A. et al. Promoção da saúde e diabetes: discutindo a adesão e a motivação de indivíduos diabéticos participantes de programas de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 2001–2009, mar. 2011.
- CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. DE. **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009.
- DAHLGREN, G.; WHITEHEAD, M. **Policies and strategies to promote social equity in health**. Stockholm: Institute for future studies, 1991.
- DANTAS, M. De que são feitos os dançarinos de “aquilo...” criação coreográfica e formação de intérpretes em dança contemporânea. **Movimento**, v. 11, n. 2, p. 31–57, 2005.
- DESCARTES, R. **As paixões da alma**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- FEIJÓ, G. V. Metodologias de estudos da narrativa e do discurso na interpretação de fontes orais de história. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 6, n. 10, p. 01–26, 18 abr. 2018.
- FERREIRA NETO, J. L. et al. Processos da construção da Política Nacional de Promoção da Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 29, n. 10, p. 1997–2007, out. 2013.
- FONTOURA, A. R. R.; GUIMARÃES, A. C. DE A. História da capoeira. **Revista da Educação Física**, v. 13, n. 2, p. 141–150, 2002.
- FRAGA, A. B.; CARVALHO, Y. M. DE; GOMES, I. M. **As práticas corporais no campo da saúde**. São Paulo: Hucitec. 2013.
- FRIGEIRO, A. Capoeira: de arte negra a esporte branco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 4, n. 10, p. 85–98, 1989.
- GASTALDO, D. et al. **Body-Map Storytelling as research: methodological considerations for telling the stories of undocumented workers through body mapping**. Toronto: Creative Commons, 2012.

- GEIB, L. T. C. Determinantes sociais da saúde do idoso. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 135–152, set. 2012.
- GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GITAHY, R. R. C.; MATOS, M. L. A evolução dos direitos da mulher. **Colloquium Humanarum**, v. 4, n. 1, 2007.
- GOLDENBERG, M. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em movimento**, v. 2, n. 2, p. 115–123, 2006.
- GOODWIN, D. Aspectos éticos. In: **Pesquisa qualitativa na atenção a saúde**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 67–76.
- HEIDMANN, I. T. S. et al. Promoção à saúde: trajetória histórica de suas concepções. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 15, n. 2, p. 352–358, 2006.
- IPEA, I. DE P. E. A. **Saúde e educação são as prioridades dos brasileiros**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20859>. Acesso em: 7 dez. 2018.
- IUHPE. **22nd IUHPE World Conference on Health Promotion: Promotion Health and Equity**, 2016. Disponível em: <<http://www.iuhpeconference2016.com>>.
- JACCOUD, L. Racismo e república: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In: **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: Ipea, 2008. p. 45–64.
- JACOBI, P. R. Políticas sociais locais e os desafios da participação cidadina. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 7, n. 3, p. 443–454, 2002.
- JOSÉ, A. M. DE S. **Dança contemporânea: um conceito possível?** Educação e Contemporaneidade. **Anais...** In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL. São Cristóvão - SE: 2011
- KABAD, J. F.; BASTOS, J. L.; SANTOS, R. V. Raça, cor e etnia em estudos epidemiológicos sobre populações brasileiras: revisão sistemática na base PubMed. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 22, p. 895–918, 2012.
- KREUTER, M. W. et al. Achieving Cultural Appropriateness in Health Promotion Programs: Targeted and Tailored Approaches. **Health Education & Behavior**, v. 30, n. 2, p. 133–146, 1 abr. 2003.
- LAGUARDIA, J. Raça e epidemiologia: as estratégias para construção de diferenças biológicas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 1, p. 253–261, mar. 2007.
- LALONDE, M. **A new perspective on the health of Canadians: a working document**. Ottawa: Minister of Supply and Services Canada, 1974.
- LÊ BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Rio de Janeiro: Papyrus, 2003.
- LÊ BRETON, D. **L'adieu au corps**. [s.l.] Éditions Métailié, 2015.

- LOPES, I. DE O. **O discurso da comissão dos determinantes sociais da saúde: avanço político ou mudança retórica?** Dissertação (mestrado)—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.
- LOVISOLO, H. R. Em defesa do modelo JUBESA (juventude, beleza e saúde). In: BAGRICHEVSKY, M. et al. (Eds.). **A saúde em debate na educação física.** Blumenau: Nova Letra, 2006. p. 157–178.
- LUPTON, D. **The imperative of health: public health and the regulated body.** London: SAGE Publications, 1995.
- MADEIRA, F. B. et al. Estilos de vida, habitus e promoção da saúde: algumas aproximações. **Saúde e Sociedade**, v. 27, n. 1, p. 106–115, jan. 2018.
- MALTA, D. C. et al. O SUS e a Política Nacional de Promoção da Saúde: perspectiva resultados, avanços e desafios em tempos de crise. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 1799–1809, jun. 2018.
- MASON, J. **Qualitative researching.** London: SAGE Publications, 2002.
- MAUSS, M. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MEDEIROS, C. C. C. Habitus e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. **Movimento**, v. 17, n. 01, p. 281–300, mar. 2011.
- MELLO, A. S. A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA.** Ponta Grossa: [s.n.]. v. 8.
- MINAYO, M. C. DE S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** São Paulo: Editora Vozes, 2011.
- MINAYO, M. C. DE S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 01–12, abr. 2017.
- MONTAGNER, M. A. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciênc. Saúde Colet.**, v. 11, n. 25, p. 515–526, 2006.
- MORETTI, A. C. et al. Práticas Corporais/Atividade Física e políticas públicas de Promoção da Saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 346–354, 2009.
- MORGAN, A.; HAGLUND, B. J. Researching social capital for young people's health. **Socialmedicinsk tidskrift**, v. 89, n. 4–5, p. 441–57, 2012.
- MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa.** 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- MUGLIA-RODRIGUES, B.; CORREIA, W. R. Produção acadêmica sobre dança nos periódicos nacionais de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, p. 1–9, 2013.

OLIVEIRA, EB.; KESTENBERG, C.; SILVA, A. Saúde mental e o ensino sobre drogas na graduação em enfermagem: as metodologias participativas. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 11, n. 4, p. 722–727, 2007.

OMS. **Constituição da Organização Mundial da Saúde**. Nova York: Organização Mundial de Saúde, 1946.

OWEN, C.; UGOLOTTI, N. DE M. “Pra homem, menino e mulher?” Problematizing the gender inclusivity discourse in capoeira. **International Review for the Sociology of Sport**, nov. 2017.

PAIM, J. et al. O sistema de saúde brasileiro: história, avanços e desafios. **The Lancet**, Saúde no Brasil. v. 377, n. 9779, p. 1778–1797, 2011.

PAIS, J. M. Jovens e cidadania. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 49, 2005.

PAIVA, C. E. O habitus do corpo: futebol e negritude no Brasil. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 17, 2013.

PASSEGGI, M. DA C. Pierre Bourdieu: da “ilusão” à “conversão” autobiográfica. **Revista da FAEBA- Educação e Contemporaneidade**, v. 23, n. 41, p. 223–235, jun. 2014.

PASSOS NOGUEIRA, R. Determinantes, determinação e determinismo sociais. **Saúde em Debate**, v. 33, n. 83, 2009.

PBH, (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE). **Centros Culturais**, 2016. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaocultura&tax=6782&lang=pt_BR&pg=5520&taxp=0>.

PETERSON, J. A ‘Race’ for Equality: Print Media Coverage of the 1968 Olympic Protest by Tommie Smith and John Carlos. **American Journalism**, v. 26, n. 2, p. 99–121, abr. 2009.

POSSAS, C. **Epidemiologia e sociedade: heterogeneidade estrutural e saúde no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1989.

RAPHAEL, D. Getting serious about the social determinants of health: new directions for public health workers. **Promotion and Education**, v. 15, n. 3, p. 15–20, 2008.

RIBEIRO, D. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 13, n. 24, p. 99–104, 2016.

RIBEIRO, D. **Mulheres e esporte: Movimento é vida**. [s.l.] Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil, 2017.

RODRIGUES, R. A educação de corpo e alma como elemento para a produção do sujeito saudável. **Trabalho, educação e Saúde**, v. 13, n. 1, p. 13–30, 2015.

ROPA, E. C. A dança urbana ou sobre a resiliência do espírito da dança. **Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Tradução de Milton de Andrade. v. 2, n. 19, p. 115–121, 2012.

- ROSE, G. **Visual methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials**. London: SAGE Publications, 2001.
- ROUX, A. V. D. Conceptual approaches to the study of health disparities. **Annual Review of Public Health**, n. 33, p. 41–58, 2012.
- SANTOS, M. **Espaço e método**. 5 ed. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- SANTOS, T. C. **A Campanha #somostodosmacacos de Neymar: uma reflexão sobre o racismo no futebol**. 4^o Congresso Internacional em Comunicação e Consumo. **Anais...**São Paulo: 2014.
- SCARTEZINI, N. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, v. 14, p. 25–37, 2011.
- SHOKOUH, S. M. H. et al. Conceptual Models of Social Determinants of Health: A Narrative Review. **Iranian Journal of Public Health**, v. 46, n. 4, p. 435–446, abr. 2017.
- SILVA, V. G. DA. **Artes do corpo**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2004. v. 2
- SILVA, G. O. DO V. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **Informare- Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf**, v. 1, n. 2, p. 24–36, dez. 1995.
- SIQUEIRA, K. M. et al. Crenças populares referentes à saúde: apropriação de saberes sócio-culturais. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 15, n. 1, p. 68–73, mar. 2006.
- SOUZA, E. F. A. A. DE; LUZ, M. T. Bases socioculturais das práticas terapêuticas alternativas. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 16, n. 2, 2009.
- STANLEY, D. **Recondita Armonia: A Reflection on the Function of Culture in Building Citizenship Capacity**. Strasbourg: Council of Europe, 2006.
- THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 1, p. 27–53, fev. 2006.
- TRAVERSO-YÉPEZ, M. A. Dilemas na promoção da saúde no Brasil: reflexões em torno da política nacional. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, p. 223–238, ago. 2007.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- UNESCO, (UNITED NATIONS EDUCATIONAL SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION). Roda de Capoeira. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/brasilia/about-this-office/single-view/news/capoeira_becomes_intangible_cultural_heritage_of_humanity>. Acesso em: 16 dez. 2016.
- VALLE, I. R. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. **Educação e Pesquisa**, v. 33, n. 1, p. 117–134, abr. 2007.

WEINBERG, R. et al. Motivation for youth participation in sport and physical activity: relationships to culture, self-reported activity levels, and gender. **Int. J. Sport Psychol.**, v. 31, p. 321–346, 2000.

WHO. **The Ottawa Charter for Health Promotion**, 1986. Disponível em: <<[http://www.who.int/healthpromotion /conferences/previous/ottawa/en/](http://www.who.int/healthpromotion/conferences/previous/ottawa/en/)>>.

WHO. **Recomendaciones mundiales sobre actividad física para la salud**. Switzerland: World Health Organization, 2010a.

WHO. **A conceptual framework for action on the social determinants of health**. Geneva: World Health Organization, 2010b.

WILKINSON, R.; MARMOT, M. (EDS.). **Social determinants of health: the solid facts**. 2. ed. Copenhagen: World Health Organization, 2003.

YUILL, C. Marx: capitalism, alienation and health. **Social Theory & Health**, v. 3, p. 126–143, 2005.

APÊNDICES

Apêndice A- Roteiros para condução dos encontros

Roteiro semiestruturado para o primeiro encontro

Encontro 1: A prática e a sua relação com o corpo e a saúde	
Introdução ao mapa corporal	
Finalidade	Introduzir o mapa corporal e relacioná-lo aos objetivos da pesquisa Romper com quaisquer intimidações ligadas ao processo “artístico” Introduzir os materiais e demonstrar como cada um pode ser utilizado.
Roteiro semi-estruturado para apoiar o exercício	Como parte do projeto de pesquisa irei utilizar o corpo como ponto de partida para relacionar as práticas corporais e as relações entre as classes sociais. Juntos, nós vamos desenhar o seu corpo e o mundo onde você vive. Para isso utilizaremos uma série de materiais como tinta, lápis de cor, tecido, cola e outros. Você não precisa ter constrangimento de realizar este trabalho, eu estou aqui para ajudá-lo. A coisa é mais importante é que você esteja focado e aprecie o processo. Você tem alguma questão?
Exercício 1: traçar o corpo	
Finalidade	Traçar um contorno do corpo do participante na postura que ele mais se identifique em relação à prática corporal.
Roteiro semi-estruturado para apoiar o exercício	O primeiro passo para criar o mapa corporal é traçar o formato do seu corpo nesse grande tecido. Por favor, remova seus sapatos ou qualquer roupa/acessório excessivo que você possa ter (Por exemplo: chapéu/boné, blusa/jaqueta volumosa, bolsa etc). Eu gostaria que você pensasse sobre a posição ou a postura que melhor representa quem você é e como você se sente em relação ao seu corpo e a prática que você faz. Qual a posição corporal que melhor te representa como participante da capoeira ou da dança? Enquanto traço o seu corpo, se pergunte: essa prática modificou o seu corpo? Se sim, como?
Exercício 2: Falar sobre a relação entre a prática corporal, corpo e saúde	
	Agora nós vamos sintetizar algumas experiências relacionadas à sua vivência junto a essa prática corporal. Quais símbolos vêm à sua mente quando você pensa sobre a prática? Quais tipos de figuras, símbolos ou imagens representam sua vida como praticante dessa atividade? Como essa prática corporal modificou seu corpo? Qual é a sua relação com o seu corpo e a sua saúde? Como é a sua saúde? Como você gostaria de representar a sua saúde? Agora, se você olhar o seu mapa corporal da cabeça aos pés, você poderia identificar alguma marca específica no seu corpo que esteja ligada à sua saúde (no passado ou no presente)? Como essas marcas surgiram? O quê aconteceu? No dia a dia, como você faz para cuidar da sua saúde? Você pratica ou conhece alguma prática que promove saúde?
Para casa: símbolo pessoal e slogan (frase que te represente)	
Em poucas palavras fale para mim: qual mensagem o seu mapa corporal transmite para você hoje?	

Roteiro semiestruturado para o segundo encontro

Encontro 2: A prática corporal e a sua relação com as condições de vida	
Exercício 1: Símbolo pessoal e slogan	
Finalidade	Representar a singularidade dos participantes de práticas corporais usando um símbolo que tenha significado para ele.
Roteiro semi-estruturado para apoiar o exercício	Qual o símbolo pessoal e slogan você escolheu? Você poderia explicar o significado do seu símbolo e slogan? Onde no seu mapa corporal você gostaria de colocar esses símbolos e porquê?
Exercício 2: Falar sobre a relação entre a prática e as condições de vida	
Finalidade	Representar visualmente as condições de vida do participante
Roteiro semi-estruturado para apoiar o exercício	Por meio deste exercício eu pretendo capturar as suas condições de vida, seu contexto social e como a prática se relaciona a sua vida. Agora eu quero que você pense sobre essa prática corporal e o seu cotidiano. Quais símbolos ou imagens representam essa jornada? (Por exemplo: um alimento, uma roupa, um lugar). Como você concilia essa prática com suas atividades rotineiras (Por exemplo: o trabalho, as tarefas domésticas, os estudos) No momento, você trabalha/exerce alguma atividade remunerada? Como é o seu trabalho? Quantas horas por semana você se dedica ao trabalho? Você dedica normalmente por semana aos afazeres domésticos? Quantas horas Sobre a sua casa, como é a sua moradia (casa própria, alugada...)? Sua residência é próxima desse espaço? Se não, o que te motiva a vir até aqui? Por favor, descreva como você vive atualmente. Qual é a sua relação com a comunidade onde você vive, trabalha, estuda?
Exercício 3: Autorretrato	
Roteiro semi-estruturado para apoiar o exercício	Nós dois temos as características físicas similares (Por exemplo: olhos, nariz, boca), ainda assim nós somos diferentes e o nosso rosto representa algumas dessas diferenças. Eu gostaria que você apreciasse seu rosto no espelho. Você poderia representar seu rosto? Da maneira que melhor lhe convier: do jeito que você se vê, ou de uma forma mais simbólica?
Para casa: elabore uma mensagem para os outros	
Em poucas palavras fale para mim: qual mensagem o seu mapa corporal transmite para você hoje	

Roteiro semiestruturado para o terceiro encontro

Encontro 3: Estruturas de apoio dos agentes/ Finalização do mapa	
Exercício 1: Mensagem aos outros	
Finalidade	Aprender a mensagem que o participante gostaria de deixar para os colegas da prática e para público em geral sobre a sua experiência.
Roteiro semi-estruturado para apoiar o exercício	Dado tudo que nós temos discutido nos dois últimos encontros em relação às práticas corporais, o seu corpo, a sua saúde e as suas condições de vida, eu gostaria que você pensasse sobre a sua experiência como um participante desta prática. Qual mensagem você gostaria de dar para os seus colegas sobre a sua experiência? Por que é importante que outras pessoas saibam disso? Onde no seu mapa corporal você gostaria de colocar essa mensagem?
Exercício 2: Explorando o corpo	
Finalidade	Localizar e visualizar de onde vem o poder e força pessoal dos participantes. Representar dificuldades vivenciadas no cotidiano.
Roteiro semi-estruturado para apoiar o exercício	Neste exercício, eu quero que você explore todos os aspectos da sua vida social. Isso inclui questões ligadas às suas relações sociais e o uso de serviços e dispositivos sociais. Você alguma vez enfrentou desafios na sua vida social, espiritual ou emocional que te marcou? Que tipo de dificuldades/desafios foram esses? (Por exemplo: preconceito de alguma espécie). Agora eu gostaria que você pensasse sobre como você foi capaz de enfrentar esses desafios? A prática corporal te ajuda nesse sentido?
Exercício 3: estruturas de suporte	
Finalidade	Identificar pessoas-chave, instituições, agências ou outras estruturas de suporte que auxiliem o participante nos dilemas do dia-a-dia
Roteiro semi-estruturado para apoiar o exercício	Neste exercício, eu gostaria que você identificasse pessoas, grupos ou coisas na sua vida que ofereceram apoio ou te ajudaram a lidar com esses desafios. Quem te ofereceu esse apoio? (Pode ser uma organização, uma pessoa, a sua espiritualidade.) Como essas pessoas demonstraram seu apoio? O que este apoio significa para você?
Exercício 4: Desenhando o futuro	
Finalidade	Explorar os objetivos futuros do participante em relação à prática
Roteiro semi-estruturado para apoiar o exercício	Finalmente, eu gostaria que você pensasse sobre o seu futuro. O que você gostaria que acontecesse? Onde você acha que estará? Você se vê praticando essa atividade no futuro? Como você imagina seu futuro realizando essa prática? Qual é a sua visão, seu objetivo, ou seu sonho?
Exercício 5: História do mapa do participante	
Finalidade	Capturar a experiência do participante e como ele gostaria de ser representado para os outros.
Roteiro semi-estruturado para apoiar o exercício	Agora, eu gostaria que você olhasse o seu mapa corporal por alguns minutos e pensasse sobre o que ele diz.

Exercício final: Decorando e finalizando	
Finalidade	Dar ao participante de analisar o seu trabalho e identificar se existem possíveis lacunas ou elementos faltando
Roteiro semi-estruturado para apoiar o exercício	<p>O mapa corporal está quase pronto.</p> <p>Essa é a sua oportunidade de adicionar algum símbolo ou conexão que você julgue importante ser incluído para a sua história enquanto participante dessa prática corporal.</p> <p>Ficou faltando alguma coisa?</p> <p>Teria alguma coisa que você gostaria que eu adicionasse ou mudasse para você?</p>
Fale para mim: qual história o seu mapa corporal está contando?	

Apêndice B- Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a),

O Sr.(a), está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **“Práticas corporais no campo da promoção da saúde”**. Nesta pesquisa temos por objetivo **analisar as práticas corporais e a sua determinação social**.

Para participar deste estudo o Sr. (a) não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, valendo a desistência a partir da data de formalização desta. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade. A entrevista/oficina será áudio-gravada para garantir a reprodução fidedigna das suas opiniões sobre as questões perguntadas. Os riscos identificados no desenvolvimento dessa pesquisa referem-se a possíveis desconfortos para responder a entrevista, caso o Sr. (a) não se sinta confortável você deve relatar à pesquisadora imediatamente para a suspensão da entrevista. O (A) Sr. (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo. Os benefícios da pesquisa se referem à possibilidade da produção do conhecimento sobre a temática.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu fui informado (a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa **“Práticas corporais no campo da promoção da saúde”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar.

Nome completo do participante

Assinatura do participante

Data

Nome completo do Pesquisador Responsável: Kênia Lara Silva

Endereço: Avenida Professor Alfredo Balena, nº 190, sala 508, Santa Efigênia

CEP: 30130-100 / Belo Horizonte – MG

Telefones: (31) 3409-9181

E-mail: kenialara17@gmail.com

Assinatura da pesquisadora responsável- Kênia Lara Silva

Assinatura da pesquisadora (doutoranda)- Juliana Alves Viana Matos

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592.



ANEXOS

Anexo A- Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Projeto: CAAE 55687616.7.0000.5149

Interessado(a): Profa. Kênia Lara Silva
Departamento de Enfermagem Aplicada
Escola de Enfermagem- UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 18 de maio de 2016, o projeto de pesquisa intitulado "**Práticas corporais no campo da promoção da saúde**" bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto através da Plataforma Brasil.

Profa. Dra. Telma Campos Medeiros Lorentz

Coordenadora do COEP-UFMG

Anexo B- Autorização da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte



Fundação Municipal de Cultura
Diretoria de Ação Cultural Regionalizada
Departamento de Coordenação de Centros Culturais

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Belo Horizonte, 4 de abril de 2016.

Prezados senhores,

Informamos que o Departamento de Coordenação dos Centros Culturais (DPCC) tem ciência do projeto acadêmico PRÁTICAS CORPORAIS NO CAMPO DA PROMOÇÃO DA SAÚDE, coordenado pela profa. Kênia Lara Silva, a ser desenvolvido pela sra. Juliana Alves Viana Matos, cujas pesquisas de campo serão realizadas em um ou mais centros culturais gerenciados por nós. Quais sejam:

- | | |
|---------------------------------|--------------------|
| a) Alto Vera Cruz | i) São Bernardo |
| b) Bairro das Indústrias | j) São Geraldo |
| c) Jardim Guanabara | k) Urucuia |
| d) Liberalino Alves de Oliveira | l) Venda Nova |
| e) Lindeia Regina | m) Vila Fátima |
| f) Padre Eustáquio | n) Vila Marçola |
| g) Pampulha | o) Vila Santa Rita |
| h) Salgado Filho | p) Zilah Spósito |

Afirmamos que fomos devidamente orientados sobre a finalidade e o objetivo do estudo, bem como da utilização dos dados exclusivamente para fins científicos, sendo garantidos aos participantes o anonimato e o sigilo.

Nesse sentido, vimos, por meio desta, declarar a nossa anuência a tais atividades, colocando-nos à disposição, no que for possível, para a garantia de seu total êxito.

Sem mais, despedimo-nos

Atenciosamente,

Frederico Diniz Oliveira

Departamento de Coordenação dos Centros Culturais

Frederico Diniz Oliveira - Mat. 0232-5
Chefe de Dep. de Coordenação dos Centros Culturais
DPCC-FMC

À
Escola de Enfermagem da UFMG
CAPITAL

ERRATA

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
10	2	Body practices for health promotion: viewpoints about the body and the social determinants	Body practices: the citizen-body as an expression of health promotion